

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA**  
**LINHA DE PESQUISA:**  
**EDUCAÇÃO AMBIENTAL, JUVENTUDE, ARTE E ESPIRITUALIDADE**

***AS CONTRIBUIÇÕES DE  
PARAMAHANSA YOGANANDA  
À EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA***  
***Superando a Fragmentação do Pensamento  
do Sujeito na Ação Ambientalista***

**JOSÉ ARNÓBIO ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA**

**Fortaleza - CE**  
2007

**JOSÉ ARNÓBIO ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DE  
PARAMAHANSA YOGANANDA  
À EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA**

***Superando a Fragmentação do Pensamento  
do Sujeito na Ação Ambientalista***

**Fortaleza - CE**

2007

**JOSÉ ARNÓBIO ALBUQUERQUE DE OLIVEIRA**

**AS CONTRIBUIÇÕES DE  
PARAMAHANSA YOGANANDA  
À EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA**  
*Superando a Fragmentação do Pensamento  
do Sujeito na Ação Ambientalista*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, com vistas a obter o título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. João Batista de A. Figueiredo

**Fortaleza - CE**

2007

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

***AS CONTRIBUIÇÕES DE  
PARAMAHANSA YOGANANDA  
À EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA  
Superando a Fragmentação do Pensamento  
do Sujeito na Ação Ambientalista***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará – UFC, com vistas a obter o título de Mestre.

### **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Batista de A. Figueiredo

---

Prof. Dr. Antônio Fernandes Siqueira  
Examinador externa

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Angela Maria Bessa Linhares  
Examinadora interna

Fortaleza, 13 de agosto de 2007

*À minha mãe, Isabel, que me ensinou a verdade do Amor.  
A meu pai, Expedito, que me ensinou o amor à Verdade.*

## AGRADECIMENTOS

Meus eternos agradecimentos a Paramahansa Yogananda, que me ajudou a desvelar horizontes jamais sonhados.

Agradeço, também, ao Professor Huberto Rohden pelo rigor do pensamento e pela orientação para trilhar o caminho espiritual com atitude científica.

Meus agradecimentos devem ser dirigidos com muita ênfase à Sociedade Brasileira, pois vem financiando meus estudos desde as séries iniciais, oferecendo gratuitamente, sobretudo na graduação e na pós-graduação, educação de qualidade, por meio de um corpo docente de privilegiada formação.

Por igual, expresso gratidão aos bandeirantes da espiritualidade que atuam no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, pois ousaram oferecer a oportunidade do desenvolvimento de estudos e pesquisas numa área que fará muita diferença numa conturbada era, exigindo muito mais do que a técnica para proporcionar às futuras gerações um mundo melhor.

Especialmente, sou grato ainda ao Prof. Dr. João Batista de Albuquerque Figueiredo, que abraçou a orientação deste trabalho apostando no potencial de uma contribuição relevante para a educação brasileira.

Sou penhoradamente agradecido a todos os amigos e companheiros de jornada que compartilham comigo os ideais de uma vida realizada através das alegrias do Espírito.

Ao Pai, Amigo e Bem Amado Deus, os agradecimentos pela generosidade de compartilhar comigo uma réstia da Luz que perfaz o Todo.

*“Após um treinamento completo, os estudantes desse tipo de escola devem fazer um contínuo exame introspectivo, durante a vida inteira; os vários diplomas conquistados serão saúde, prestígio, eficiência, riqueza e felicidade.”*  
*(Paramahansa Yogananda)*

## RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão atualizada sobre o estado dos problemas ecológico-ambientais, por meio de pesquisa bibliográfica profunda e abrangente. Buscando compreender como são plasmados os valores que influenciam a mentalidade coletiva, encontrou-se, em muitos autores que estudaram a questão dos paradigmas, respostas consistentes sobre o sentido de existência vigente. Compreendeu-se que os paradigmas cartesianos, inaugurados por René Descartes (1596-1650), sustentam um modelo existencial de caráter fragmentário e desintegrado que predomina na presente Era, cuja tendência é a exploração irracional dos recursos naturais. O paradigma quântico, importante referência teórica para a perspectiva holística, constitui uma concepção emergente desde as descobertas da Física no início do século XX e aponta para o uso equilibrado das riquezas naturais, sem colocar em risco a sobrevivência dos ecossistemas que sustentam a vida no Planeta. O principal objetivo do trabalho foi investigar o potencial de contribuição do educador indiano Paramahansa Yogananda à Educação Ambiental, na elaboração de uma cosmovisão capaz de guiar a consciência humana ao entendimento de sua natureza integrada, mediada por uma pedagogia científica não dogmática e não sectária, e orientar o ser humano para o usufruto equilibrado das riquezas naturais. A conclusão foi de que sua “escola de como viver”, fundamentada nos princípios da ciência da ioga, tem o potencial de atender esses requisitos.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Paramahansa Yogananda

## **ABSTRACT**

The aim of this work is to present an updated reflection concerning the state of environmental ecological problems through a deep and wide-ranging bibliographical research. In search to understand how molded the values which influence the collective mentality was it was found in many authors who studied the questions of the paradigms consistent answers on the sense of current existence. It was then understood that the Cartesian paradigms, inaugurated by René Descartes (1596-1650), support an existential model of fragmentary and disintegrated character which predominates in the present Era and whose tendency is the irrational exploitation of natural resources. The quantum paradigm, which is an important theoretical reference for the holistic perspective, has constituted an emergent conception since the discovery of physics in the early twenties and it also points at a balanced use of natural resources without any risk to the surviving of ecosystems which support life in our Planet. The main goal of this research was to investigate the potential of contribution of the Indian educator Paramahansa Yogananda to Environmental Education, in the elaboration of a cosmo vision which is able to guide the human conscience to the understanding of his integrated nature mediated by a scientific non-dogmatic and non-sectarian pedagogy, in order to orient the human being for a balanced usufruct of natural resources. The conclusion was that his "how to live school", which is based on the principles of the science of yoga, has the potential of attending such requisites.

Key-words: Environmental Education; Paramahansa Yogananda

# SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>PRIMEIRAS SONDAGENS.....</b>	<b>11</b>
<b>ENVOLVIMENTO COM O AUTOR ESTUDADO E SUA RELAÇÃO COM A TEMÁTICA DO TRABALHO .....</b>	<b>15</b>
<b>DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E DO TEMA.....</b>	<b>19</b>
<b>JUSTIFICATIVA DO TRABALHO.....</b>	<b>25</b>
<b>OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>27</b>
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....</b>	<b>27</b>
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>27</b>
<b>CAPÍTULO 2 – DOS PARADIGMAS CIENTÍFICOS AOS METAPARADIGMAS CIVILIZATÓRIOS.....</b>	<b>30</b>
<b>PARADIGMAS: AFLUÊNCIA INCESSANTE DOS CAMINHOS E DESCAMINHOS DA HUMANIDADE .....</b>	<b>30</b>
<b>MUDANDO PARA EVOLUIR .....</b>	<b>32</b>
<b>METAPARADIGMAS CIVILIZATÓRIOS .....</b>	<b>33</b>
<b>METAPARADIGMA CARTESIANO.....</b>	<b>34</b>
<b>CRÍTICAS AO “COGITO” DE DESCARTES .....</b>	<b>38</b>
<b>BACON E SEU PROJETO DE EXPROPRIAÇÃO DA NATUREZA .....</b>	<b>39</b>
<b>ISAAC NEWTON E O PREVISÍVEL MECANISMO UNIVERSAL .....</b>	<b>40</b>
<b>METAPARADIGMA QUÂNTICO.....</b>	<b>42</b>
<b>OS PARADOXOS DO METAPARADIGMA QUÂNTICO.....</b>	<b>44</b>
<b>DUALIDADE DA MATÉRIA .....</b>	<b>46</b>
<b>NOVA PERCEPÇÃO DA NATUREZA DA MATÉRIA.....</b>	<b>47</b>
<b>DIVERSIDADE, COMPLEXIDADE E HORIZONTES DO METAPARADIGMA QUÂNTICO .....</b>	<b>50</b>
<b>O PROCESSO DEPURATIVO-TRANSFORMATIVO DE PARADIGMAS CIENTÍFICOS .....</b>	<b>52</b>
<b>REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DEPURATIVO-TRANSFORMATIVO DE METAPARADIGMAS .....</b>	<b>56</b>
<b>CAPÍTULO 3 – OS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA .....</b>	<b>62</b>
<b>DESALIAENAÇÃO DO CONHECIMENTO FRAGMENTADO.....</b>	<b>62</b>
<b>O PARADIGMA HOLÍSTICO.....</b>	<b>64</b>
<b>A PERCEPÇÃO HOLÍSTICA COMPREENDENDO A RELAÇÃO SIMBIÔNTICA NATUREZA - SER HUMANO.....</b>	<b>67</b>
<b>A HIPÓTESE GAIA.....</b>	<b>69</b>
<b>DESTINO DE GAIA E SINA DO SER HUMANO EM SUA AVENTURA TELÚRICA.....</b>	<b>70</b>
<b>INVESTIGAÇÃO DA HISTÓRIA DA PERSPECTIVA HOLÍSTICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL .....</b>	<b>72</b>
<b>CRÍTICAS AO HOLISMO DESAGUANDO EM NOVAS PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA.....</b>	<b>75</b>

<b>CONGLOBAÇÃO DAS CRÍTICAS E DAS DIVERSAS CORRENTES DE EDUCAÇÃO</b>	
<b>AMBIENTAL .....</b>	<b>82</b>
<b>CORRENTE NATURALISTA .....</b>	<b>84</b>
<b>CORRENTE CONSERVACIONISTA/RECURSISTA.....</b>	<b>85</b>
<b>CORRENTE RESOLUTIVA.....</b>	<b>86</b>
<b>CORRENTE SISTÊMICA.....</b>	<b>86</b>
<b>CORRENTE CIENTÍFICA .....</b>	<b>87</b>
<b>CORRENTE HUMANISTA.....</b>	<b>87</b>
<b>CORRENTE MORAL/ÉTICA.....</b>	<b>88</b>
<b>CORRENTE BIO-REGIONALISTA.....</b>	<b>89</b>
<b>CORRENTE PRÁXICA .....</b>	<b>89</b>
<b>CORRENTE DE CRÍTICA SOCIAL.....</b>	<b>90</b>
<b>CORRENTE FEMINISTA .....</b>	<b>91</b>
<b>CORRENTE ETNOGRÁFICA .....</b>	<b>91</b>
<b>CORRENTE DA ECO-EDUCAÇÃO.....</b>	<b>92</b>
<b>CORRENTE DA SUSTENTABILIDADE .....</b>	<b>92</b>
<b>PERSPECTIVA ECO-RELACIONAL.....</b>	<b>93</b>

<b>CAPÍTULO 4 - CONTRIBUIÇÕES DE PARAMAHANSA YOGANANDA À PERSPECTIVA HOLÍSTICA.....</b>	<b>101</b>
---	------------

<b>DA ILUSÃO SEPARATISTA À ARTE DA VIDA EQUILIBRADA.....</b>	<b>101</b>
<b>O CONHECIMENTO DO TODO.....</b>	<b>107</b>
<b>O RETORNO AO SAGRADO NÃO SECTÁRIO E NÃO DOGMÁTICO, DIRIGINDO UM SENTIDO DE EXISTÊNCIA UNIVERSAL.....</b>	<b>115</b>
<b>O SUJEITO QUE QUER GOZAR O GOZO.....</b>	<b>117</b>
<b>A DIVINDADE UNIVERSALIZADA EM TODAS AS CRIATURAS .....</b>	<b>120</b>
<b>EM BUSCA DE UM SENTIDO DE EXISTÊNCIA .....</b>	<b>122</b>
<b>PAVIMENTAÇÃO DOS CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO HOLÍSTICA.....</b>	<b>130</b>
<b>A “ESCOLA DE COMO VIVER” DE PARAMAHANSA YOGANANDA.....</b>	<b>144</b>
<b>O DOMÍNIO SOBRE OS HÁBITOS NA “ESCOLA DE COMO VIVER” .....</b>	<b>148</b>
<b>AUSÊNCIA DE ATENÇÃO AO MOMENTO PRESENTE .....</b>	<b>150</b>
<b>INFLUÊNCIA SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DE HÁBITOS .....</b>	<b>150</b>
<b>ELIMINAÇÃO DOS MAUS HÁBITOS .....</b>	<b>151</b>
<b>COMO DESENVOLVER BONS HÁBITOS.....</b>	<b>152</b>
<b>A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA NA “ESCOLA DE COMO VIVER” .....</b>	<b>153</b>

<b>CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>156</b>
--	------------

<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>167</b>
--------------------------	------------

# CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

*A verdadeira educação não é injetada à força desde fontes exteriores. Ao contrário, ajuda a trazer à superfície a infinita reserva de sabedoria interior.*  
(Rabindranath Tagore<sup>1</sup>)

## PRIMEIRAS SONDAGENS

Sempre que se pensa hoje a questão ambiental, a primeira idéia que vem à cabeça é a de crise. Capra, remontando à cultura chinesa, lembra que aí a palavra crise envolve tanto um natural sentido negativo, como também um surpreendente sentido positivo: “O termo que eles usam para ‘crise’, *wei-ji*, é composto dos caracteres: ‘perigo’ e ‘oportunidade’”. (CAPRA, 2005, p.24).

Por não ter sido ainda superada, na verdade, sequer alcançado o ápice, a crise ambiental, que se arrasta há décadas, vem carregando principalmente a cristalina idéia de “perigo”. De forma generalizada, a visão que se conecta à questão ambiental está sempre relacionada a eventos de cunho escatológico, envolvendo quadros dantescos de catástrofe, calamidade e horror.

Apesar disso, todos os dias, no céu, na terra e no mar, se acumulam novas ações nocivas ao meio ambiente, protegidas por legislações criadas para garantir a continuidade das atividades econômicas, contando-se apenas com uma limitada capacidade auto-regenerativa da Natureza.

Circulam no mundo mais de 500 milhões de carros queimando petróleo (OLIVEIRA, 2000, p.59). Em toda parte são despejadas toneladas de dióxido de carbono na atmosfera, com efeitos sobre a qualidade do ar e da água. Há décadas que os rios, em todo o mundo, recebem os rejeitos químicos da indústria, esgotos e lixo das grandes cidades e o caldo químico dos campos contaminados com os defensivos da agricultura. Quanto de óleo das bacias petrolíferas já se derramou nos oceanos, em diversos acidentes com petroleiros? Na terra, onde se vê degradação nas áreas concentradas de aglomerados populacionais e a derrubada criminosa de extensas florestas, a situação não é igualmente animadora.

---

<sup>1</sup> Poeta indiano, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1913

A grande Irmã Natureza partilha generosamente seus frutos com todos os seres vivos, mas é sugada pelo ser humano de um modo desproporcional à sua capacidade criadora. Na Amazônia brasileira, somente dos anos 1970, quando se iniciou a ocupação intensiva da região, até 2005, foram desmatados 67 milhões de hectares de florestas (REVISTA VEJA, 2005). Sobre o assunto, Mikhail Gorbachev apresenta um quadro similar:

Segundo a opinião dos especialistas, estamos vivendo a mais séria crise que o Planeta conheceu, pior do que aquela que levou a extinção dos dinossauros, há 65 milhões de anos. Os cientistas supõem que o número de espécies vivas no Planeta seja de 12,5 milhões, mas somente 1,7 milhão delas foram descritas. É gravíssimo que, somente entre as espécies conhecidas por nós, 12% estejam em fase de extinção. Trinta mil espécies de plantas e animais desaparecem a cada ano.

Estamos falando não só de tigres, elefantes ou baleias, que provocam compaixão nas crianças e nos adultos e que o homem tenta preservar ao menos nos zoológicos, mas falamos, em primeiro lugar, de inúmeras centopéias, caracóis, pássaros, insetos. Um hectare de florestas tropicais contém mais espécies de plantas do que toda a Europa, do Atlântico até os Urais; há milhões de plantas e seres vivos. Mantido o ritmo com o qual o Brasil desmata a floresta amazônica e a Indonésia derruba suas árvores em Bornéu e Sumatra, no máximo até o fim do século perderemos a metade de toda a biodiversidade do Planeta. (GORBACHEV, 2003, p.60).

Na época da guerra fria, o inimigo declarado era o provável uso dos estoques de armamentos das grandes potências e a inescapável hecatombe nuclear. Hoje já está claro que o verdadeiro inimigo da humanidade age furtivamente dentro dos lares, em cada caloria desnecessária levada à boca, em cada objeto fútil e supérfluo adquirido na liquidação, transformado em necessidade por conta de bem elaboradas estratégias de *marketing*. “Nesse mundo, proliferam as necessidades materiais, com o resultado de desejarmos não o progresso espiritual, mas sim, mais coisas, maiores e melhores: carros maiores, casas melhores, as últimas modas”. (GOSWAMI, 2003, p.33). Essa é a ponta que alimenta a degradação ambiental por meio das indústrias, fábricas, escritórios e da infra-estrutura criada para escoar a produção. Manter sempre crescente o consumo de algum grupamento é um dos motores de todas as guerras.

O progresso técnico-científico é mais parte do problema do que da solução. Por se acreditar, desde Bacon (2000), em suas promessas de formidável paraíso oriundo do desenvolvimento da arte de expropriar da Natureza seu último vintém, é que o ser humano se enredou nessa grande enrascada. O que temos como sinal de progresso são justamente esses instrumentos de derrocada do meio ambiente: máquinas potentes, meios de comunicação sofisticados, armamentos eficientes e meios de transporte confortáveis, mas que agora estão apresentando a pesada conta da degradação promovida durante décadas.

Como não se faz acompanhar de uma evolução de consciência correlata, o progresso científico-técnico revelou-se incapaz de solucionar o problema básico-humano, transmutando-se mesmo iatrogenicamente, numa enorme e constante ameaça à saúde e à própria vida humana. (CREMA & ARAÚJO, 2001, P.25).

Diversos autores demonstraram que o nó principal do problema reside no próprio ser humano, que “exprime o mundo para si, isto é, situa o mundo sempre em certo horizonte de sentido”.(OLIVEIRA,1993,p.98).Assim ele optou por definir progresso?

Na imaginação popular é nele [no progresso] que se resume o caráter da civilização de nosso tempo. E em ‘progresso’ ela vê mais que tudo a transformação material do mundo. São as casas maiores e mais confortáveis. É o transporte mais rápido e mais barato. São as ruas mais bonitas. É a diversão mais interessante e mais acessível. É a luz e água mais fáceis e melhores. São os jornais e as publicações mais numerosas e mais bem feitos. (TEIXEIRA, 1975, p.28).

Se ele escolheu esta norma e sentido para sua existência, pode elaborar outro. Se ele fez, bem pode desfazer. Boff fala sobre o potencial criativo humano: “cada cultura organiza o seu modo de valorar, de interpretar e de intervir na Natureza, no hábitat e na História. O nosso modo, embora hoje mundialmente hegemônico, é apenas um entre outros”. (BOFF, 1995, p. 27). Como, porém, superar a colheita da semente maldita? Além da investigação de todos os aspectos da Natureza, os ecossistemas, a fauna, a flora e os seus mecanismos biofísicos e bioquímicos, há que se pensar o ser humano, sua ontologia e sua relação com a Natureza. Que educação dá conta da complexa perspectiva humana, naturalmente multifacetada?

Eis onde reside a esperança de uma grandiosa “oportunidade”, o caractere positivo do ideograma chinês para o termo “crise”: a evolução da consciência humana. Os efeitos de toda essa crise vêm se expressando de um modo tal que o ser humano finalmente compreendeu a necessidade de medidas urgentes para frear o processo autodestrutivo e de uma nova atitude ante à exploração das riquezas oferecidas pela Terra.

Em muitas correntes filosóficas e religiosas transpira-se a esperança por um ser humano renovado, apesar de todo o desconforto que o aguarda.

Não importa o que aconteça, o mundo se tornará melhor e melhor até que os Estados Unidos da Índia, da Ásia, da Europa, e das Américas se concretizem e se tornem prontos para combinarem-se nos Estados Unidos do Mundo. Os Estados Unidos do Mundo não surgirão em um dia, nem em nossa geração, mas muitos dos seus princípios fundamentais serão preparados neste século vinte. (YOGANANDA, 1999, p.12).

Essa sutil afirmação de Paramahansa Yogananda carrega o prenúncio do cerne deste trabalho. A expectativa é poder encontrar em sua obra alguns dos princípios fundamentais por ele citados há pouco e investigar sua contribuição para a Educação Ambiental Holística.

Nascido em 1893, na cidade de Gorakhpur, no nordeste da Índia, Paramahansa Yogananda foi batizado Mukunda Lal Ghosh. Durante a infância, já experimentava aguçada percepção mística. Lahiri Mahasaya, preceptor espiritual dos seus pais, profetizou ao ver a criança: “Mãezinha, seu filho será um iogue. Semelhante a uma locomotiva espiritual, conduzirá muitas almas ao Reino de Deus” (YOGANANDA, 2001b, p.20). Na juventude, recebeu rigoroso treinamento espiritual do seu mestre, Swami Sri Yukteswar, por dez anos.

Em 1915, foi ordenado monge da Ordem dos *Swamis*, recebendo o nome de Yogananda, que significa bem-aventurança (*ananda*) através da união divina (*yoga*). Mais tarde, em 1935, recebeu o título monástico “Paramahansa”. “Literalmente *parama*, o supremo, e *hansa*, cisne. O cisne branco é representado mitologicamente como veículo ou montaria de Brahma, o Criador”. (YOGANANDA, 2001b, p. 431).

Após fundar a escola de Ranchi, em 1917, na Índia, Paramahansa Yogananda seguiu para os Estados Unidos para difundir os princípios da arte de

viver, tornando-os acessíveis à cultura ocidental. Aí, ele treinou muitos discípulos, publicou diversos livros e, também, atravessou todo o território dos EUA para difundir os ensinamentos por meio de palestras públicas, expondo a essência dos ensinamentos da tradição indiana na linguagem contemporânea. Ensinou a antiqüíssima *Kriya Yoga*, um método simples e acessível, de natureza psicofisiológica, capaz de proporcionar à consciência experiências em planos superiores de realização; e os ideais de vida equilibrada da sua “escola de como viver”.

Ele foi o primeiro preceptor espiritual Indiano a viver por um longo período fora da Índia, desde o ano de 1920 até 1952, sendo considerado o pai da ioga no Ocidente.

Aprofundaremos, neste trabalho, os aspectos fundamentais da Educação Ambiental Holística e a forma como a pedagogia holística de Paramahansa Yogananda a enriquece.

Inicialmente, apresentaremos as principais perspectivas e paradigmas científicos da contemporaneidade. Em seguida, será apresentado o escopo geral da perspectiva da Educação Ambiental de hoje, destacando os princípios da perspectiva holística e as novas tendências apresentadas pela Educação Holística.

## **ENVOLVIMENTO COM O AUTOR ESTUDADO E SUA RELAÇÃO COM A TEMÁTICA DO TRABALHO**

No ano de 1991 começamos um trabalho pessoal de pesquisa, com a leitura de um livro do educador e filósofo brasileiro Huberto Rohden. Tateávamos, naquela ocasião, um sentido para a vida, como que intuindo a necessidade de uma visão profunda da existência. O livro, sobre a vida de Gandhi, despertou a vontade de aprofundamento na obra do autor. Como já havia consumido diversos trabalhos sobre a filosofia chinesa, japonesa e indiana, identificamo-nos rapidamente com Rohden, pois ele apresentava uma visão profunda sobre a espiritualidade do Ocidente, tendo como base a espiritualidade do Oriente.

Ao final da leitura de toda sua obra – um estudo lento, reflexivo, sem objetivos utilitaristas, repetindo várias vezes os livros principais – consideramos haver alcançado o objetivo do esforço de investigação, que era compreender o

autor em toda a extensão do seu pensamento. Obedecendo uma indicação sutil em uma de suas obras, chegamos ao livro *Autobiografia de um logue*, de Paramahansa Yogananda, que abriu portais nunca sonhados para o aprofundamento prático das perguntas por nós formuladas: o sentido da existência; a possibilidade do conhecimento real sobre o mundo; a possibilidade de uma espiritualidade científica, baseada em experiências reais, que respeitasse o discernimento e que não exigisse crer por tradição ou por submissão de autoridades religiosas ou acadêmicas.

Sempre consideramos a possibilidade de todo ser humano ser capaz de realizar-se numa vida feliz, com ordem e harmonia em todos os setores: o emocional, o afetivo, o financeiro, o intelectual, o físico, o mental e o espiritual. A dúvida era sobre como desenvolver tal sabedoria, capaz de ampliar a visão precisa sobre a Natureza, a sociedade, as pessoas e a Divindade, e que permitisse traçar com liberdade os caminhos a serem seguidos, de acordo com uma convicção íntima e pessoal. Como trilhar um caminho que possa superar as armadilhas da sociedade, isto é, como viver no mundo, sem ser engolido por ele. Eram todas as respostas que buscávamos na espiritualidade, pois não julgávamos que soluções políticas ou ideológicas fossem capazes de resolver esse grande quebra-cabeça.

Ao iniciar o contato com as obras de Paramahansa Yogananda, tomamos conhecimento de que uma de suas primeiras atividades após longo treinamento com seu mestre tinha sido a fundação de uma escola para formação de meninos e meninas – não com objetivo de formar monges e monjas, mas mulheres e homens capazes de desenvolver a visão da existência em toda sua plenitude, incluindo a formação profissional e espiritual.

Organizei os programas para os cursos primário e secundário. Incluíam matérias agrícolas, industriais, comerciais e acadêmicas. Adotando os ideais educativos dos *rishis*<sup>2</sup> (cujos *ashrams*<sup>3</sup> na floresta eram os antigos centros de cultura, tanto secular quando divina, para a juventude da Índia), providenciei para que a maior parte das aulas fosse dada ao ar livre. (YOGANANDA, 2001b, p.272).

---

<sup>2</sup> Cientistas espirituais da Índia antiga que receberam, intuitivamente, o conteúdo das escrituras hindus.

<sup>3</sup> *Ashrams* ou mosteiros são centros de formação monástica e secular.

A escola de Ranchi, iniciada na Índia em 1917 – hoje uma rede de escolas espalhadas pela Índia – é a prova viva de que esses objetivos realizadores podem ser alcançados por todos. Ela implementa um modelo pedagógico, que inclui, além das matérias tradicionais, todo um conjunto de ensinamentos capaz de conduzir o estudante à superação de muitas das limitações que afligem a humanidade, como experienciado pelos grandes sábios.

Esses ensinamentos incluem o domínio das forças inferiores que atuam sobre o corpo humano e sua psique, que o faz agir muitas vezes orientado pelos baixos instintos, como vemos tão rotineiramente na ação deletéria do ser humano contra o semelhante e contra a Natureza. Eles foram apresentados por meio de uma metodologia não baseada em tradições, nem em ritos ou dogmas, mas em uma pedagogia amplamente aprofundada e dominada ao longo de milênios na Índia, considerada científica, com a possibilidade de encimar o ser humano à condição de ser máximo, como predito pelos grandes videntes da humanidade<sup>4</sup>.

Em 1997, enquanto avançávamos na leitura do livro *Autobiografia de um logue*, fizemos contato com a *Self-Realization Fellowship*, sediada em Los Angeles, cidade do Estado da Califórnia - EUA, a fim de conhecer a organização não sectária fundada pelo autor em 1920. Durante o mês de fevereiro do ano de 1998, permanecemos 20 dias no *Hidden Valley Ashram*<sup>5</sup>, da cidade de Escondido, no mesmo Estado dos EUA, onde nos tornamos estudante dos ensinamentos de Paramahansa Yogananda, ao receber as primeiras orientações para a prática da meditação e das lições que educam o ser integral nos aspectos físico, mental e espiritual.

No ano de 2000, recebemos iniciação em *Kriya Yoga*, na cidade de Salvador-BA, quando da visita do *Swami Satyananda*, ministro da ordem monástica da *Self-Realization Fellowship*. No ano de 2001, retornamos ao mesmo local, onde permanecemos por três meses em companhia dos monges que dedicam suas vidas à prática da meditação e ao trabalho coletivo. Retornando ao Brasil, fomos autorizados pela *Self-Realization Fellowship* a fundar um Círculo de Meditação em Fortaleza-CE, com o objetivo de congregar pessoas,

---

<sup>4</sup> Replicou-lhes Jesus: “Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois deuses?” Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 10, verso 34

“Vós sois o sal da terra (...) Vós sois a luz do mundo” Bíblia Sagrada, Livro de Mateus, Capítulo 5, versos 13 e 14

<sup>5</sup> Endereço eletrônico do *ashram* de Hidden Valley: <http://www.hvashram.org>. O *ashram* de Hidden Valley, dirigido por monges, recebe estudantes dos ensinamentos de Paramahansa Yogananda oriundos do mundo inteiro.

independentemente de credo ou filiação religiosa, para a prática da meditação em grupo.

Pela enorme riqueza encontrada na obra de Paramahansa Yogananda, pelo alcance universal de sua mensagem por meio do seu conteúdo holístico e mediante experiência alcançada em todos esses anos no estudo dos seus escritos e palestras é que se julga possível encontrar em Paramahansa Yogananda, por intermédio do presente projeto de pesquisa, muitas das respostas às grandes questões expressas à contemporaneidade, com esteio em uma reflexão sobre sua experiência real de transcendência de uma existência puramente materialista, fonte de todo o desordenado conjunto de prioridades da sociedade de consumo, que vem levando a humanidade ao caminho, agora praticamente sem volta, de grandes aflições, comprometendo inapelavelmente a existência das futuras gerações.

A fecundidade da obra de Paramahansa Yogananda tem o potencial de contribuir para diversos ramos do conhecimento. Sua obra é estudada em muitas universidades no mundo todo. Neste trabalho, será enfocada sua contribuição à Educação Ambiental, um dos ramos do conhecimento que mais podem auxiliar na remodelação dos paradigmas e conceitos que levaram a humanidade ao estado da crise de valores que a cada dia se torna mais evidente para todos.

Consideramos a hipótese, embora não exista o propósito de demonstrá-la neste trabalho, de que as soluções correspondentes aos problemas levantados no âmbito das reflexões sobre a crise ambiental sejam as mesmas há muito reclamadas no que se refere à pobreza, à distribuição de renda e às guerras, fontes dos mais dolorosos quadros de sofrimento e miséria para grande parte da humanidade, sobretudo nos países da Ásia, América Latina e, de forma ainda mais acentuada, da África.

O documento Educação e Conscientização Pública para a Sustentabilidade, fruto da Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Sociedade, promovida pelas Nações Unidas e Governo da Grécia na cidade de Tessalônica, em 1997, procura infundir um sentimento de urgência na busca de novas perspectivas, conceitos e metodologias para as questões do meio ambiente, exortando a todos para a criatividade e inovação.

Dentre muitas conclusões do fórum de debates da Conferência de Tessalonica, destacamos algumas:

- É necessária a introdução de uma abordagem holística no planejamento e esboço do currículo. Isto é importante para a integração dos aspectos sociais e culturais e, em particular valores e ética;
- a interdisciplinaridade é necessária para se tratar a educação na perspectiva da sustentabilidade;
- a educação não-formal é tão importante quanto a formal;
- será preciso introduzir uma abordagem holística para realçar as outras dimensões relativas às considerações econômicas quando a consciência pública se centralizar no desenvolvimento econômico. Este ponto foi reiterado por quase todos os conferencistas;
- é preciso considerar a necessidade de educar “tanto o coração quanto a razão” e que os assuntos em questão estão relacionados mais com a ética e a justiça social do que com as considerações baseadas no conhecimento científico. (IBAMA, 1999, p.92).

## **DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA E DO TEMA**

Muitos autores restringem o conceito de Educação como a influência de uma geração adulta sobre suas crianças e adolescentes, sujeitos ainda em fase de preparação para a vida social. O conceito de Educação abordado neste trabalho envolve todos os seres humanos, em todas as fases da existência: a influência que exercem entre si visando à apropriação de um conteúdo, com o objetivo de alcançarem o máximo possível do ponto de vista físico, moral, intelectual e espiritual.

Nossa abordagem ocorrerá especialmente no âmbito da Educação Ambiental Holística, cujo cerne está fundamentado na perspectiva holística, que busca superar o conhecimento influenciado pelos paradigmas chamados cartesianos, inaugurados na Modernidade, mas ainda dominantes na mentalidade contemporânea. Ao realizar a fragmentação entre mente e corpo, Natureza, objetos da Natureza e ser humano, o cartesianismo cria as condições para estabelecer uma atitude de senhor-escravo na relação ser humano - Natureza. Além disso, ao propor a autonomia da razão, situa o ser humano como centro do

Universo, com o poder de fragmentar o mundo em objetos manipuláveis pelos seus interesses, conforme se observa na forma devastadora como são explorados os recursos naturais.

A perspectiva holística encontra fundamento científico nas investigações inauguradas no início do século XX e busca o caminho integrativo, respeitando a interdependência dos ecossistemas para sustentar a vida e leva em conta o estado de relações dos diversos fatores que perfazem a realidade dos fenômenos físicos, humanos e sociais. A compreensão do significado e propósito da vida e outros aspectos transdisciplinares, incluindo a reintegração do ser humano à Natureza, assegura um retorno a um estado de relações cooperativas, uma atitude adequada ao enfrentamento da crise ecológico-ambiental. A complexidade dos aspectos totais que envolvem a questão ambiental exige a busca por uma síntese interdisciplinar, envolvendo o que há de melhor nas várias tendências e perspectivas da Educação Ambiental, exigência que pode ser atendida através da perspectiva holística.

Não é exagero afirmar que, pela gravidade e extensão da crise do meio ambiente, o ser humano se encontra desorientado, por conseguinte, desprovido de conteúdo pedagógico sobre como ensinar a lidar adequadamente com essas questões, de forma a responder positivamente à possibilidade de sobrevivência das futuras gerações.

O modelo de progresso tecnológico em vigor, por tender a exaurir os recursos naturais de forma irreversível, não mostra capacidade de sustentar nem mesmo a privilegiada e pequena parcela da comunidade global que tem acesso às riquezas oferecidas pela Natureza, hoje pressionada pelas evidências indiscutíveis do esgotamento dos princípios que norteiam seus interesses. Uma bomba-relógio encontrava-se oculta na trama dos seus paradigmas e somente agora estão se dando conta dela, sem saberem ainda como desarmá-la.

As gerações atuais, manipuladas por essa mentalidade dominante, carregam a pesada herança de uma armadura oxidada pelo cartesianismo e pelo ideal de um progresso que não tem mais serventia. Pouco têm a ensinar em matéria de desenvolvimento sustentável - um modelo de exploração dos recursos da Natureza que não seja do tipo sufocar a galinha dos ovos de ouro. Não há, por isso, um consenso sobre o conteúdo a ser transmitido às futuras gerações,

porque a atual ainda se encontra na fase de se convencer quanto à necessidade de desconstruir idéias, conceitos, práticas e atitudes que envolvem todos os aspectos da vida, sem saber ainda o que situar no lugar.

Para Dewey, “o educador, mais do que os membros de qualquer outra profissão, tem que olhar para o futuro, que alimentar sua visão de longo alcance”. (DEWEY, 1976, p.77). Os ficcionistas do século XIX anteviram um mundo de grande desenvolvimento tecnológico para os séculos vindouros, que em parte se materializou, pelo menos para uma minoria.

Como pode ser possível elaborar uma Educação Ambiental numa era que aponta para um horizonte completamente imprevisível? Dizia-se que o ser humano havia perdido a referência e o caminho do seu endereço. Percebe-se que o risco agora é que nem caminho nem endereço existam mais. Tal é o desafio de formular uma Educação Ambiental que possa dar conta desse complexo novo que o ser humano criou para si mesmo.

É preciso olhar para o que está em decurso de elaboração, as bases epistemológicas, as premissas e os paradigmas em discussão, potencialmente capazes de plasmar as necessidades de uma Educação Ambiental que deverá obedecer a um processo recursivo de modelagem e remodelagem. Uma Educação Ambiental hiperdinâmica que conduza a humanidade nessa difícil transição entre uma cosmovisão esgotada e falida até um novo modo de ver e conviver com a Natureza, uma realidade em que a sociedade global se organize “de tal modo que suas tecnologias e instituições sociais – suas estruturas materiais e sociais – não prejudiquem a capacidade intrínseca da Natureza de sustentar a vida”. (CAPRA, 2002, p.17).

Serão apresentadas as diferentes correntes de Educação Ambiental atualmente em discussão, com especial ênfase àquela que mais interessa ao presente estudo - a Educação Ambiental Holística, uma especialização da Educação Holística. Nossa hipótese é de que essa escola, que tem a pretensão de dar respostas consistentes sobre os problemas geradores da atual crise por envolver importantes avanços das ciências do século XX e por estar apta a conglobar a colaboração de todas as outras, pode ser enriquecida com a contribuição do educador Paramahansa Yogananda.

Serão apresentadas, também, algumas críticas à Educação Holística. De acordo com o espírito interdisciplinar, serão identificados, nessas críticas, os aspectos onde carece maior aprofundamento sobre os fundamentos da perspectiva holística ou sua contribuição potencial aos paradigmas holísticos.

Desde 1970, quando se organizou na cidade de Nice, na França, o Seminário sobre Interdisciplinaridade, muitas propostas sobre essa questão no âmbito da educação vêm à tona. Nesse evento, foi produzido o documento “Interdisciplinaridade. Problemas de ensino e da pesquisa nas universidades”, que sintetizou e promoveu um tema que já se desenvolvia há anos. Os propósitos aí expressos, entretanto, encontram-se ainda em gestação, consistindo a interdisciplinaridade numa proposta a ser absorvida por currículos escolares ainda bastante influenciados pelas limitações das disciplinas convencionais.

A interdisciplinaridade continua sendo um horizonte de possibilidade dentro da educação, que não conseguiu uma adequada definição no currículo escolar de todos os níveis, além disso a pesquisa sobre o tema foi descontínua (SATO ET AL, 2002, p.120).

Em nossa era persiste a idéia de que o ser humano pode dar sentido à existência, elaborando um conteúdo visionário próprio, independente por completo de uma ordem universal que lhe imponha algum limite. Teme ele o esvaziamento do seu ideal de liberdade, atualmente baseado na capacidade de exercer o poder sobre o mundo. É o paroxismo antropocêntrico que aparta completamente a essência humana do contexto cosmológico, culminando na dessacralização providenciada pela ideologia cartesiana, elaborada para separar corpo e espírito, supondo o ser humano separado do Todo, senhor de si e de uma Natureza desencantada, como denuncia UNGER:

Para que uma floresta possa ser vista unicamente com o olhar daquele que vê nesta floresta matéria-prima para sua fábrica de celulose, é preciso realmente que esta floresta seja totalmente desprovida de encantos, é preciso que esta floresta seja reduzida aos seus aspectos produtivos.

Simultaneamente, para que os seres humanos aceitem sua própria redução à categoria de objeto, de mercadoria, é necessário sufocar neles determinadas potencialidades espirituais: a experiência do sagrado, a intuição, a capacidade visionária, fazendo predominar uma racionalidade de tipo linear e instrumental. (UNGER, 2000, p.55).

As novas ciências do século XX trouxeram à berlinda um novo conteúdo cosmovisionário, no qual o ser humano se re-identifica com o Todo, à semelhança dos ideais civilizatórios das sociedades antigas, como se via na Grécia e, ainda hoje, na Índia e outras sociedades Orientais. Isso é feito por meio de uma nova visão que recusa a percepção, ora do ser humano-objeto manipulado por outros, ora do ser humano-sujeito da manipulação da Natureza, e afirma uma humanidade cuja consciência tem como centro a esfera espiritual, dotada da sutil capacidade de intuir, apreciar e produzir arte e amar; um ser humano capaz de se reencantar com a Natureza e fazer com ela um pacto amoroso de amizade e mútua dependência, como disse Paulo de Tarso, o apóstolo dos gentios, em sua Carta ao Romanos, esperançoso pela afirmação de uma humanidade plenificada pela potência espiritual:

A criação foi sujeita à vaidade, todavia, com a esperança de ser também ela libertada do cativeiro da corrupção (...) pois sabemos que toda a criação geme e sofre como que dores de parte até ao presente dia. Não só ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, gememos em nós mesmos, aguardando a adoção, a redenção do nosso corpo.<sup>6</sup>

Quase tudo o que concerne ao meio ambiente, num espaço qualquer do Planeta, tem repercussões globais. A fumaça que contém o dióxido de carbono não permanece confinada ao local onde foi expelida. O rio poluído muitas vezes atravessa diversas nações. Eis mais um aspecto positivo da crise: o caráter de universalidade da ação individual vai tomando corpo. Urge, portanto, o despertar da responsabilidade pessoal sobre os efeitos para o coletivo. “A transformação da sociedade tem de estar vinculada a uma transformação interior, pessoal”. (UNGER, 2000, p.16). É preciso analisar se tal transformação, comunicada entusiasticamente num programa de Educação Ambiental Holística, tem o poder de criar uma nova cosmovisão para a humanidade, a fim de mudar a face da Natureza.

A ausência de um enfoque holístico rico de espiritualidade, contrastante ao processo de reificação da Natureza, sem um novo patamar para apreciar a

---

<sup>6</sup> Bíblia Sagrada, Carta de São Paulo aos Romanos, Capítulo 8, versos 20 a 23.

humanidade e o mundo, condenará certamente o ser humano a continuar dando voltas na viciosa espiral descendente que ele próprio elaborou.

Paramahansa Yogananda teve como missão trazer a antiqüíssima disciplina da ioga<sup>7</sup> para o Ocidente, com o compromisso de verter para a linguagem contemporânea os bem guardados segredos de uma ciência que garantiram à Índia milênios de elevada prosperidade fundamentada na fruição equilibrada das riquezas naturais<sup>8</sup>, oxalá capaz de inspirar a contemporaneidade para o despertar de uma consciência holística, integrada.

Além de ressaltar os aspectos científicos da ioga, essencialmente de caráter universalista, não sectário e não dogmático, o discurso de Paramahansa Yogananda tem também como eixo a afirmação do sagrado. Aguiar (2003) apresenta algumas inquietações que nascem dessa perspectiva: a idéia de retorno ao sagrado, parte da realidade de outras épocas, pode servir como modelo para sociedades democráticas no futuro? As tradições religiosas de cunho universalistas apontam para uma base moral que trate de forma igualitária todas as formas de existência?

Resta saber de que modo Paramahansa Yogananda manifestou essa ideologia no cotidiano de um mundo dominado pela convicção de uma existência baseada no consumo e na obtenção de vantagens de seres humanos sobre seres humanos mediante a realização de lucros. Se sua práxis pode contribuir na difusão de uma mentalidade que afirme o sagrado como imprescindível à vida social e indispensável na elaboração de uma ética para se alcançar o uso cuidadoso (exploração racional) das riquezas naturais, dentro da realidade da cultura Ocidental, é o que deve ser investigado.

---

<sup>7</sup> Ioga é a pedagogia universal organizada pelos antigos cientistas espirituais da Índia. Propõe-se orientar o ser humano a alcançar a consciência de sua natureza holística. Utilizaremos o termo aportuguesado “ioga”, salvo nas citações, onde será respeitada a forma adotada pelos autores.

<sup>8</sup> No livro *Autobiografia de um logue*, Paramahansa Yogananda descreve um pouco da riqueza da Índia Antiga: “Os registros da história apresentam a Índia, até o século XVIII, como a nação mais rica do mundo (...) Megástanes, o embaixador grego (século IV a.C), deixou um retrato detalhado da prosperidade da Índia. Plínio (século I d.C.) nos conta que os romanos gastavam anualmente 50 milhões de sestércios em importações da Índia, na época uma vasta potência marítima (...) Viajantes chineses escreveram vividamente sobre a opulência da civilização indiana, sua escolaridade generalizada e seu excelente governo. O sacerdote chinês Fa-Hsien (século V) conta que o povo indiano era feliz, honesto e próspero (...) Colombo, ao descobrir o Novo Mundo no século XV, na verdade estava buscando uma rota comercial mais curta para a Índia. Durante séculos, a Europa desejava a posse dos artigos importados da Índia – sedas, tecidos finos (de tal transparência que mereciam as descrições de “tecido de ar” e “bruma invisível”), estampados de algodão, tecidos bordados, bordados, tapetes, cutelaria, armaduras, marfins e trabalhos em marfim, perfumes, incenso, sândalo, cerâmica, drogas medicinais e ungüentos, índigo (anil), arroz, especiarias, coral, ouro, prata, pérolas, rubis, esmeraldas e diamantes. Mercadores portugueses e italianos registraram seu deslumbramento pela fabulosa magnificência de todo o império de Vijayanagar (1336-1565). A glória de sua capital foi descrita por Razzak, embaixador árabe, como ‘de porte jamais visto pelos olhos ou ouvido pelos ouvidos, inigualável em toda a terra.’” (YOGANANDA, 2001, p.523).

## JUSTIFICATIVA DO TRABALHO

Apesar de encontrarmos diversas abordagens na discussão sobre os problemas ecológicos-ambientais e suas conseqüências para a humanidade, os autores são unânimes em afirmar que vivemos numa era de grandes conflitos com a Natureza e que algo precisa ser feito. É consensual sugerir que a base dos problemas ecológicos-ambientais se encontra na voracidade com que o ser humano se lança à caça dos bens naturais, feito geralmente de forma irracional. O pomo da discórdia encontra-se em decorrência dessas observações.

Para a ala intelectual preocupada apenas com a conservação dos recursos naturais, o problema está relacionado a uma questão de racionalismo da extração das riquezas da Natureza, isto é, o ser humano pode e deve usufruir o quanto puder das benesses oferecidas pela Natureza, mas isso tem que ser de um modo que ela não seja perturbada em sua capacidade incessante de criação, a fim de não contrariar a sanha consumista.

Para a ala progressista, o problema ecológico nasce da mentalidade materialista que domina a presente era – fruto de uma visão equivocada do homem sobre sua verdadeira natureza. Esta perspectiva progressista busca compreender o ser humano integrado ao seu ambiente, ambas as partes relevantes de um Todo maior, superando a percepção clássica ou cartesiana que compreende ser humano e Natureza como entes separados, na qual aquele é senhor e soberano sobre os elementos da Natureza, criados para servi-lo.

Esta nova perspectiva é holística, integrativa e sistêmica, baseando-se numa “consciência de estado de inter-relação e interdependência essencial de todos os fenômenos – físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais”. (CAPRA, 2005, p.259). Tais características parecem traduzir melhor a realidade do mundo em que estamos mergulhados, conforme a discussão encampada por diversos pesquisadores, que notaram as limitações da percepção conservadora.

Recusamo-nos a rebaixar a Terra a um conjunto de recursos naturais ou a um reservatório físico-químico de matérias-primas. Ela possui sua identidade e autonomia como um organismo extremamente dinâmico e complexo. (BOFF, 1995, p.30).

Nesse rumo é que pretendemos apresentar a contribuição de Paramahansa Yogananda à Educação Ambiental. Ele foi o fundador de uma escola holística no escopo de uma pedagogia sintetizadora da tradição mística de origem multimilenar, conscientemente reestruturada para uma fácil assimilação no Ocidente. A “escola de como viver” proporciona um repensamento do modelo existencial vigente no Ocidente sem exigir uma adaptação à cultura do Oriente.

Tais são os sentimentos de Lutero Burbank, após conhecer os fundamentos da “escola de como viver”:

Escolas como a sua são a única esperança para a nova era. Revolto-me contra os sistemas educacionais de nossa época, separados da natureza e sufocando toda individualidade (...) novos tipos de treinamento são necessários: experiências destemidas. Às vezes, as tentativas mais audaciosas conseguiram fazer surgir o que havia de melhor nas flores e nos frutos. Também as inovações educacionais para crianças deveriam tornar-se mais freqüentes, mais corajosas. (*Apud* YOGANANDA, 2001b, p. 388)

Não obstante pertencer ao panteão de grandes educadores da humanidade, Paramahansa Yogananda é um autor que ainda não recebeu a devida fortuna crítica no Brasil. Como instrutor espiritual, é aclamado tanto pela crítica literária, pela qualidade dos seus escritos, quanto por líderes religiosos, mostrando o caráter não sectário de suas idéias. Seu principal livro, *Autobiografia de um logue* (2001b), traduzido para diversos idiomas,

(...) é usado em faculdades e universidades de todo o mundo, em cursos das mais diferentes matérias: filosofia e religiões orientais, literatura inglesa, psicologia, sociologia, antropologia, história e até mesmo administração de empresas. (YOGANANDA, 2001b, p. xx).

A possibilidade de conhecer mais de perto as idéias desse grande vulto do século XX no tocante ao ideal de uma educação superior, por meio de um estudo no patamar de mestrado, evidencia a oportunidade desta pesquisa e sua importância para a educação. A necessidade premente de uma Educação Ambiental capaz de perceber o ser humano integral torna evidente a validade de estudos voltados para análise dos fundamentos, resultados e viabilidade, em nosso meio, dessas experiências testadas em outras culturas.

A investigação das conclusões dos cientistas do Ocidente à luz da interpretação de um influente mestre contemporâneo oriundo da Índia, visando a enriquecer as reflexões sobre as questões relacionadas à Educação Ambiental, é um dos desafios abraçados neste ensaio.

## **OBJETIVO GERAL**

- ✓ Pesquisar a contribuição de Paramahansa Yogananda à Educação Ambiental Holística, na proposta para superar a fragmentação do pensamento do sujeito na ação ambientalista.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- ✓ Conhecer o estado atual das questões ambientais.
- ✓ Compreender a relação entre o estado das questões ambientais e a questão dos paradigmas.
- ✓ Conhecer os princípios dos paradigmas cartesianos e dos paradigmas quânticos.
- ✓ Examinar algumas das bases epistemológicas, premissas, paradigmas e correntes em discussão no âmbito da Educação Ambiental.
- ✓ Conhecer algumas das questões evidenciadas nas reflexões de alguns pensadores sobre a Educação Ambiental Holística.
- ✓ Pesquisar a prática holística de Paramahansa Yogananda e de que modo ela é capaz de influenciar as bases epistemológicas da Educação Ambiental Holística.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho é de cunho bibliográfico e está sendo desenvolvido por meio de leitura crítica e seletiva da obra do autor estudado e de muitos outros escritores das Ciências Naturais, da Filosofia, da Ecologia e da Educação, especialmente da Educação Ambiental. Na pesquisa bibliográfica da obra de Yogananda vamos elencar os pontos que, em nosso entendimento, oferecem contribuições reais à Educação Ambiental Holística.

É importante ressaltar que não há registro de obras de Paramahansa Yogananda escritas originalmente em sânscrito, hindi ou qualquer outra língua falada na Índia. Serão investigadas as fontes originais em inglês ou traduzidas para o português para buscar os elementos de sua holística.

Há bons livros dos seus discípulos que serão também consultados, tais como Sri Daya Mata, Mrinalini Mata, *Swami* Anandamoy, Tara Mata, Rajarsi Janakananda, Dr. Lewis, Sananda Lal Ghosh e Lutero Burbank. Burbank privava da amizade de Paramahansa Yogananda, sobre quem ressaltou grande proximidade de ideais.

Os livros desses discípulos serão fontes riquíssimas para que se averigüe a holística de Paramahansa Yogananda, onde se supõe seja possível encontrar a base do profundo conhecimento espiritual do Oriente vazado em termos de uma interpretação viável para o Ocidente.

A fonte paralela mais importantes pode ser encontrada nos livros do filósofo e educador brasileiro Huberto Rohden. As linhas e entrelinhas de todos os livros de Huberto Rohden transpiram Paramahansa Yogananda abundantemente.

Mesmo tendo deixado este mundo em 1952, muitos livros de Paramahansa Yogananda vêm sendo publicados somente nestes anos recentes, em razão dos cuidados da *Self-Realization Fellowship*, que, além de dar conta da extenuante tarefa de propagar seus ensinamentos em mais de 80 países, tem a missão de manter a fidelidade e originalidade dos seus escritos no delicado trabalho de compilação e edição das obras.

Serão consultadas as obras principais do Autor estudado, inclusive o livro *The Second Coming of Christ*, lançado em agosto de 2004. A maior parte de suas palestras encontra-se organizada na forma de três livros: *Journey to Self-Realization*(1997), *The Divine Romance*(2000) e *A Eterna Busca do Homem*(2001).

Grande quantidade de obras sobre Educação Ambiental e Educação Holística já se encontra disponível em língua portuguesa. Muitas outras obras de temas correlatos, tal como as produções de Fritjof Capra, Leonardo Boff, Edgard Morin, Rafael Yus, dentre outros, também ajudarão a compreender os paradigmas holísticos aplicáveis à Educação Ambiental. Recorreremos freqüentemente ao universo de estudos de Figueiredo (1999 e 2003) para compreender o estado

atual de muitas questões da crise ecológico-ambiental, os fundamentos científicos das novas ciências do século XX e as teorias desenvolvidas por ele, especialmente a Perspectiva Eco-Relacional.

Desse modo, conforme asseveramos, buscaremos capturar os aspectos relevantes da pedagogia de Paramahansa Yogananda, por intermédio das redes de uma visão crítica e penetrante situadas sob a perspectiva holística, capazes de enriquecer as bases epistemológicas da Educação Ambiental no Ocidente, atualmente em estado de franca receptividade à experiência da cultura oriental.

## CAPÍTULO 2 – DOS PARADIGMAS CIENTÍFICOS AOS METAPARADIGMAS CIVILIZATÓRIOS

*A filosofia das tradições místicas,  
também conhecida como 'filosofia perene',  
proporciona a mais consistente base  
filosófica às nossas modernas teorias científicas.  
(Fritjof Capra)*

### PARADIGMAS: AFLUÊNCIA INCESSANTE DOS CAMINHOS E DESCAMINHOS DA HUMANIDADE

Desde Copérnico, sabemos que o conhecimento produzido pelo ser humano depende da forma como ele vê o mundo. Essa idéia, lembrada por Immanuel Kant (1999) na *Crítica da Razão Pura*, não é tão óbvia como se pode supor hoje, ocupando o centro de uma grande mudança de perspectiva da ciência do século XVI, base de uma das mais importantes revoluções científicas da história.

Segundo Kant (1999), essa grande virada da ciência aconteceu quando Copérnico, abandonando a idéia de que os astros giravam em torno da Terra, considerou que eles permaneciam fixos e que o observador é que devia se mover. Era necessário fazer suposições a respeito do que se tencionava considerar nos objetos, não simplesmente esperar que a manifestação do mundo externo, chegando à consciência pela via dos sentidos, fosse capaz de revelar algum conhecimento. À razão cabia o papel do interrogador da Natureza para lhe perguntar o que fosse necessário segundo suposições previamente elaboradas. Diz Kant:

No que concerne aos objetos, na medida em que apenas pensados pela razão, na verdade necessariamente, sem porém (pelo menos no modo como a razão os pensa) poderem de maneira alguma ser dados na experiência, as tentativas de pensá-los (pois tem que ser possível pensá-los) constituirão mais tarde uma esplêndida pedra-de-toque daquilo que tomamos como o método transformado da maneira de pensar, a saber, que das coisas conhecemos *a priori* só o que nós mesmos colocamos nelas. (KANT, 1999, p.39).

O filósofo Humberto Rohden assevera que, “toda e qualquer prova ou demonstração analítica, indutiva ou intelectual tem que supor um fundamento anterior e independente dessas provas ou demonstrações”. (ROHDEN, 1982, p.126). É necessário ao pesquisador sempre supor algo antes de realizar qualquer investigação, suposição essa que dirigirá a abordagem de um problema estudado, influenciando por conseguinte os resultados encontrados, quaisquer que sejam.

A hipótese de Copérnico alterou completamente o panorama científico da Idade Média, influenciando o método das ciências que prevalece até os dias atuais. O sentido de existência, a concepção de mundo e o conjunto de crenças e valores influenciam vigorosamente na determinação dos padrões de escuta do objeto investigado, na probabilidade de encontrar respostas dos problemas estudados e no progresso dos próprios modelos conceituais que sustentam as investigações científicas. Diz Rohden, “só pode provar algo quem supõe!” (ROHDEN, 1982, p.126), ressaltando a enorme sombra lançada por esse elemento subjetivo sobre o método das ciências.

Os padrões e modelos conceptivos, os compromissos profissionais de um grupo, as realizações científicas e estruturas teóricas, “a constelação de crenças, valores, técnicas, etc., partilhadas pelos membros de uma comunidade determinada” (KUHN, 1996, p.218) foram chamadas por Thomas Kuhn de “paradigma”. Esse significado para o termo paradigma abrange não apenas as questões relativas a uma ciência particular, pois se acha nos pontos de interseção de todas as relações do ser humano com o mundo que o envolve: valores, questões, problemas e ideologias relacionadas com a direção de atitudes e o sentido de existência.

Um exemplo simples dado por Kuhn (1996) em seu livro fala do poder dos paradigmas e sua influência na solução de problemas. Um pesquisador perguntou a um físico e a um químico respeitados se um átomo de hélio era uma molécula ou não. Ambos responderam com segurança, mas, para o químico, o átomo de hélio era uma molécula, pois seu comportamento dentro da teoria cinética dos gases assim o caracterizava, enquanto para o físico o hélio era um átomo “porque não apresentava um espectro molecular”. (KUHN, 1996, p.75). Duas respostas diferentes foram apresentadas para a tentativa de resolver exatamente o mesmo

problema, porque os pesquisadores se apoiavam em concepções distintas. Nenhuma das respostas estava errada, pois cada uma tinha uma base teórica que a sustentasse; ou ambas as respostas estavam erradas dentro do ponto de vista dos paradigmas da outra.

## **MUDANDO PARA EVOLUIR**

Na história das ciências, há muitas situações em que um determinado conjunto de concepções, altamente valorizado pela influência positiva na busca de respostas a problemas, não consegue mais influenciar a solução de novos problemas abraçados por uma comunidade científica. É necessário contar com novos modelos conceituais que surgem, segundo Kuhn, de maneira indeterminada, num processo raramente “completado por um único homem e nunca de um dia para o outro” (KUHN, 1996, p.26), no contexto de um movimento evolucionário de “mudança de paradigma”.

As pesquisas de muitos estudiosos da Física nas três primeiras décadas do século passado, notadamente no campo da Física Quântica, questionaram as conclusões de Isaac Newton, ao revelarem questões impossíveis de serem respondidas com base nas cosmovisões vigentes, exigindo dos cientistas grande esforço no desenvolvimento de novo modelo perceptivo capaz de dar conta das impressionantes descobertas que emergiam dos novos problemas investigados. A base teórica fundante da Ciência de Newton não era mais capaz de abranger nova realidade que se desdobrava diante das pesquisas que investigavam o microcosmos, o mundo das partículas primárias da matéria, caracterizando assim uma ruptura epistemológica, pois o conjunto de premissas válidas para determinado campo de conhecimento não era mais suficiente para abarcar novo e amplo espaço de estudo.

Tais mudanças perceptivas não se restringiram às técnicas e parâmetros do campo de estudo da Física somente, que precisaram ser reformuladas e enriquecidas, mas também afetaram a visão sobre os aspectos fundamentais da matéria e acerca dos recursos perceptivos da mente humana, com importantes conseqüências sobre o próprio sentido de existência, como descreve Capra, quando comenta os dilemas dos cientistas dessa época: “seus problemas não eram meramente intelectuais, mas alcançavam as proporções de uma intensa

crise emocional e, poder-se-ia dizer, até mesmo existencial”.(CAPRA, 2004, p.24). As pesquisas desse novo campo de conhecimento provocaram efeitos que transpuseram uma simples quebra de paradigmas, culminando numa verdadeira revolução em muitos aspectos da existência<sup>9</sup>, haja vista a marcante influência das conclusões filosóficas desencadeada sobre os mais diferentes campos de reflexão e atividade humanas, com impactos culturais e sociais.

Kuhn, físico e estudioso da História da Ciência, percebeu que esse importante padrão de mudança ampla de concepção ocorria de tempos em tempos, em todos os campos de estudos. Ele consubstanciou suas conclusões no livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, onde buscou compreender todo o processo que leva uma comunidade científica a abandonar um conjunto de paradigmas e adotar outro.

Suas conclusões ajudam na compreensão dos desafios impostos à consciência contemporânea, presentemente pressionada por problemas dos quais a esperteza humana parece não dar conta, acontecimentos que põem em risco a sobrevivência humana no Planeta, caracterizando assim grave crise civilizatória criada por um modelo de existência, claramente falido, mas ainda com grande poder de influência em todas as esferas das atividades humanas. Para muitos estudiosos, novas percepções de mundo e formas de organização político-social capazes de criar um renovado conjunto de crenças e valores – novos paradigmas, enfim - encontram-se em decurso de estruturação, desde aquelas relevantes descobertas da Física do início do século XX.

## **METAPARADIGMAS CIVILIZATÓRIOS**

As observações de Kuhn sobre paradigmas de um campo de estudo específico e suas transformações no âmbito de uma comunidade restrita, encaixam-se na visualização dos paradigmas mais abrangentes enfocados no presente estudo. Não estamos mais falando, todavia, de uma ciência particular, mas da relação do ser humano com seus semelhantes e com toda a Natureza e a possibilidade da vida humana sobre a Terra fundamentada em bases que possam

---

<sup>9</sup> Pela ampla influência dessas novas descobertas da Física em diversos campos de estudo, muitos estudiosos preferem a idéia de que uma revolução científica, que implica a idéia de ruptura radical, foi desencadeada a partir das pesquisas subatômicas, uma vez que a compreensão do novo mundo que surgia exigia novos modelos de percepção ou paradigmas. (CHAUÍ, 2004, p. 223).

assegurar sua sobrevivência a longo prazo. Isso abrange de tal modo todos os setores da vida, todas as ciências, todas as cosmovisões, todas as categorias, e os próprios paradigmas científicos, que esses paradigmas abrangentes certamente constituem padrões arquetípicos, verdadeiros “metaparadigmas”, uma vez que se encontram na base de todas as atividades e valores humanos.

Tais metaparadigmas influenciam o conjunto das comunidades telúricas, e constituem a base para uma concepção de existência que determina os ideais de igualdade, justiça, liberdade e fraternidade; o modelo de desenvolvimento; a forma de acesso às riquezas materiais, intelectuais e espirituais; e a qualidade da relação entre o ser humano, os demais seres vivos e a Natureza.

Entre o quadro de uma realidade presente e o panorama de uma verdade sonhada, quaisquer que sejam eles, há larga faixa de influência a ser trabalhada, exigindo, necessariamente, a assimilação de novos valores. Uma realidade reconfigurada pela lucidez dos novos metaparadigmas é o resultado inevitável da reorientação existencial das consciências, extenuante tarefa para muitas gerações.

## **METAPARADIGMA CARTESIANO**

O metaparadigma cartesiano está relacionado principalmente à obra do filósofo, físico e matemático René Descartes e também a diversas outras gerações de cientistas e estudiosos inspiradas por ele. Nascido no ano de 1596, em França, ele é considerado o pai da Matemática e da Filosofia moderna. Tal como Giordano Bruno e Galileu, Descartes também encarou perseguições. Depois de sua morte, ocorrida em 1650, seus escritos passaram a frequentar o índice de livros proibidos da Igreja Católica.

Descartes viveu numa época de grandes transformações, quando a sociedade feudal, que situava a Igreja da época toda a responsabilidade pela guarda e produção do conhecimento, encontrava-se em franco e progressivo esgotamento. Era a época das grandes navegações e da produção de tratados científicos que punham em questão todo o conhecimento sobre o mundo. Estava surgindo o mercantilismo, que pretendia ocupar a posição do exaurido sistema feudal, baseando as estruturas econômicas na livre iniciativa e no individualismo.

Essa foi também uma época de grandes transformações religiosas. Estava em curso a Reforma Protestante, de Lutero, que iria “abalar a autoridade universal da Igreja Católica no Ocidente, valorizando a interpretação da Bíblia pelo próprio indivíduo”. (MARCONDES,2004, p.159).

Os metaparadigmas que governavam a consciência encontravam-se esgotados, incapazes de dar conta de demandas surpreendentes, como a descoberta de terras. A título de exemplo, os habitantes desses lugares, por não caberem na cosmovisão vigente, eram muitas vezes declarados desprovidos de humanidade.

Muitas teorias em vigor estavam sendo questionadas pelo trabalho de Copérnico e Galileu. O heliocentrismo tomava o lugar do geocentrismo, organizado com base em evidências científicas, não pela crença, dogma ou obediência à autoridade. Grande crise se instalara, à medida que ruíam os antigos pilares. A razão cobijava seu lugar.

Viajando por muitos lugares em toda Europa, Descartes pôde constatar o quanto o conhecimento variava, sendo muitas vezes contraditório, entre uma cultura e outra. Qual era a causa de todos esses equívocos? O ser humano fazia mau uso da razão, o que resultava no engano e no equívoco. Se a vida, entretanto, pode ser conduzida pelo bom senso e pela racionalidade, atributos naturais ao ser humano, então seria necessário um método, para, segundo Marcondes,

(...) pôr a razão no bom caminho, evitando assim o erro. O método, portanto, é um caminho, um procedimento que visa garantir o sucesso de uma tentativa de conhecimento, da elaboração de uma teoria científica. (DESCARTES, 2004, p.162).

A obra de Descartes apareceu nessa época como para sintetizar todas essas transformações, dando-lhes o necessário suporte filosófico, matemático e científico. A consciência lutava contra a ditadura de um conhecimento imposto por autoridades investidas num poder supostamente celestial, e trabalhava para se declarar autora independente da produção de sentido, orientado pelo agora onipotente instrumento da razão, oposto à verdade revelada. A razão seria capaz de dar conta, sozinha, do conhecimento da verdade, não havendo mais espaço para a incerteza e o ceticismo. Segundo Marcondes, tais eram os caminhos que apontavam para o que se chamou de “Modernidade”,

(...) estreitamente relacionada à ruptura com a tradição, ao novo, à oposição à autoridade da fé pela razão humana e à valorização do indivíduo, livre e autônomo, em oposição às instituições. Essas idéias terão uma importância central no desenvolvimento do pensamento de Descartes. A crença no poder crítico da razão humana individual, a metáfora da luz e da clareza que se opõem à escuridão e ao obscurantismo, e a idéia de busca do progresso que orienta a própria tarefa da filosofia são alguns dos traços fundamentais da modernidade de Descartes. (MARCONDES, 2004, p.160).

O sujeito pensante, em oposição ao sujeito consumidor de idéias oriundas de uma escola ou tradição, ocupa o seu lugar, para produzir racionalmente o conhecimento contextualizado, expondo o modo como cada idéia foi produzida e todo o seu percurso, até chegar a uma conclusão insofismável, a exemplo do próprio Descartes, que expõe as idéias de forma pessoal, usando sempre a primeira pessoa do singular:

Decidindo-me a não procurar outra ciência senão a que pudesse encontrar em mim próprio ou no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha juventude a viajar, a visitar cortes e exércitos (...) a pôr-me a mim próprio à prova nas circunstâncias que a fortuna me oferecia, em toda parte fazendo reflexão das coisas que se apresentavam, de modo a tirar delas algum proveito.

Parecia-me, de facto, poder encontrar muito mais verdade nos raciocínios que faz cada qual sobre as questões que o interessam, e cuja seqüência logo o castiga se mal julgou, do que nos raciocínios feitos por homem de letras, no seu gabinete, sobre as especulações que não produzem efeito algum (...) eu tinha um desejo extremo de aprender a distinguir o verdadeiro do falso, para ver claro nas minhas acções e caminhar seguramente nesta vida. (DESCARTES, 1981, p.57).

O método de Descartes era baseado em quatro regras simples que, aplicadas na experiência de vida do ser humano, deveriam sempre ser seguidas para alcançar os resultados almejados, o bom uso da razão. Ele sintetizou o seu método em sua famosa obra *Discurso do Método*, cujo título completo diz muito do seu objetivo: *Discurso do Método para bem conduzir a razão e procurar verdade nas ciências*. Essas são as regras de Descartes (1981):

Regra da evidência – jamais receber por verdadeira coisa alguma que não possa se conhecer evidentemente como tal .

Regra da Análise – dividir cada uma das dificuldades examinadas em tantas parcelas quanto fosse possível e requerido para melhor as resolver.

Regra da Síntese – conduzir por ordem os pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como que por degraus, até ao conhecimento dos mais complexos, e supondo a existência de ordem entre aqueles que não se sucedem naturalmente uns aos outros.

Regra da Enumeração – fazer sempre enumerações tão completas e revisões tão gerais que fique seguro de nada omitir.

Para Chauí, o método, orientando o indivíduo apartado de uma escola de pensamento, tinha esse propósito de guiar o pensamento à verdade:

Feitas as críticas à autoridade das escolas e dos livros, da tradição e dos preconceitos, o sujeito do conhecimento descobre-se como uma consciência que parece não poder contar com o auxílio do mundo para guiá-lo, desconfia dos conhecimentos sensíveis e dos conhecimentos herdados. Está só. Conta apenas com seu próprio pensamento. (CHAUÍ, 2004, p.128).

A proposta de Descartes era, portanto, assegurar, mediante o desenvolvimento da faculdade da razão e de um método definido, a possibilidade de o ser humano alcançar a verdade exata e definitiva da realidade, refutando qualquer dúvida sobre a capacidade humana de conhecer a verdade.

Para descrever tal método, Descartes utilizou a técnica da dúvida como projeto de demonstração dessa possibilidade. Para isso, propôs-se assumir o papel do cético e caminhar segundo sua perspectiva para encontrar um ponto onde ele falha, desmascarando-o. Nesse exercício, nada parece escapar à conclusão de que tudo é falso e incompleto, concordando Descartes com a idéia de que a dúvida parece ser insuperável, pois o próprio corpo e as próprias faculdades de conhecimento podem ser nada mais do que quimeras. Para que o engano seja estabelecido sobre alguma coisa, é necessária, porém, uma mente que “existe” para ser enganada e que seja capaz de “pensar” que pode ou não estar sendo enganada.

Saltam duas conclusões livres de qualquer dúvida: “eu penso” e “eu existo”, “penso, logo existo”. Esse é o chamado argumento do *cogito* (do latim *cogito*, “penso”), a mais conhecida dentre as idéias de Descartes. Essas duas verdades

fundamentais representam para ele a derrota do ceticismo, que agora precisa encarar alguma coisa onde não cabe a dúvida, elevando o racionalismo a um triunfo jamais verificado.

Essa derrota do ceticismo nos domínios do edifício lógico de Descartes tornou-se o ponto culminante da filosofia cartesiana e sua mais importante contribuição ao desenvolvimento do pensamento filosófico daí em diante.

## **CRÍTICAS AO “COGITO” DE DESCARTES**

Muitas foram as objeções ao argumento do “*cogito*” que apareceram, de ordem lógica e de ordem filosófica. Argumenta Leibniz (*Apud* MARCONDES,2004) que a afirmação de Descartes é circular, pois não se pode concluir por uma existência derivada da conclusão de que penso porque já há um “eu” afirmando que pensava, implícito na primeira parte de “penso, logo existo”, situando a perspectiva de existência precedente ao pensamento.

Além disso, o argumento sugere que a suposta inexistência da faculdade de pensar dos entes não humanos implica concluir, se não por uma inexistência, pois eles são evidentes aos sentidos, mas por uma existência de ordem inferior, disponíveis, portanto, para serem usados como meros objetos para satisfazer os fins dos únicos capazes de declarar a si mesmos como existindo. Mesmo seres humanos mentalmente debilitados, supostamente incapazes de pensar, acabariam submetidos aos mesmos fins e interesses dos entes “pensantes”. Para muitos estudiosos, o ideal de considerar os elementos da Natureza meramente como servos úteis, tal como havia sugerido Bacon, firmou-se nesse conceito cartesiano.

Na crítica dos céticos, a certeza da existência do ser pensante não é o ponto em questão, mas a possibilidade de conhecer o real. Para eles, essa questão central não é abarcada pela conclusão do *cogito*, que não implica um sistema de conhecimento, trazendo apenas uma certeza subjetiva. Mais tarde, já na Era contemporânea, a desconfiança dos céticos que debatiam com Descartes vinha a ser confirmada pelos corifeus da Física Quântica, ao enunciarem a relatividade das dimensões tidas como absolutas, como o tempo, e a influência do

observador sobre o resultados da pesquisa, com o princípio da incerteza de Heisenberg.

A tendência de centralidade e isolamento do sujeito, do eu, é clara em todo o projeto de Descartes. É necessário que, separado do mundo exterior e do próprio corpo, seja pensado o sujeito pensante. Se há somente a certeza de que ele pensa, implicando sua existência, sendo tudo mais objeto de dúvida que deve permanecer isolado, é estabelecida uma dualidade inevitável, sendo esta a “raiz do célebre dualismo corpo-mente em Descartes”. (MARCONDES, 2004, p.169).

## **BACON E SEU PROJETO DE EXPROPRIAÇÃO DA NATUREZA**

Francis Bacon (1561-1626), cujo nascimento é um pouco anterior ao de Descartes, já exprimira em seus trabalhos a crença na experiência pessoal para dirigir o conhecimento voltado para o progresso tecnológico. Em seu *Novum Organum* defende a idéia do domínio da Natureza pelo homem para que obtenha poder pelo conhecimento. É grande sua preocupação em aniquilar os mitos que, segundo ele, criam preconceitos e impedem o conhecimento da verdade. O conhecimento deve estar ao pleno alcance da consciência, nada restando que não possa ser compreendido pela razão. Um projeto de esclarecimento, que busque a compreensão do mundo, deve ser posto em prática, eliminando o poder das estórias fantásticas dos mitos e seus ídolos.

O método indutivo é sua técnica para alcançar o conhecimento seguro. Com ele, o cientista pode cercar o conhecimento mediante observação sistemática de fenômenos em escalas mensuráveis, determinar parâmetros de regularidade, estabelecer relações entre as partes e inferir conclusões universais – um modelo coerente com o método de Descartes. “Tal como ocorre em Descartes, a preocupação fundamental de Bacon é com a formulação de um método que evite o erro e coloque o homem no caminho do conhecimento correto”. (MARCONDES, 2004, p.178).

Desse modo, o conhecimento pode ser controlado, bem como a Natureza investigada, para beneplácito do ser humano, que tenta desvendar seus segredos, para dominá-la, pois saber é poder: “ciência e saber do homem coincidem”. (BACON, 2000, p.33). Essa é uma das idéias mais representativas da

ideologia baconiana: o ser humano, observador supremo e legislador da Natureza, é capaz de conhecer seus segredos e obter o controle sobre seus fenômenos, que devem estar a serviço dos interesses da humanidade que buscam o progresso a qualquer preço, aniquilando os mitos e eliminando o poder da Natureza de submeter a vida humana aos seus caprichos.

A meta de Bacon é libertar o ser humano das superstições e preconceitos ante a Natureza, a fim de libertar o espírito oprimido pelas leis naturais sofrivelmente compreendidas pelo mito, dominando-a por meio do conhecimento científico: “Hoje, apenas presumimos dominar a Natureza, mas, de fato, estamos submetidos à sua necessidade; se contudo nos deixássemos guiar por ela na invenção, nós a comandaríamos na prática”. (BACON *apud* ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.19).

## **ISAAC NEWTON E O PREVISÍVEL MECANISMO UNIVERSAL**

Pouco antes da morte de Descartes (1650), nasceu Isaac Newton (1643), que abriu os olhos para enxergar um mundo em período de grandes mudanças, já influenciadas pelos relevantes ideais cartesianos. Seu trabalho veio a ser capitaneado por uma razão analítica pretensamente capaz de abarcar o funcionamento de todo o intrincado mecanismo universal, projeto semelhante às propostas de Bacon e Descartes. Newton foi considerado o maior cientista de sua época, conhecedor de toda a Ciência produzida na Europa.

Ele foi influenciado pelas descobertas de Copérnico, que já havia proposto o sistema heliocêntrico, no qual o Sol era o centro do universo, não a Terra, como queria Ptolomeu; pelos estudos de Kepler, que havia proposto um modelo matemático para explicar o funcionamento do universo; e por Galileu, que tanto utilizou a nova ferramenta do telescópio para aproximar o olhar humano das estrelas, como também propôs que havia uma linguagem matemática que descreve o comportamento da Natureza e que o ser humano deve ser capaz de falar essa língua por meio do conhecimento científico, definindo os primeiros sinais de um entendimento mecanicista do mundo.

O mecanicismo vê a Natureza como um mecanismo, constituído de elementos que, como as engrenagens de um relógio, a fazem funcionar impulsionados por uma força externa. A função da

ciência é descrever a Natureza desses elementos e as leis e princípios que explicam seu funcionamento. (MARCONDES, 2004, p.152).

A iniciativa de Galileu foi apontada na direção do estudo dos aspectos quantificáveis da Natureza, aquilo que poderia ser decodificado em forma de linguagem simbólica, deixando de fora os aspectos subjetivos, tais como o som, o sabor, o cheiro, ou quaisquer outros capazes de suscitar interrogações inequacionáveis.

Newton sintetizou de forma incomparável o trabalho de Copérnico, Galileu e Kepler, com influência de Descartes e Bacon. Sua contribuição à ciência ocorreu com o desenvolvimento de poderosos modelos físico-matemáticos para descobrir as relações do mecanismo que dava movimento ou vida ao mundo, tornando todos os fenômenos previsíveis desde o domínio de leis matemáticas e precisas. Newton apoiou-se sobre os ombros dos seus antecessores para, segundo Capra, “formular as leis gerais do movimento que governavam todos os objetos no sistema solar, das pedras aos planetas” (CAPRA, 2005, p.58), confirmando o ideal cartesiano da possibilidade da compreensão racional do universo mediante o conhecimento de princípios exatos e mensuráveis.

Laplace foi quem melhor descreveu o potencial do determinismo newtoniano, ao afirmar: “uma inteligência que, em qualquer dado momento, conhecesse todas as forças através das quais a Natureza é animada e o estado dos corpos dos quais ela é composta, abrangeria – se ela fosse vasta o suficiente para submeter os dados à análise – na mesma fórmula os movimentos dos grandes corpos do universo e os dos átomos mais leves: nada seria duvidoso para essa inteligência e o futuro, tal como o passado, seria o presente aos seus olhos”. (*Apud* GOSWAMI 2003, p.36).

Newton deixou para a humanidade uma cosmovisão segundo a qual o mundo funciona como um grande e intrincado jogo de peças que atuam em trilhos bem definidos, à semelhança de um grande relógio universal, com uma mecânica disposta a ser abrangida por um conjunto de equações de resultados previsíveis. É enorme a influência de seus estudos em muitos campos do saber. À medida que se confirmavam suas equações na descrição do movimento de objetos e astros, da lua e das marés, os paradigmas newtonianos foram utilizados como

base do estudo de fluidos, dos gases, do calor, do som, com grande influência da Física até mesmo no campo das Ciências Sociais, inspirando os filósofos dessa área na concepção da existência de leis que dirigem a sociedade humana, do mesmo modo que há leis que regem o universo físico.

Muitos outros estudiosos foram os que colaboraram para a sedimentação do ideal cartesiano, que foi se estabelecendo na consciência à medida que sua aplicabilidade colaborava para sustentar o progresso científico e tecnológico, bem como o desenvolvimento do nascente capitalismo. Thomas Hobes (1588 – 1679), John Locke (1632 – 1704), George Berkeley (1685 – 1753), David Hume (1711-1776), John Stuart Mill (1806-1873) e Auguste Comte (1798 – 1857) trabalharam todos de algum modo para consolidar idéias hoje consideradas cartesianas, substratos do aparelhamento ideológico que sustenta a cosmovisão amplamente abraçada pela mentalidade contemporânea.

## **METAPARADIGMA QUÂNTICO**

O metaparadigma quântico começou a surgir à medida que os físicos do início do século XX apontaram seus instrumentos para o mundo das partículas muito pequenas. Quando novas ferramentas começaram a perscrutar os elementos subatômicos da matéria, um novo mundo começou a se revelar, trazendo junto problemas inéditos.

Os cientistas ficaram atônitos com as novas descobertas da Física, sem entender como analisá-las à luz de sua base cartesiana de saber, não restando alternativa, a não ser gestar uma nova perspectiva para a realidade que se desdobrava diante dos seus instrumentos de pesquisa. Diz Capra: “a nova Física exigia profundas mudanças nos conceitos de espaço, tempo, matéria, objeto e causa e efeito”. (CAPRA, 2005, p.72).

Dessa época até a presente Era contemporânea, muitos novos estudos colocaram em xeque grande parte dos metafundamentos cartesianos. A proposta de uma nova razão, muito mais abrangente, emergiu de muitos trabalhos da Física, superando a frieza dos números e a precisão dos resultados newtonianos, exigindo dos cientistas reflexões filosóficas sobre o que encontraram para tentar compreender uma realidade que se aproximava da metafísica.

Foram os próprios precursores da Física Moderna, tais como Werner Heisenberg, Max Planck, Niels Bohr e Albert Einstein que iniciaram a leitura filosófica de eventos que pareciam tirados de livros místicos do Oriente, tal o surpreendente comportamento da matéria, quando examinada no ambiente subatômico, como sugerem Werner Heisenberg e Niels Bohr:

Lembro-me de longas discussões com Bohr, até altas horas da noite, que acabavam quase em desespero. E quando, ao final de uma dessas discussões, saí para uma caminhada pelo parque vizinho, fiquei repetindo interiormente a mesma pergunta: pode a Natureza ser tão absurda como nos tem parecido nessas experiências com os átomos? (HEISENBERG *apud* CREMA, 1989, p.39).

Se buscarmos um paralelo para a lição da teoria atômica (...) [devemos nos voltar] para aqueles tipos de problemas epistemológicos com os quais já se defrontaram, no passado, pensadores como Buda e Lao Tsé em sua tentativa de harmonizar nossa posição como expectadores e atores no grande drama da existência. (BOHR *apud* CAPRA, 2000, p.22).

Não há como negar que há uma correlação entre os valores que perfazem a mentalidade coletiva e os resultados subjacentes às teorias científicas, tal como bem expressou Khun no estudo dos paradigmas, ao destacar a percepção de um novo mundo após a realização de outras descobertas, não apenas uma mudança de percepção restrita ao campo de aplicação da teoria em si:

O historiador da ciência que examinar as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções.

E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas vêem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente. É como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada para um novo planeta, onde objetos familiares são vistos sob uma luz diferente e a eles se apegam objetos desconhecidos. (KHUN, 1996, p.145).

Cada teoria científica carrega uma realidade permeada de conceitos e valores que extrapolam os muros dos laboratórios, alcançando diferentes campos de estudo, conceitos educacionais e sociais, mentes, corações, enfim, a

mentalidade coletiva inteira. O que causa espécie nas conclusões da Física Quântica é que seus conceitos afetam nossa forma de ver o mundo, causando um grande choque pelo surpreendente novo foco visual que experimenta a consciência, cuja primeira impressão é de que foi elevada a um novo estado de percepção, provocando desordem e estupefação, como após a solução de um grande enigma então tornado óbvio.

Cabe a pergunta: são as mudanças de paradigmas acompanhantes das novas descobertas científicas, que afetam a mentalidade coletiva ou é a mentalidade coletiva a operar para propor novos paradigmas?

A evolução das teorias científicas parece ocorrer de acordo com a correspondente evolução da consciência, que reflete em todos os elementos do universo, incluindo o próprio campo das teorias científicas, o instrumento racional que retroalimenta a consciência com uma imagem sempre mais refinada de si mesma.

Pareceria tolice que um grupo de cientistas tentasse impor uma cosmovisão incompatível à veracidade do universo, forjando conclusões e questionando valores já absorvidos pela mentalidade coletiva apenas como resultado de uma embriaguez intelectual ou como exercício de poder. Se suas conclusões são capazes de mascarar a racionalidade do método científico, certamente não poderão superar os instrumentos depurativos da ciência que, de tempos em tempos, operam para filtrar teorias científicas inexatas ou incompletas mediante a proposição de novos paradigmas, conforme demonstrou Kuhn. Eis um bom motivo para os céticos se convencerem a trabalhar ou na direção do aprofundamento das teorias propostas, com fins depurativos, ou na negação positiva, isto é, propondo outras teorias que demonstrem se aproximar da realidade, em vez de, simplesmente, menearem a cabeça para discordar das conclusões dos novos paradigmas.

## **OS PARADOXOS DO METAPARADIGMA QUÂNTICO**

Compreender totalmente o metaparadigma quântico é uma das tarefas mais extenuantes para qualquer estudioso. Mesmo Albert Einstein, um dos precursores dessa revolução da ciência do século XX, relutou bastante em aceitar certas conseqüências de suas descobertas, insistindo na interpretação cartesiana

de alguns fenômenos. No mundo subatômico, descobriu-se ampla gama de eventos influenciada de forma indeterminada, não por elementos locais, mas por forças que se encontram no universo e que agem de forma instantânea, sem uma relação mecânica, chamadas de conexões não locais.

Einstein não aceitava a existência de conexões não locais, argumentando que “Deus não joga dados”, sugerindo, com isso, que deveria haver uma previsibilidade determinística oculta, um pensamento tipicamente cartesiano.

Essa dificuldade de Einstein em compreender o paradoxo do universo subatômico ressalta o desafio do senso comum compreender a contento um universo que parece negar aquilo que está diante dos olhos, de onde a mente capta a todo instante o sentido de realidade, que, afinal, é o que parece plausível a todos, inclusive para os cientistas.

Uma etapa de grande confusão entre os cientistas que estavam diante de um novo mundo foi registrada por Capra:

Todas as vezes que faziam uma pergunta à Natureza, num experimento atômico, a Natureza respondia com um paradoxo, e, quanto mais eles se esforçavam para esclarecer a situação, mais agudos os paradoxos se tornavam. (CAPRA, 2005, p.71).

Após muito esforço, os precursores da nova Física entenderam que o erro consistia em olhar para os fenômenos subatômicos com a visão cartesianonewtoniana. Depois disso, fazendo as perguntas certas, foram capazes de formular a descrição matemática adequada aos fenômenos. Os cientistas que trabalharam mais intensamente para trazer à tona essas novas descobertas foram Niels Bohr, Max Planck, Louis de Broglie, Erwin Schorödinger, Werner Heisenberger, Paul Dirac e Wolfgang Pauli.

O novo mundo que se desdobrou dessas pesquisas pioneiras mostra que o universo não pode ser mais visto como um conjunto de objetos isolados uns dos outros, operando de acordo com leis matemáticas precisas, ao modo de um grande mecanismo universal, como sugere o cartesianismo, mas uma realidade interligada dinamicamente, como numa enorme teia de relações e interações complexas, indivisível, orgânica e com características holísticas.

Embora, indiscutivelmente, o mundo pareça, à *communis opinio*, organizado em objetos divisíveis, caminhando por trilhos matematicamente

previsíveis, são esses objetos todos constituídos por elementos básicos do micro-universo atômico e subatômico, carregando, por conseguinte, propriedades e comportamentos até esse momento não percebidos.

O primeiro sinal dessa nova (des)ordem apareceu nas pesquisas de Max Planck, ao analisar as emissões de radiação das cargas elétricas, os elétrons. Planck sugeriu que os elétrons absorvem ou emitem energia em quantidades descontínuas e separadas por níveis de percurso das cargas, as órbitas elétricas. Ele chamou de *quanta* as unidades específicas de energia, buscando no latim, na palavra *quantum* (singular de *quanta*), que significa quantidade.

Pareceu estranho o fato de que o elétron, ao saltar de uma órbita a outra, jamais ocupa posição intermediária às órbitas, simplesmente desaparecendo em um lugar e aparecendo em outro, de forma descontínua. Além disso, não há como saber precisamente se o elétron "vai saltar, nem para onde vai saltar, se há mais de um degrau inferior que possa escolher. Só podemos falar em probabilidade". (GOSWAMI, 2003, p.52).

Esses resultados diferem radicalmente daqueles percebidos no mundo das coisas grandes, pois, quando um objeto muda de posição, ele percorre, em cada instante, um caminho determinado, podendo ser localizado, em um dado instante, entre as duas posições. Sua localização, em qualquer momento, pode ser matematicamente determinada se forem conhecidas as condições iniciais, isto é, sua posição e velocidade em um átimo específico.

## **DUALIDADE DA MATÉRIA**

Até 1905, as observações de Planck sobre o fenômeno quântico ainda não haviam encontrado confirmação pela comunidade científica. Pensavam os cientistas que referida propriedade era exclusiva da radiação do corpo negro. Nesse ano, segundo Tipler, Einstein sugeriu que essa estranha propriedade "era uma característica fundamental da energia luminosa". (EINSTEIN *apud* TIPLER, 1981, p.89). Em outras palavras, quando um elétron descia do seu nível energético, energia era perdida na forma de luz com determinado *quantum*, na forma de uma partícula, atualmente chamada de fóton. Novos problemas se avizinhavam, pois a pesquisa científica indicava que a luz existia numa forma de

radiação eletromagnética, comportando-se como onda, característica já conhecida em muitos experimentos. A noção de *quanta* de energia revelava, portanto, a surpreendente propriedade de uma manifestação dupla da luz, tanto como onda quanto como partícula.

A pergunta seguinte a esta conclusão parece bem conseqüente: o próprio elétron poderia possuir também a característica dual onda-partícula? As pesquisas de Louis de Broglie confirmaram essa idéia, cabendo a Erwin Schrödinger descobrir a equação ondulatória da matéria, embora os cálculos de Heisenberger apresentassem os mesmos resultados, só que de modo mais complexo. A Matemática surgida “do trabalho de Schrödinger e Heisenberger é denominado Mecânica Quântica”. (GOSWAMI, 2003, p.57).

Como é possível alguma coisa ser, ao mesmo tempo, partícula, um objeto que ocupa um lugar determinado, e onda, energia perceptível num espaço ampliado? Na visão clássica, isso é impossível, pois os padrões de partícula e onda se excluem mutuamente. Para Capra, os termos partícula e onda eram, na verdade, inadequados para explicar os fenômenos quânticos:

Um elétron não é partícula nem uma onda, mas pode apresentar aspectos de partículas em algumas situações e aspectos de onda em outras. Enquanto age como partícula, é capaz de desenvolver sua natureza ondulatória à custa de sua natureza de partículas, e vice-versa, sofrendo assim transformações contínuas de partícula para onda e de onda para partícula. Isso significa que nem o elétron nem qualquer outro “objeto” atômico possuem propriedades intrínsecas, independentes do seu meio ambiente. As propriedades que ele apresenta – semelhante a partícula e semelhante a onda – dependem da situação experimental, ou seja, do aparelho com que o elétron é forçado a interagir. (CAPRA, 2005, p.73).

## **NOVA PERCEPÇÃO DA NATUREZA DA MATÉRIA**

As pesquisas de Einstein e dos demais estudiosos da então nascente Física Quântica revelaram uma nova concepção da matéria. O elétron pode assumir tanto a propriedade de partícula, uma forma mais próxima do que se entende por matéria, como a de onda, um conceito mais abstrato e abrangente. O elétron, desse modo, ocupa região ampla, o que implica uma percepção da matéria distinta da idéia de uma coisa sólida, um conceito clássico bem estabelecido. Segundo Capra, os físicos, buscando superar os paradigmas

clássicos na análise dos fenômenos quânticos, adotaram o conceito de complementaridade, segundo o qual a percepção da onda e da partícula se complementam para formar a realidade do átomo, apenas parcialmente compreendido quando descrito como partícula ou como onda. Os elétrons, portanto, não seriam nem ondas nem partículas, mas as duas coisas simultaneamente ou, como sugere Goswami, são “ondículas”, porquanto sua verdadeira natureza transcende ambas as descrições”. (GOSWAMI, 2003, p.66).

Em virtude do aspecto ondular, o elétron não existe de forma determinística, mas apenas de modo probabilístico, uma vez que sua posição possui apenas uma tendência de estar em alguma região. A onda, parte da natureza dual do elétron, não consiste propriamente numa onda Física, mas probabilística. Os pontos possíveis de sua posição formam equações semelhantes àquelas que descrevem as propriedades de uma onda sonora, por exemplo.

Todas as leis da Física atômica se expressam em termos dessas probabilidades. Nunca podemos prever com certeza um evento atômico; apenas podemos prever a probabilidade de sua ocorrência. (CAPRA, 2005, p.75).

No caso do elétron, ele só pode ser encontrado numa posição com uma velocidade de forma aproximada. Significa dizer que existe algum grau de incerteza quanto a essas duas variáveis: localização e velocidade (*momentum*, mais precisamente, que é a velocidade multiplicada pela massa). O físico Werner Heisenberger demonstrou matematicamente a impossibilidade de se determinar com precisão, simultaneamente, a posição e a velocidade do elétron, e batizou essa indeterminação de “Princípio da Incerteza”. Nas experiências com o elétron, observou-se que, se o pesquisador está examinando a velocidade do elétron, ele é capaz de obter boa resposta, mas nada pode garantir sobre a posição. O mesmo acontece quando ele examina a posição do elétron, não sendo possível determinar com precisão a velocidade.

Esse conceito difere radicalmente do projeto determinístico elaborado por Descartes. Para ele, o conhecimento científico, dirigido por um método, é capaz de separar precisamente a verdade do erro, não sendo jamais admissível que o conhecimento certo seja dado em bases apenas probabilísticas: “rejeitamos todo conhecimento que é meramente provável e consideramos que só se deve

acreditar naquelas coisas que são perfeitamente conhecidas e sobre as quais não pode haver dúvidas”. (*Apud* CAPRA, 2005, p.53). Essa crença numa ciência precisa, capaz de elaborar respostas perfeitas, ainda permeia os programas das escolas e universidades contemporâneas, trabalhando para criar um ideal cientificista ultrapassado.

As conclusões da Física Quântica, além disso, mostram que, em toda pesquisa, há forte influência de um terceiro sobre os resultados, o observador. Não é possível que um objeto subatômico obedeça a uma relação matemática determinada pela sua posição inicial, pois, na verdade, há sempre nova posição inicial, cada vez que ele é observado, significando que um novo começo está sendo estabelecido pelo observador cada vez que ele se ocupa do trabalho de pesquisa. Para cada observador diferente, ou para o mesmo observador em instantes variados, um novo mundo subatômico está sendo criado a cada medição.

Desse modo, o observador torna-se uma das variáveis a considerar nas propriedades dos fenômenos examinados. Ele não apenas revela as propriedades dos fenômenos investigados, como também influencia nos resultados. “Se formulo uma pergunta sobre partícula, ele me dá uma resposta sobre partícula; se faço uma pergunta sobre a onda, ele me dá uma resposta sobre a onda”. (CAPRA, 2005, p.81). É o observador, portanto, que realiza o colapso do pacote de ondas, fenomenalizando o objeto quântico, a partícula.

Os objetos subatômicos estão conectados ao padrão mental do observador, uma idéia oposta à proposta cartesiana de separar a mente da matéria, que criou a divisão entre a *res cogitans*, ou “coisa pensante”, e a *res extensa*, a “coisa extensa”. Nessa percepção, o corpo e, por conseguinte, a matéria como um todo, eram objetos manipuláveis, tais como peças de uma engrenagem universal destituída de inteligência e espírito, cujo funcionamento poderia ser compreendido por padrões objetivos e mensurados por meio de relações matemáticas. Os seres vivos eram vistos, portanto, como máquinas, nas quais as funções orgânicas e movimentos podiam ser compreendidos mecanicamente.

A Física Quântica demonstrou que a mente sempre estará, subjacentemente, acompanhando parte da resposta que a matéria dá de si em

qualquer pesquisa, confirmando a observação de Kant, segundo a qual conhecemos das coisas “só o que nós mesmos colocamos nelas” (KANT, 1999, p.39), o mesmo conceito claramente expresso em *A Estrutura das Revoluções Científicas*, de Thomas Kuhn, quando destaca a influência de todo um conjunto de padrão de valores, paradigmas, sobre a pesquisa científica, eliminando a idéia de ciência objetivamente neutra.

## **DIVERSIDADE, COMPLEXIDADE E HORIZONTES DO METAPARADIGMA QUÂNTICO**

A influência dos estudos de Descartes é marcante para toda a ciência dos séculos XVII até o século XIX. Para Capra, tudo o que foi produzido nesse período, “nada mais foi do que o desenvolvimento da idéia cartesiana”.(CAPRA, 2005, p.56). Graças ao seu trabalho, que ainda repercute fortemente até na Era contemporânea, é que ainda hoje a concepção dominante de mundo é a de uma grande máquina mensurável e manipulável, governada por leis matemáticas.

A Ciência Quântica, por outro lado, ainda precisa vencer o ceticismo tanto de cartesianos, quanto de muitos físicos que se debruçam sobre ela, ainda não totalmente convencidos de que os resultados da pesquisa do mundo subatômico obtidos em laboratório possam extrapolar para a percepção de um novo mundo. Para muitos estudiosos, tais como Capra, Goswami, Boff e Arora, não há dúvidas de que as conclusões da nova Física não apenas tangenciam o conhecimento da mística oriental, mas também constituem o substrato teórico capaz de cimentar os alicerces de uma nova concepção de existência e apontar soluções para os graves problemas dos quais a humanidade ora se ocupa.

Podemos resumir em tópicos os aspectos principais da ideologia cartesiana que domina o nosso tempo, como se pode depreender do que foi exposto, cotejando com o ponto de vista da mentalidade quântica:

<b>PERCEPÇÃO CARTESIANA</b>	<b>PERCEPÇÃO QUÂNTICA</b>
Acredita na certeza da pesquisa científica e na capacidade de a ciência alcançar a verdade.	Acredita na impossibilidade de a ciência definir resultados precisos, pois muitos dos resultados obtidos na pesquisa da Física Moderna só podem ser expressos em formato probabilístico.
Investe no desenvolvimento do conhecimento humano para fins de poder e dominação da Natureza.	Investe no desenvolvimento do conhecimento humano para fins de sabedoria e para a compreensão do mundo, visando à vida em harmonia com a Natureza.
Trabalha com a possibilidade de se obter uma descrição matemática da realidade.	Trabalha com a hipótese de que a realidade está sujeita a um grau de complexidade impossível de ser descrita matematicamente, contendo elementos não mensuráveis.
Opera somente com os aspectos quantificáveis da Natureza.	É capaz de perceber aspectos não quantificáveis, como estética, ética, sensibilidade e valores
Entendimento da Natureza como um réu que precisa declarar seus segredos para servir ao ser humano	Entendimento da Natureza como a grande mãe, com quem se deve estabelecer uma relação orgânica e de cooperação.
Produziu a fragmentação no conhecimento e a crença de que todos os fenômenos podem ser divididos em partes menores.	É integrativa e trabalha na perspectiva da visão sistêmica dos fenômenos, valorizando os aspectos multidisciplinares e transdisciplinares do conhecimento. Considera que a realidade se exprime na forma de uma grande teia multidimensional.

(segue)

Mente e corpo encontram-se divididos, separando ciências naturais, ocupadas com a “ <i>res extensa</i> ” de ciências humanas, ocupadas com a “ <i>res cogitans</i> ”.	Mente e corpo encontram-se integrados, numa relação de interdependência, merecendo estudos inter e transdisciplinares para serem compreendidos.
Percepção mecanicista dos organismos, como se fossem máquinas que podem ser decompostas em peças.	Percepção da complexidade dos organismos, reconhecendo sua estrutura sistêmica, influenciada pela mente, pelas emoções e pela espiritualidade.
Trabalha com a idéia de que para todo efeito há uma causa que pode ser determinada.	Trabalha com a idéia de que nem todo fenômeno tem uma causa determinada. O salto do elétron de uma órbita para outra, por exemplo, pode acontecer sem uma causa determinada.
Considera que a realidade existe de forma objetiva.	Considera que o observador afeta o processo de observação e seus resultados.
Considera que os resultados da pesquisa são influenciados somente por variáveis locais.	Considera que os resultados da pesquisa são afetados por eventos não locais, como as influências instantâneas do universo.

Fonte: elaboração própria

## **O PROCESSO DEPURATIVO-TRANSFORMATIVO DE PARADIGMAS CIENTÍFICOS**

Refletimos sobre o significado de metaparadigmas normalmente considerados na literatura holística como ultrapassados, em geral chamados cartesianos. Também vimos como os metaparadigmas quânticos buscam seu espaço, supostamente capazes de dar conta de graves problemas que a humanidade já conhece e de novos problemas, já vislumbrados, que enfrentará

em futuro próximo. Mesmo no âmbito de padrões e critérios específicos no campo da Física, ainda há muito debate e discussão em torno da validade do paradigma quântico – um consenso ainda distante de ser alcançado. Não se sabe ainda como essas novas concepções influenciarão a vida cotidiana, nem qual mundo será refletido por elas. A assimilação do novo metaparadigma continua longe de ser completada.

É necessário pensar um pouco como a transição entre tais metamodelos ocorre. Como se caminha de metaparadigmas a outros? Como eles evoluem? Eles são susceptíveis a manipulações? Como são inseridos novos metaparadigmas na mentalidade coletiva? Tais questões são úteis para entender como se orienta o processo depurativo e transformativo da consciência que habita o Planeta. Vamos tentar conduzir essas questões com esteio na pesquisa de Kuhn e sobre como ocorre a mudança de um paradigma científico a outro. Esse exercício nos dará pistas relevantes sobre nossas questões.

Para Kuhn, paradigmas são questionados à medida que são identificados problemas aos quais não conseguem responder. São situações em que os padrões de respostas oferecidos pelo paradigma não atendem aos critérios já conhecidos e esperados, passando a ser considerados como anomalias. O fracasso das regras e procedimentos, até então aplicadas com sucesso, torna-se o motor de uma crise, cuja mensagem de fundo é a indicação de que é chegado o momento de desenvolver novos instrumentos e conduzir a revisão de procedimentos, com mudança de percepção do conjunto de variáveis envolvidas. Diz Kuhn:

As revoluções científicas iniciam-se com um sentimento crescente, também seguidamente restrito a uma pequena subdivisão da comunidade científica, de que o paradigma existente deixou de funcionar adequadamente na exploração de um aspecto da natureza, cuja exploração fora anteriormente dirigida pelo paradigma. (KUHN, 1996, p.126).

As anomalias são geralmente identificadas em território doméstico, pelo próprio membro de uma comunidade de ciência normal, a ciência do cotidiano de uma área de estudo, pois ele, melhor do que ninguém, sabe que resultados esperar das suas experiências. As mudanças necessárias para resolver a

anomalia, entretanto, dificilmente serão conduzidas por esses praticantes da ciência normal.

A função da ciência normal está muito mais relacionada à resolução de quebra-cabeças, problemas específicos abraçados pelos membros como passíveis de resolução com base no movimento das peças de regras e procedimentos conhecidos. O compromisso da ciência normal é na direção do aprofundamento dos seus parâmetros, nunca do seu questionamento, pois tal atitude exigiria constante repensamento dos fundamentos, impedindo o aprofundamento e exigindo revisão constante do conjunto de regras já aceitas por toda a comunidade.

O praticante da ciência normal, geralmente se encontra comprometido com o conjunto de regras de sua área, uma vez que foi submetido a um longo treinamento para absorvê-las. Ele tende a encaixar os resultados de suas pesquisas dentro das muralhas estabelecidas por suas regras, forçando a Natureza a se ajustar aos seus parâmetros. A profunda convivência com o conjunto de regras e a intimidade estabelecida com o domínio dos procedimentos é que o habilitará perceber que algo de errado pode estar acontecendo no momento em que monta o último quebra-cabeças possível para suas peças.

Desse modo, a ciência normal, de forma involuntária, participa da sua renovação, mas isso não é feito articulando velhos paradigmas. Segundo Kuhn, essa renovação consiste numa “reconstrução da área de estudos a partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas das generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos dos seus métodos e aplicações”. (KUHN, 1996, p.116). Essa tarefa cabe geralmente a membros que não possuem compromissos com as regras e princípios tornados obsoletos, geralmente jovens e principiantes no campo de estudos, ainda não suficientemente comprometidos com os paradigmas que estão sendo questionados. É evidente, portanto, que a transição de um paradigma a outro nunca é feita sem conflitos.

De fato, um período de grande insegurança é um dos sinais da emergência dos novos paradigmas, pois, em jogo, há regras e procedimentos bem estabelecidos, às vezes por séculos. Essa resistência dos guardiões dos velhos paradigmas é útil, pois o que já está firmemente estabelecido não pode ser

abruptamente eliminado, sob risco de caos nos fundamentos da ciência normal e no seu saudável aprofundamento. Assim é que os candidatos a novos paradigmas e seus entusiastas deverão seguir caminhos tortuosos, geralmente de grande duração, muitas vezes sequer experimentando a oportunidade de testemunhar o triunfo de suas idéias. Isso ocorre em consequência de certas limitações psicológicas, resultado de uma longa convivência com os procedimentos da ciência normal, como registram Crema & Araújo:

Não é típico do ser humano aceitar, gentil e simplesmente, a falência dos seus pressupostos e desmantelamento da sua descrição de mundo habitual. Na mesma medida do potencial inovador do insurgente paradigma é inevitável a construção de um muro de resistência ao mesmo, por parte, principalmente, dos profissionais e especialistas que devotaram décadas da própria vida ao antigo paradigma. (CREMA & ARAÚJO, 2001, p.19).

O tempo necessário a um paradigma, que ainda parece uma promessa, de se tornar plausível depende do seu potencial de ser abraçado por uma maioria relevante da comunidade. O espaço da discussão e o debate das idéias promovem o aprimoramento de conceitos que se encontram ainda em fase de elaboração, candidatos a se fixarem como novos elementos inspiradores de padrões e regras. Tal processo tende a amadurecer no seio das futuras gerações, que verdadeiramente aproveitam os resultados das dúvidas, contestações e conclusões das eras pretéritas. Para Max Planck,

uma nova verdade científica não triunfa convencendo seus oponentes e fazendo com que vejam a luz, mas porque seus oponentes finalmente morrem e uma nova geração cresce familiarizada com ela. (*Apud* KUHN, 1996, p.191).

Kuhn, nessa mesma obra, identifica duas condições que devem ser atendidas para a adoção de novos paradigmas. O primeiro é que o novo paradigma, e somente ele, seja capaz de resolver algum problema extraordinário reconhecido por uma comunidade. O segundo é que o novo paradigma ofereça respostas aos problemas que o velho paradigma resolvia. Mesmo obedecendo tais condições, os defensores do novo padrão podem ser considerados suspeitos de querer os holofotes voltados para si, desbancar concorrentes ou ocupar posições de destaque. Na proporção que as novas idéias possuam força própria,

entretanto, tendem a convencer um número cada vez maior de pesquisadores que estão chegando à comunidade ou mesmo de membros antigos, aqueles mais tolerantes às crises, capazes de reconhecer o valor das novas idéias como elementos que renovam e colaboram no progresso da área de estudo. Nessa situação,

(...) o número de experiências, instrumentos, artigos e livros baseados no paradigma multiplica-se gradualmente. Mais cientistas, convencidos da fecundidade da nova concepção, adotam a nova maneira de praticar a ciência normal, até que restem apenas alguns poucos opositores mais velhos. (KUHN, 1996, p.199).

Um novo paradigma é vencedor quando apresenta uma perspectiva mais aproximada da Natureza quando submetida a ele. Essa é a principal fortaleza que garante a vitória do novo paradigma, dobrando os últimos opositores diante da realidade de fatos que se tornaram percebidos. E como termina esse processo? “As revoluções terminam com a vitória total de um dos dois campos rivais” (KUHN, 1996, p.209), até que uma nova percepção da Natureza, impossível de ser compreendida pelo novo paradigma, possa ser elaborada, dando continuidade à saudável depuração da ciência.

## **REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DEPURATIVO-TRANSFORMATIVO DE METAPARADIGMAS**

Tentar compreender o processo depurativo-transformativo dos metaparadigmas enfocados neste trabalho é tarefa árdua. Metaparadigmas não possuem fronteiras tão bem definidas como padrões científicos restritos a uma área de estudo e jamais poderão ser vistos meramente como um conjunto de modelos, regras e procedimentos. Enquanto paradigmas científicos parecem seguir uma trajetória de progresso lógica, ainda que demorada, tal como Kuhn a descreve, metaparadigmas civilizatórios seguem um processo de transformação que se aproxima de uma realidade caótica e imprecisa.

Alguns elementos comuns, entretanto, podem ser claramente anotados. O modelo cartesiano há muito deixou de responder adequadamente aos inúmeros problemas econômico-sociais que surgiram do início do século XX até os dias de hoje. Um modelo de civilização baseado em pequenos grupamentos, em que

talvez se pudesse chamar cada pessoa pelo nome, deu lugar às gigantescas megalópoles, onde cada sujeito, embora reconhecido em seus pequenos grupos, não passa de um número na multidão.

O esgotamento do modelo de exploração dos recursos naturais, a capacidade destrutiva alcançada pelas grandes potências, o superpovoamento do Planeta e a poluição do meio ambiente em larga escala são pequenas amostras de uma grande crise civilizatória. Esta evidencia a incapacidade dos modelos clássicos, que funcionavam bem até o século XIX, de responderem adequadamente aos novos problemas surgidos nos séculos seguintes, estabelecendo uma sensação de insegurança jamais vista na mentalidade coletiva.

A ação individualista, negadora da essencial conexão entre ser humano e toda a criação, própria do fragmentário ideal de existência cartesiano, que poderia até causar desacertos no cotidiano de alguma pequena comunidade em épocas pretéritas, hoje, quando considerada a escala mundial, ganha proporções suficientes para causar desequilíbrios globais, catástrofes planetárias capazes de ameaçar a sobrevivência da humanidade inteira. O ideal de progresso baseado na posse e acúmulo de coisas para deleite individual exige a assunção de uma atitude de domínio e uma relação de senhor-escravo com a Natureza, como denuncia Unger:

ao se tornar cada vez mais autocentrado e arrogante, o homem moderno passa a entender sua humanidade na razão direta de capacidade de dominar o mundo (...) é no entendimento moderno que o homem é tanto mais livre quanto mais ele domina o mundo. (UNGER, 2000, P.55).

Quando esse ideal é concretizado em larga escala, implica o assalto indiscriminado dos recursos da Natureza que, agonizante, responde com desafios que o ser humano já demonstrou não ser capaz de abraçar, produzindo grande insegurança e preocupação.

Outro elemento comum no cotejamento entre paradigmas científicos e metaparadigmas civilizatórios é a resistência na adoção da nova ordem. Diante da crise ecológica que já se evidencia com o derretimento de grandes geleiras, avanço do oceanos nas regiões costeiras, aumento médio das temperaturas

globais e poluição das fontes de água doce, não deveria haver mais dúvida quanto à necessidade de revisão dos hábitos de consumo de todos os povos.

Como convencer aqueles que se beneficiam do modelo sociopolítico e econômico atual a abraçarem novos modelos existenciais, caso tenham dúvidas se as vantagens de que desfrutam possam não ser atendidas? Mesmo os mais ativistas e defensores dos novos metaparadigmas holístico-quânticos seriam capazes de mudar seu padrão de consumo, isentando-se do uso de toda a parafernália tecnológica moderna, algumas das quais originadoras das graves agressões ao meio ambiente? Se positivo, que impacto global seria percebido com a mudança de hábitos de alguns poucos consumidores? Como disseminar a consciência de economicidade e parcimônia numa era marcada pelo exibicionismo, quando o “ter mais” se consolidou como o modelo de felicidade e realização pessoal?

Talvez apenas uma grande ruptura, provocada por algum fenômeno de natureza escatológica, possa exigir do ser humano uma mudança rápida, caso a vida humana se torne ameaçada de risco de extinção completa. Kuhn previu que as mudanças de paradigmas científicos nunca acontecem de um dia para o outro, levando, às vezes, décadas, para que sejam completamente absorvidas após as discussões iniciais.

O tempo exigido para que uma nova ordem seja incorporada, no caso dos metaparadigmas civilizatórios, deve ser elevado a uma potência desconhecida, talvez exigindo séculos, quiçá milênios, para serem absorvidos pela mentalidade global, confirmando o que disse Paramahansa Yogananda, quando previu que as mudanças em curso não seriam completadas “em um dia, nem em nossa geração”. (YOGANANDA, 1999, p.12).

Yogananda ressaltou também que muito dos fundamentos que compõem a mentalidade das futuras humanidades estão sendo “preparados neste século vinte” (YOGANANDA, 1999, p.12), era em que se verificou grande resistência ao conjunto de idéias nascidas a reboque das descobertas da Física Quântica, tanto no campo da espiritualidade, como em relação às novas perspectivas sobre a matéria.

Segundo Kuhn, na fase inicial de resistência, é pequeno o número de adeptos do novo paradigma científico. Com o tempo, podem aperfeiçoar o

paradigma para fortalecê-lo na capacidade de competir com o paradigma antigo, aumentando seu poder de persuasão, conseguindo atrair novos adeptos que ampliarão a quantidade de experiências, livros e eventos. Isso, porém, jamais acontece de forma planejada e calculada, nem como uma decisão autocrática. As revoluções não acontecem

(...) porque alguns cientistas querem, nem porque um líder carismático galvaniza estudiosos, nem por um sentido de oportunismo histórico. As revoluções eclodem impreterivelmente como respostas a fenômenos novos que não conseguem mais ser compreendidos e enquadrados na compreensão até então vigente da ciência. (BOFF, 1995, p.286).

Isso é mais claramente perceptível quando se trata de metaparadigmas, pois, no caso de paradigmas científicos, os líderes podem ser até historicamente nominados. Tentar mensurar e interferir no processo de mudança de metaparadigmas seria incorrer no equívoco da tendência controladora e determinística da mentalidade cartesiana, não aplicável a dimensões imponderáveis.

Por outro lado, a realidade não pode ser resumida somente à nova perspectiva quântica. Relógios, máquinas, o mundo das coisas mensuráveis em geral e os sistemas lineares continuarão atuando à nossa volta, reclamando uma perspectiva bem conhecida da realidade cartesiana. Disse Boff: “a mudança precisa ser dialética, vale dizer, assumir tudo o que é assimilável e benéfico do paradigma da modernidade e inseri-lo dentro de outro diferente mais globalizante e benfazejo”. (BOFF, 1995, p.26). Ele concluiu:

Somente triunfa aquela revolução que é resposta à necessidade imperiosa de mudanças sem as quais os problemas persistem, as crises se aprofundam e as pessoas perdem a esperança e o sentido de vida. A revolução representa o que deve ser e o que deve ser tem força por si mesmo. Dispensa autoridades que a confirmem ou a recusem, faz pouco-caso dos conservadores e dos novidadeiros.

As mudanças, por menores que sejam, fazem seu curso, deslocando velhos fundamentos e solidificando novos, sempre à condição de responderem a problemas reais ainda não respondidos. Eles não invalidam tudo o que foi construído anteriormente. Elas assumem o anterior e se abrem para a apreensão do novo. (BOFF, 1995, p.287).

Ao contrário da evolução dos paradigmas científicos, não haverá vencedor nessa assimilação do metaparadigma quântico, pois continuarão válidas muitas das realidades sustentadas pelo metaparadigma cartesiano. Goswami confirma a idéia de que a Física Clássica continuará tendo grande valor prático porque compreende elevada quantidade de fenômenos:

A velha Física continua a sobreviver no reino da maior parte (mas não toda) da matéria volumosa como um caso especial da nova Física. Uma característica importante da ciência é que, quando uma nova ordem substitui outra, mais antiga, ela em geral amplia a arena à qual a velha se aplica.

Na velha arena, as equações matemáticas da velha ciência ainda mantêm seu valor (tendo sido confirmada por dados experimentais). (GOSWAMI, 2003, p.66).

Não sabemos, portanto, nem por aproximação, o momento ou a dimensão assumida pela humanidade em relação aos novos metaparadigmas civilizatórios. Nem mesmo grandes eventos internacionais, com participação da maior parte dos países, como a *Conference on the Changing Atmosphere*, ocorrida na cidade de Toronto, no Canadá, em outubro de 1988, que produziu o Protocolo de Quioto, com o compromisso de reduzir a emissão de gases poluentes, tem alcançado resultados relevantes até agora. Não há dúvidas, e o trabalho de Kuhn transmite essa segurança, que o estudo, o debate, a crítica e a reflexão sobre os novos metaparadigmas civilizatórios serão de grande valor na sua assimilação pelas gerações futuras.

Ele sugere que um elemento da nova ordem seja considerado ao se vislumbrar os caminhos que devem ser tomados pela consciência contemporânea: a fé:

Precisa ter fé na capacidade do novo paradigma para resolver os grandes problemas com que se defronta, sabendo apenas que o paradigma anterior fracassou em alguns deles. Uma decisão desse tipo só pode ser feita com base na fé (...) Deve haver algo que pelo menos faça alguns cientistas sentirem que a nova proposta está no caminho certo e em alguns casos somente considerações estéticas, pessoais e inarticuladas pode realizar isso. (KUHN, 1996, p.198).

Se mesmo os cientistas contemporâneos aceitam falar de fé, significa que é forte a tendência de muitos dos paradigmas espiritualistas influenciarem, de

modo marcante, a mentalidade científica das novas gerações. Por tudo o que foi visto, é possível asseverar que, ao final desse processo, restará uma ciência com menor restrição às influências transdisciplinares e, certamente, com uma capacidade mais apurada para enxergar o universo como realmente é<sup>10</sup>.

Apresentamos os conceitos de paradigmas científicos, metaparadigmas civilizatórios e o contexto teórico das perspectivas holísticas que serão abordadas nos capítulos seguintes. Comentamos, também, os relevantes aspectos das mais importantes concepções metaparadigmáticas em discussão. Também foi tratado o modo pelo qual os modelos conceptivos existenciais influenciam as disciplinas e a mentalidade coletiva, como evoluem e de que modo ocorre a transição entre eles.

Enfocamos o metaparadigma cartesiano, base do conjunto de pressupostos definidor do sentido de existência dominante, e o quântico, substrato de um sentido de existência mais de acordo com o ideal da convivência entre humanos e não humanos numa relação auto-sustentada e equilibrada, um aspecto essencial no ideário da Educação Ambiental como um todo.

No próximo capítulo, apresentaremos os fundamentos da Educação Holística, que tem como proposta superar a fragmentação do pensamento do sujeito influenciado pelos critérios do Metaparadigma Cartesiano, em vias de se preparar para absorver os fundamentos do Metaparadigma Quântico, até que, arrefecendo-se a natural resistência ao novo, possa compreender sua essencial conexão com a Natureza e, com ela, junto ao Todo, participar dos festejos de jubilosa cooperação.

---

<sup>10</sup> “Em geral uma teoria científica é considerada superior a suas predecessoras não apenas porque é um instrumento mais adequado para descobrir e resolver quebra-cabeças, mas também porque, de algum modo, apresenta uma visão mais exata do que é realmente a natureza”. (KUHN, 1996,p.253).

## **CAPÍTULO 3 – OS ASPECTOS FUNDAMENTAIS DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA**

*Laudato si', mi' Signore, per sora nostra madre  
Terra, la quale ne sustenta et governa, e produce  
diversi frutti con coloriti fiori et herba.  
(Francesco Bernardoni<sup>11</sup>)*

Neste capítulo será apresentado com maior profundidade o modo como a discussão a respeito da Educação Ambiental aborda a concepção holística, como alguns autores a definem, abraçam ou criticam essa abordagem. Serão apresentadas propostas que ampliam a percepção holística com a introdução das variáveis político-sociais, a síntese de algumas correntes de Educação Ambiental e outras discussões pertinentes.

Desfraldaremos, desse modo, todo o pano de fundo para apresentação das contribuições de Paramahansa Yogananda à Educação Ambiental Holística na proposta para superar a fragmentação do pensamento do sujeito na ação ambientalista, objetivo central do presente trabalho.

### **DESALIAÇÃO DO CONHECIMENTO FRAGMENTADO**

Em trechos anteriores deste trabalho, vimos muito do que resultou da perspectiva fragmentária da realidade e como esta influencia a vida das gerações atuais e a possibilidade de existência das gerações futuras. Estudamos os valores, conceitos, idéias e ideais civilizatórios de caráter cartesiano ou clássico e também aqueles denominados quânticos ou holísticos. Ora, o propósito principal da pesquisa científica é a aproximação máxima da realidade – realidade complexa, instável, incansavelmente surpreendendo como novas perspectivas a cada visada.

Já sabemos das limitações da teoria mecânica do universo e que esta dá sustentabilidade ao modelo de um mundo feito ao modo de um relógio, no qual todas as peças funcionam em harmonia com um princípio matemático determinístico. Novos paradigmas estão propondo olhar não somente para a

---

<sup>11</sup> São Francisco de Assis

Física, mas para a vida mesma, lugar onde a realidade está concretamente fundada, centro de uma espiral em cujas movediças fronteiras se encontram as perspectivas das quais o ser humano agora pretende dar conta.

Nessa sinuosidade, onde se entrelaçam partes visíveis e invisíveis, perfazendo universos físicos, mentais (astrais) e ideacionais, um Todo se mostra e se oculta, confundindo as partes que se olham e já não sabem claramente onde aparece *uni* e se ocultam *versos*, e vice-versa, numa dinâmica chamada de “não linear” (CAPRA, 2002, p.16).

Essa realidade é imperscrutável por qualquer modelo fragmentário, acessível, porém, nas investigações dos sutis fenômenos que a conecta ao Todo, as relações intrínsecas, verdadeiras fontes doadoras da essência conciliante da diversidade, a quem emprestam sentido.

Quando isolado, o conhecimento carrega elevado potencial de contradição relativamente à estrutura do meio que o sustenta. Nestes tempos, emerge a tendência científica e educativa de inseri-lo e situá-lo em seu âmbito estrutural. Para Morin (2001), o que possui continuidade e o que progride é o que se apresenta integrado ao contexto global do meio social, político e econômico, cultural e, também, natural.

Muitas premissas pensadas por um ser humano separado do seu entorno são repensadas quando se demonstram incompatíveis em relação às já comentadas perspectivas científicas emergentes desde o início do século XX. De lá pra cá, sobreviveu o que estava desalienado e ganhou sentido o que se encontrava amarrado à realidade circunjacente.

Não deve mais causar estranheza, portanto, falar além da realidade material do Universo, além da realidade física do ser humano. O momento é de pensá-lo em suas dimensões globalizantes para que ele se ache apto a investigar um sentido de existência compatível com sua natureza que, ao que os fatos indicam, possui grande similaridade com a natureza do mundo que habita.

Essa realidade, como vimos, é física, tal como a luz quando se manifesta como partícula, mas também abstrata e abrangente, consoante a luz quando se expressa como onda. Se o instrumental físico do ser humano é quimicamente compatível com as estrelas mais distantes, pode ser estranho que ele compartilhe

a natureza essencial da matéria, cuja realidade possui conotações supramateriais, como demonstra a Física Quântica?

“O desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes” (MORIN, 2001, p.60) torna-se mandatório para o ser humano que abraçou o desafio de compreender o mundo e os elementos ao seu redor, a forma como o influenciam e o modo como podem ser influenciados por ele. A busca da compreensão do Todo revela a sede por compreensão de sentido e contextualização do elemento humano que ainda se identifica como um indivíduo jogado no mundo, mas sente em si uma sede de completude, realização e poder, estendendo-se além das fronteiras individuais.

## **O PARADIGMA HOLÍSTICO**

A palavra holística descende do grego “holos”, que significa Todo - um Todo jamais definido que, transcendendo a soma das partes, permanece fora da capacidade analítica de cada uma delas, podendo, todavia, ser percebido por elas. O paradigma holístico relaciona-se de modo relevante à concepção sistêmica, que aprofunda o entendimento no modo como interagem as partes e o Todo, tendendo à ordem, à evolução e à auto-realização. O paradigma holístico dá conta de levar os novos conceitos emergentes do século XX para a salutar dissolução ou reorganização das tendências reducionistas, seja no campo da ciência, da religião ou de qualquer outra esfera de atividade humana, inclusive a Educação.

Figueiredo (1999) apresentou, em um amplo estudo, uma metateoria holística, culminando em reflexões relevantes sobre a prática ecológica ao propor a integração de pensamentos, emoções e sentimentos para superar a prática ambiental fragmentada e dissociada de valores ecocêntricos.

Jan Smuts (1870-1950) é o formulador do paradigma holístico, concebendo a idéia de que qualquer “parte” está sempre em busca de se tornar um “Todo”. O termo “holismo” foi utilizado pela primeira vez em seu livro *Holism and Evolution*, de 1926, onde explanou a tendência natural de todas as coisas na busca de uma experiência integradora. Disse Smuts: “é da natureza do universo evoluir de maneira vagarosa, porém numa medida de constante crescimento, de busca de inteireza, plenitude e bem-aventurança”. (*Apud* CREMA, 1989, p.62).

Crema (1989) organizou um interessante resumo das idéias de Smuts:

- ANTECIPANDO A TEORIA HOLOGRÁFICA – a síntese afeta e determina a partes, de tal modo que estas funcionam para o Todo. O Todo e suas partes, por isto mesmo, se influenciam reciprocamente, se determinam um ao outro e aparecem mais ou menos como fundindo os seus caracteres individuais: o Todo está nas partes e as partes estão no Todo, e esta síntese do Todo e das partes está refletida no caráter holístico das funções das partes tanto quanto do Todo;
- EVOLUÇÃO CRIATIVA - o Universo não é uma coleção de acidentes ajuntados externamente, como uma colcha de retalhos. Ele é sintético, estrutural, ativo, vital e criativo de maneira crescente, cujo desenvolvimento progressivo é moldado por uma atividade operativa holística única, abrangendo desde os mais humildes organismos até as criações e idéias mais sublimes do Espírito Humano e universal;
- CONTINUIDADE EVOLUTIVA ENTRE MATÉRIA, VIDA E MENTE - a noção mecanicista da Natureza é considerada um estágio inicial do holismo. Matéria, vida e mente, longe de serem descontínuas e distintas, aparecerão como séries mais ou menos interligadas e progressivas do mesmo grande Processo;
- FINALIDADE DO TODO – o Todo não conhece outra finalidade além ou fora dele mesmo. O objetivo do movimento holístico é simplesmente o Todo; e
- O PROJETO EVOLUTIVO – as estruturas do Todo progredem no sentido de complexidade e integração cada vez mais altas. A evolução tem sempre caráter de aprofundamento, de interiorização espiritual.

Ainda com base em Crema (1989), vamos remontar à teoria holográfica para melhor compreender o paradigma holístico. De acordo com essa teoria, cada uma das partes do Universo está contida no Todo, e o Todo também está contido em cada uma das partes. Essa idéia tornou-se cientificamente explícita, quando

Gabor, em 1948, pesquisando um tipo de fotografia, denominada holograma, observou que, ao cortá-lo ao meio, a unidade da imagem projetada podia ser reconstituída em cada uma das duas partes. Repetindo essa divisão indefinidas vezes, observou-se a repetição do padrão, preservando cada parte a imagem total original praticamente intacta.

Stanley Krippner (BRANDÃO & CREMA, 1991), elaborando uma ponte entre Psicologia Transpessoal, Parapsicologia e o Paradigma Holístico, ressalta a tendência moderna da Parapsicologia de abraçar a visão holística, à medida que compreende a mitologia fragmentadora ainda em voga na visão moderna do mundo.

Apesar de reconhecer o estágio ainda iniciante da Psicologia Transpessoal e da Parapsicologia, apoiados no paradigma holístico, destaca os princípios sobre as capacidades humanas que enfatizam o paradigma holístico, lembrando os limites da atividade da mente humana; a harmonia da mente humana que se prolonga pelo mundo observado; o potencial da transcendência para ampliar a experiência humana como um todo e o fato de que o poder humano para criatividade e intuição são apenas parcialmente explorados.

O físico David Bohm propôs uma nova ordem na Física, denominando-a de ordem implicada ou englobada, tendo por base a teoria sobre os hologramas. Bohm declara a impossibilidade de análise do mundo por meio da observação de suas partes. Confirmando os teóricos quânticos em suas pesquisas sobre as conexões não locais e a forte influência destas em eventos no mundo subatômico, enfatiza em suas idéias a interconexão global intrínseca a todas as partes que compõem o mundo real.

O termo neológico “holomovimento” expressa a dinâmica criadora de todas as formas do universo material. Observador, observado, instrumentos de observação e ambientes de fenomenalização, tal como nossa dimensão espaço-tempo, estão todos conglobados na mesma estrutura que “jorram do holomovimento”. (CAPRA, 2000, p .238).

## **A PERCEPÇÃO HOLÍSTICA COMPREENDENDO A RELAÇÃO SIMBIÔNTICA NATUREZA - SER HUMANO**

Em muitos discursos, observa-se a tendência de situar a Natureza e o ser humano em campos opostos, antagônicos e excludentes. Nessa perspectiva, ou se protege o projeto humano ou se ampara o projeto natural. A relação dicotômica entre a sobrevivência da Natureza e o sustento do ser humano produz conflitos ideológicos e provoca grande confusão na escolha entre cuidar da Terra ou tratar do progresso. Charlot chama a atenção para essa tendência de tratar ser humano e Natureza como inimigos e conclui que somente o desenvolvimento sustentável pode resolver “esse aparente conflito de interesses”. (SATO ET AL, 2002, p.65). Sua conclusão é de que vencer referida posição dicotômica é o desafio para alcance do controle ecológico no mundo.

Nos trabalhos envolvendo o tema ambiental, percebe-se que Natureza é tratada ora como Terra, ora como Universo inteiro, quando a Terra é apenas parte dela. Muitas vezes, gozando do contato com flores, pássaros, arroios e ciprestes, dizemos que estamos em contato com a Natureza, pois é a parte representando o Todo. Por isso, fala-se preservar a Natureza quando se quer dizer preservar a Terra. A Natureza, todavia, está muito além desses representantes, estendendo-se pelo Cosmos indefinido, visível e invisível.

Podemos, então, considerar o ser humano como parte da Natureza, tanto quanto a Terra. Os elementos da Natureza e o ser humano estão simbioticamente conectados, como mostra a pesquisa astrofísica que identifica no ser humano a mesma matéria das estrelas. Ambos, ser humano e Natureza, compõem sinfonia ressonante, despertando paixão recíproca em corações sensíveis.

Eu te amo, Natureza gentil, não como mãe – sim como irmã ...  
Não como o filósofo pagão de Atenas – mas como o poeta Cristão de Assis (...)  
Quando a perfídia dos homens me envenena a vida (...)  
Então, irmã Natureza, eu me refugio em teus braços amigos...  
Entro no taciturno santuário da tua verde catedral (...)  
Por entre os hinos que teus cantores entoam...  
Por entre a liturgia multicolor que tuas filhas ostentam...  
Minh'alma enferma convalesce aos poucos – entre teus braços, Natureza amiga (...)  
Arauta da excelsa Deidade, amiga do Eterno, servidora do Onipotente. (ROHDEN, 2001, p.179).

Proteger a Natureza do ser humano, que é parte dela, implica um paradoxo de abrigar o ser humano de si mesmo, ou a Natureza dela própria. Esse tipo de paradoxo ocorre somente quando uma parte se sente separada do Todo, incorrendo no equívoco de ignorar a sua natureza essencial. Por inferência lógica, todavia, não é difícil perceber que um Todo jamais imputa a qualquer parte a responsabilidade pela sobrevivência dele mesmo, sob o risco de, ao sucumbir a parte, não sobreviverem nem o Todo, nem a parte. Ao mesmo tempo, a parte, mesmo carregando a essencialidade do Todo, jamais carregará a integralidade do Todo, pois se uma parte contivesse o Todo, deixaria de ser parte, tornando-se o Todo, e o Todo, na prática, não possuiria parte.

Tanto a Terra quanto o ser humano são partes de um mesmo todo da Natureza, partes de um Todo ainda maior, indefinido, uma Inteligência transcendente de onde procede a idéia original de toda a criação. Porque partilham a mesma gênese, trilhar o mesmo caminho de harmonia e plenitude é o destino de ambos: “E é por isso que sempre és amiga e boa, sincera e fiel, acolhedora e íntima – irmã Natureza ... Vamos, de mãos dadas – em demanda de Deus”. (ROHDEN, 2001, p.181).

Rabindranath Tagore acentuou a necessidade dessa visão unitária, tão evidente para Francisco de Assis:

Aquele que não chegou a entender seu parentesco com a Natureza, viverá numa prisão sombria de espessos muros. Só quando vir o Espírito Eterno em todas as coisas é que descobrirá o significado total do Universo. (*Apud* CREMA, 1989, p. 64).

Que proteção deve buscar o ser humano? Que proteção é capaz a Terra em relação a si e ao ser humano? Que proteção provê a Natureza?

Cunhar uma epistemologia holística que busque compreender o todo da Natureza e a consciência de Unidade entre ser humano e Natureza, uma das responsabilidades da Educação Ambiental Holística, tem o potencial de trazer à tona uma perspectiva que identifique o parentesco entre ser humano, Terra e Natureza, todos compartilhando a mesma gênese e essencialidade.

## A HIPÓTESE GAIA

No Universo inteiro coexiste uma quantidade incontável de galáxias, estrelas, planetas e satélites, situando a Terra como elemento praticamente insignificante nesse todo da Natureza. O próprio Sol, cujo volume atinge o total de  $30 \times 10^{15}$  metros cúbicos<sup>12</sup>, um número estupefaciente vis-à-vis a qualquer medida terrena, é facilmente superado por muitos dos três bilhões de outros sóis conhecidos pela astronomia. Somente a estrela Antares é cerca de “90 milhões de vezes maior que o sol”. (ROHDEN, 1984, p.47). Pode-se imaginar tal dimensão?

A Terra, por sua vez, possui uma experiência acumulada de 3 a 4 bilhões de anos (LOVELOCK, 2006, p. 47), gestando em seu ventre toda a vida vegetal e animal, inclusive o corpo humano. Durante toda sua história, há registros de grandes catástrofes, de conseqüências ainda mais devastadoras do que aquelas atualmente registradas pela ação humana, encontrando a Terra sempre uma forma de regenerar-se e recuperar-se para continuar alimentando e amparando a vida orgânica e inorgânica com equilíbrio e progresso.

Essa capacidade de regenerar-se e viabilizar a vida levou à concepção da Hipótese Gaia, “que sustenta que os organismos, principalmente os microrganismos, evoluíram junto com o ambiente físico, formando um sistema complexo de controle, o qual mantém favorável à vida as condições da Terra”. (ODUM, 1988, P.15).

Segundo Lovelock (2006), Gaia (deusa grega da Terra) é um sistema fisiológico dinâmico que mantém a Terra apto para a vida, capaz de criar e sustentar os fatores de auto-regulação da vida orgânica e dos elementos inorgânicos. Esse autor trata Gaia como uma metáfora criada com o objetivo de se compreender a Terra como um sistema vivo e não como um mero veículo de vidas que a ocupam. Muitos estudiosos subscrevem a hipótese Gaia, admitindo a Terra como um sistema único e auto-regulado de elementos físicos, químicos, biológicos e humanos, ocupando desse modo o *status* de um organismo vivo e inteligente, conceito já apresentado por Odum (1988) nos anos sessentas,

---

<sup>12</sup>  $30 \times 10^{15} = 30.000.000.000.000.000$

quando concebeu a idéia de um sistema global compreendendo os organismos e o ambiente abiótico, isto é, a Terra inteira.

O sistema-Gaia revela-se extremamente complexo e de profunda clarividência. Somente uma inteligência ordenadora seria capaz de calibrar todos estes fatores. Isso nos remete a uma inteligência que excede em muito a nossa.

Reconhecer tal fato é um ato de razão e não significa renúncia à nossa própria razão. Significa sim render-se humildemente a uma inteligência mais sábia e soberana que a nossa. (BOFF, 1995, p.39).

Essa perspectiva amplia o cenário das discussões ecológicas, pois se torna mais plausível estabelecer relações de cuidados com um ser vivo do que com um objeto inerte que simplesmente abriga passivamente a vida. Um organismo que executa uma tarefa tão complexa e com tanta acurácia deve possuir inteligência, por que não dizer uma consciência, com quem se pode estabelecer relações de harmonia e cooperação de mútuo benefício.

## **DESTINO DE GAIA E SINA DO SER HUMANO EM SUA AVENTURA TELÚRICA**

Parece procedente assinalar que Gaia se encontra preparada para se proteger mediante uma programação de auto-ajustamento ainda desconhecida do sagaz ser humano. Mesmo sem compreender esse mecanismo por inteiro, sabemos de sua capacidade regenerante, o que a situa em posição de segurança em relação ao “perspicaz” agente de mentalidade bacteriana, cuja história, comparada à da Terra e à do universo, não passa de um insignificante acontecimento, conforme nos diz Rohden:

Abrange o ‘tempo histórico’ da humanidade cerca de 6.000 anos – um segundo apenas em face dos milênios do pretérito (...) e, quando a humanidade deixar o cenário do universo, continuará o drama da Terra e do Cosmos sem nós (...) somos um pequeno parêntesis – entre dois infinitos. (ROHDEN, 2001, p.143).

É pouco provável que Gaia, em sua sabedoria e experiência que alcança os bilhões de anos, tenha perdido a capacidade de garantir a própria existência. Uma perspectiva científica aceita, como sugere Lovelock (2006), é o fenecimento da vida na Terra, não pela ação de uma de suas partes, o ser humano, mas pela

programação da atividade da principal fonte de energia, o Sol, cujo fim é previsto para daqui a 5 bilhões de anos. É certo que o ser humano é capaz de produzir grandes estragos sobre as maravilhas elaboradas por Gaia, mas é pouco provável que possa aniquilá-la e reduzi-la à simples poeira interestelar.

Por mais que o próprio Lovelock e outros autores aduzam a perspectiva de destruição completa da Terra, todos os fatos e dados científicos mostram que, na verdade, o risco da exploração irracional dos recursos naturais está relacionado às catástrofes capazes de provocar suplícios a todas as formas de vida, inclusive a humana, ou mesmo, numa perspectiva mais extrema, a extinção completa da espécie humana.

Tal conclusão em nada altera os estudos sobre a utilização racional dos recursos naturais, a necessidade de alcançar o desenvolvimento auto-sustentável, tampouco o aprofundamento de uma Educação Ambiental abrangente capaz de orientar a consciência humana para uma relação benfazeja com o Planeta, com a Natureza, por conseguinte, com ele próprio.

O movimento ambiental, incluindo a Educação Ambiental, deve trabalhar para garantir a subsistência equilibrada de todas as formas de vida na Terra, sob riscos de todos enfrentarem a hostilidade de um ambiente feito inapropriado à sobrevivência do próprio ser humano. Essa parece ser a tarefa da consciência que, ao escolher uma forma de sentido para o mundo, assume a responsabilidade sobre o destino das demais formas de vida e, por conseguinte, sobre a preservação da integridade de Gaia.

A consciência do Todo amplia os laços de irmandade entre próximos que hoje se posicionam em campos opostos, Natureza e Ser Humano. Quando este despertar para a Unidade com tudo o que existe, prevalecerá o sentimento de cooperação capaz de promover, concomitantemente, o progresso e a paz.

Louvado sejas  
Por nossa irmã, a terra maternal,  
Cujas entranhas benfazejas  
Produzem o tesouro vegetal  
De árvores, ervas, frutas de outro e flores,  
Cheias de aroma e tintas de mil cores".(FRANCESCO  
BERNARDONI *apud* LEITE, 1964, p.252).

Para empreender tal desafio, é mister uma perspectiva que possa realizar a síntese do pensamento de todas as perspectivas, disciplinas e matizes ideológicos capazes de prestar alguma contribuição, por menor que seja, com o objetivo de influenciar a consciência humana na elaboração de novos rumos de ação e de um novo sentido de existência.

## **INVESTIGAÇÃO DA HISTÓRIA DA PERSPECTIVA HOLÍSTICA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Segundo Figueiredo (1999), o pontapé inicial na discussão das questões ambientais ocorreu com o trabalho da jornalista norte-americana Rachel Carson, no ano de 1962, no livro *Primavera Silenciosa*, quando denunciou uma série de desastres ambientais causados pelas atividades industriais. O debate surgido em torno das questões apresentadas no livro culminou com o evento de educação promovido por educadores na Universidade de Keele, no Reino Unido, no ano de 1965. O evento, que inaugurou a expressão “Educação Ambiental”, veio a ser o primeiro a tratar do tema.

O Clube de Roma, de 1968, reuniu especialistas de muitas áreas do conhecimento e reconheceu a necessidade de uma abordagem holística para tratar da temática ambiental, que inclui, além das complexas relações biofísicas e bioquímicas, as interações sociopolíticas e culturais. O relatório do Clube de Roma tornou público, em 1972, o documento *Os limites do crescimento econômico*, motivando a realização da I Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo. “Ali estiveram reunidos representantes de 113 países junto aos quais a ONU pretendeu estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de norma à humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano. Em particular, recomendou que deveria ser desenvolvido um Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA)”. (FIGUEIREDO, 1999, p.54).

A elaboração do referido Programa (PIEA) influenciou a realização do I Seminário Internacional de Educação Ambiental em Belgrado, em 1975, tornando a Educação Ambiental um campo de estudo consolidado no plano internacional. O referido Seminário destacou a Educação Ambiental como uma área de estudo de larga amplitude, capaz de abranger aspectos sociopolíticos e culturais, além

de instigar o desenvolvimento de valores e atitudes capazes de garantir a auto-sustentabilidade do Planeta.

A Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, ocorrida na cidade de Tbilisi, de 14 a 26 de outubro de 1977, é considerada de elevada relevância, alcançando o estado de referência na área de Educação Ambiental, tanto pelo conteúdo como pela grande participação dos países-membros. Nesse encontro foi destacada a dimensão sociocultural e econômica, com realce dos valores éticos, sem ignorar o fato de que o meio humano tem como base natural os aspectos físicos e biológicos. Destacou também a necessidade de compreensão da natureza complexa do meio ambiente natural e sua integração com a ambiência humana, na interação com os aspectos biológicos, físicos, sociais, econômicos e culturais.

Com base em Loureiro (2006), destacamos alguns princípios apresentados na recomendação número dois desse evento, ressaltando os aspectos holísticos:

- a) considerar o ambiente em sua totalidade, ou seja, em seus aspectos naturais e criados pelo ser humano em uma dinâmica relacional de mútua constituição;
- b) aplicar uma abordagem interdisciplinar, aproveitando o conteúdo específico de cada disciplina, de modo que se adquira uma perspectiva global e equilibrada;
- c) examinar as questões ambientais do ponto de vista local, regional, nacional e internacional, de modo que os educandos, ao exercitarem sua cidadania, se identifiquem também com as condições ambientais de outras regiões geográficas;
- d) destacar a complexidade dos problemas ambientais e, em conseqüência, a necessidade de desenvolver o senso crítico e as habilidades necessárias para resolver tais problemas; e
- e) utilizar diversos ambientes educativos (espaços pedagógicos) e uma ampla gama de métodos para comunicar e adquirir conhecimentos no ambiente, acentuando devidamente as atividades práticas e as experiências pessoais que resultem em transformação nas esferas individuais e coletivas.

Durante a Jornada Internacional de Educação Ambiental, um evento paralelo à Conferência Oficial na Rio 92, realizada no Rio de Janeiro, foi produzido o documento *Tratado de Educação Ambiental para Sociedades Sustentáveis e Responsabilidade Global*, estabelecendo acordos para a sociedade civil de todo o Planeta. Destacamos os seguintes aspectos no referido documento<sup>13</sup>:

- a) a Educação Ambiental deve envolver uma perspectiva holística, enfocando a relação entre o ser humano, a Natureza e o universo, de forma interdisciplinar;
- b) a Educação Ambiental deve estimular a solidariedade, a igualdade e o respeito aos direitos humanos, valendo-se de estratégias democráticas e interação entre as culturas;
- c) a Educação Ambiental deve tratar as questões globais críticas, suas causas e inter-relações em uma perspectiva sistêmica, em seu contexto social e histórico. Aspectos primordiais relacionados ao desenvolvimento e ao meio ambiente tais como população, saúde, paz, direitos humanos, democracia, fome, degradação da flora e fauna devem ser abordados dessa maneira;
- d) a Educação Ambiental deve facilitar a cooperação mútua e eqüitativa nos processos de decisão, em todos os níveis e etapas; e
- e) a Educação Ambiental valoriza as diferentes formas de conhecimento. Este é diversificado, acumulado e produzido socialmente, não devendo ser patenteado ou monopolizado.

Encontramos, em todos os grandes eventos ligados à Educação Ambiental, forte tendência para introdução de uma perspectiva que busque a percepção total do problema, com heterogêneos e complexos fatores interagindo numa singular dinâmica acerca das recomendações sobre a prática Educativa Ambiental, bem como sobre seu conteúdo. Como acabamos de verificar nas conclusões desses três importantes eventos, o de Tblisi, de 1977, Clube de Roma, de 1968, e o do Rio de Janeiro, de 1992, isso inclui a dinâmica relacional, a perspectiva global equilibrada, a abordagem interdisciplinar, a complexidade dos problemas

---

<sup>13</sup> [http://www.pr.gov.br/meioambiente/educ\\_tratado.shtml](http://www.pr.gov.br/meioambiente/educ_tratado.shtml)

ambientais, ambientes educativos diversificados, interação de culturas, questões globais críticas, cooperação mútua e eqüitativa, conhecimento diversificado e acumulado, e a necessidade de abordagem holística direta e claramente oficiada.

Sobre o evento de Tblisi, Duvoisin (RUSCHEINSKY ET AL, 2002) destaca que o conteúdo da Educação Ambiental é extenso, envolvendo relações entre Natureza e sociedade, exigindo um ensino dinâmico e ativo que evita o academicismo e o ensinamento livresco. A natureza da Educação Ambiental é complexa, envolvendo aspectos interdisciplinares. Ao propor a superação do conhecimento indutivo-analítico, também alcança aspectos transdisciplinares.

Ao falar sobre o assunto, Loureiro (2006) destaca que a interdisciplinaridade deve ser vista como algo que extrapola hierarquia e relação entre disciplinas. Implicitamente, propõe um caminho transdisciplinar ao sugerir a articulação de conhecimentos que possa produzir uma “metaciência” que associe conhecimentos científicos e não científicos, o racional com o intuitivo, o cognitivo com o sensorial, visando a uma ampla compreensão do mundo.

Odum propõe que, vinculadas às questões ecológicas (relativas ao estudo da casa), se encontrem as questões econômicas (relativas à administração da casa), quando a ética poderia “ser estendida para incluir o ambiente, além dos valores humanos” (ODUM, 1988, p.347), sendo possível acreditar no futuro da humanidade.

A percepção holística pretende dar conta dessa multifacetada realidade, que é própria de tudo o que envolve ecologia e meio ambiente. Tal visão global integra conhecimentos e valores, preparando cada cidadão para enfrentar os enormes desafios envolvidos com as questões ambientais.

## **CRÍTICAS AO HOLISMO DESAGUANDO EM NOVAS PROPOSTAS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL HOLÍSTICA**

O holismo de Jan Smuts passa por um processo de refinamento e atualização à luz de reflexões mais recentes, abraçando não apenas novas proposições, mas também a essência da boa crítica. O termo “holismo”, pelo seu sufixo “ismo”, destaca de modo exagerado aquilo que o antecede (*holos*), tendendo a criar uma ênfase excludora, negando, desse modo, os princípios do próprio paradigma holístico, cuja essência é integradora, equilibrada e inclusivista.

Crema (1989) sugere, por isso, substituir o termo “holismo” por “holística” na elaboração das respectivas derivações, tais como “paradigma holístico”, “visão holística”, “percepção holística”, “proposta holística” etc.

Assim como os próprios estudiosos holísticos buscam trabalhar para apurar os conceitos envolvendo a perspectiva holística, encontramos, em muitos autores oriundos de áreas diversas de pesquisa, críticas sobre a atitude do movimento holístico. Percebe-se que algumas dessas críticas foram formuladas sem o conhecimento de certos aspectos mais sutis dos fundamentos que os sustentam. Outras, porém, constituem material de grande valor, enriquecendo o paradigma holístico com novos recursos ainda não vislumbrados pelos seus estudiosos.

Grün (SATO ET AL, 2002) buscou fazer alguns alertas sobre problemas éticos, políticos e epistemológicos que podem surgir com a adoção do holismo. Depois de apresentar diversos pressupostos concordantes com aqueles abraçados pelo paradigma holístico, incluindo os males causados pelo antropocentrismo, a fragmentação do conhecimento e a reificação da Natureza, ele chama a atenção para o aceite apressado das propostas holísticas por parte dos educadores e educadoras como solução para o trabalho em Educação Ambiental.

Em sua perspectiva, o principal problema a ser observado é que as filosofias holísticas têm a pretensão de integrar o ser humano à Natureza como solução para a crise ambiental. Ele destaca a possível perda de identidade humana ante à Natureza e a perda da alteridade pela própria Natureza, que se torna humanizada, desconsiderando o respeito às diferenças: “as distinções entre Natureza e Cultura são eliminadas e a experiência humana é então tomada como modelo para o Universo”. (SATO ET AL, 2002, p.48).

Grün também reclama da confusão sobre alguns conceitos básicos da ciência espiritual do Oriente, fonte de uma terminologia que distingue com profundidade “eu” e “Eu”, lidos por ele como algo indefinido que se escreve com letras maiúsculas e minúsculas: “Na filosofia dos processos existe uma infinidade de pequenos ‘eus’ que humanizam a Natureza e na Ecologia Profunda aparece um [tal de] ‘Eu’ que acaba por abarcar todo o Universo em seu processo de integração”. (SATO ET AL, 2002, p.48).

Tozoni-Reis (2004) cita o descompromisso político e a atitude profética das tendências holísticas, caracterizados por um relativismo moral que nega “a possibilidade histórico-concreta de construir a condição pós-moderna com princípios morais da política democrática”. (TOZONI-REIS, 2004, p.130).

Carrega a Educação Ambiental o mesmo fardo do movimento ambientalista, caracterizado pela pluralidade de teorias, saberes e interesses, na tentativa de forjar novos paradigmas que orientem a relação Natureza – ser humano. O mesmo movimento social gestado nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos sessentas, trouxe junto o projeto de uma epistemologia, ainda em fase de elaboração, capaz de orientar o destino de um Planeta que possa oferecer às futuras gerações condições dignas de uma sobrevivência saudável e equilibrada.

Por estar inserida no conjunto de fenômenos sociais, as tendências e perspectivas do movimento ambiental participam do afinamento ou antagonismo do entendimento humano sobre o projeto societário que busca superar o padrão de vida alcançado para patamares mais elevados e refinados de bem-estar individual e coletivo.

Por isso, a tematização do problema ecológico-ambiental envolve, necessariamente, uma ampla gama de abordagens e teorias, haja vista a tendência de o tema possuir conexões com muitos campos de saberes e atividades humanas. Compulsando diversas fontes no âmbito da Educação Ambiental, encontramos inúmeras perspectivas, teorias e discursos em favor ou contra determinada abordagem. Entendemos que a percepção holística, para fazer jus ao nome, deve considerar aspectos válidos em todas as correntes, buscando a conexão de cada uma com o todo da discussão sobre o tema. Enxergar o ser humano em sua totalidade implica percebê-lo em toda as instâncias e esferas de atividades, valorizando, também, o conhecimento desenvolvido em cada uma das vertentes vinculadas à Educação Ambiental.

Historicamente, a perspectiva holística foi apresentada carregada de um forte conteúdo místico, acompanhado das representações metafóricas e terminologia esquipática à mentalidade do Ocidente. Embora os primeiros autores, tais como Fritjof Capra, tenham apresentado os paradigmas holísticos mediante forte associação com o pensamento do Oriente, novos trabalhos, tais

como o de Yus (2002) trata de ampliar seu entendimento por meio de uma terminologia e conceitos mais afeitos à mentalidade ocidental.

Dos anos setentas para cá, muito se avançou, no Ocidente, quanto ao entendimento dos conceitos da ciência espiritual do Oriente. Muitos termos como “eu” ou “Eu” estão bem definidos em diversos trabalhos da Psicologia Transpessoal produzidos nos últimos anos. Yus admite que as propostas contraculturais esotéricas podem levar a um entendimento restrito das potencialidades reais da perspectiva holística e ressalta que, atualmente, a Educação Holística “acolhe entre seus princípios a vertente social-transformadora”. (YUS, 2002, p.17).

O equilíbrio é um dos pilares do paradigma holístico, que deve reconhecer o valor da diversidade ou precisará negar seus próprios princípios, jamais fomentando a idéia de uma perspectiva educativa ambiental que prevaleça sobre outras. Todas as perspectivas podem prestar alguma contribuição no esforço educativo de despertar as consciências para a utilização racional dos recursos naturais. Assim como, em certas circunstâncias, pode ser mais adequado viajar de ônibus, automóvel, bicicleta ou avião, cada perspectiva tem o potencial de se tornar a melhor em circunstâncias envolvendo variáveis geográficas, culturais ou sociais específicas.

Sem a percepção holística, é verdade que a dinâmica social e os instrumentos depurativos da ciência são capazes de descartar a perspectiva educativa ambiental inadequada e escolher a mais indicada em cada realidade, embora, talvez, à base de um alto preço. Independentemente do colorido ideológico-religioso, é desejável que educadores de todas as correntes se ocupem com o desenvolvimento de uma visão holística, globalizante, a fim de enriquecer as próprias perspectivas com visões cada vez mais profundas dos problemas que percebem e das soluções que apontam.

A Educação Ambiental Holística deve prover ao organismo total da epistemologia ambiental o projeto visionário que conglome as variáveis da problemática ambiental numa perspectiva totalizante, dinamizando relações entre todas as correntes, para produzir, em qualquer contexto, a síntese de seus elementos. A Educação Ambiental Holística será, então, percebida não como um “ismo” a mais, porém como inspiradora de uma nova Educação Ambiental,

presente de modo sutil em toda e qualquer corrente seriamente comprometida com as questões ambientais.

Faz sentido, portanto, a afirmação de Tozoni-Reis quando lembra que “são fundamentais as análises das dimensões sociais, políticas e culturais” (TOZONI-REIS, 2004, p. 131) da crise instaurada numa realidade não apenas natural e humana, mas também social.

Yus (2002) sintetiza uma Educação Holística capaz de atender os requisitos globalizantes do tratamento das questões ambientais. Destaca o fato de que todos os aspectos da experiência humana devem ser considerados numa educação integral, não apenas o intelecto racional, mas também os aspectos físicos, sociais, emocionais, estéticos criativos, intuitivos e espirituais que perfazem a natureza humana total. Além disso, acentua o princípio de interconexão, estimulando as conexões entre as disciplinas formais e não formais, inclusive aquelas próprias da comunidade.

Essa educação global deve ser inclusiva, no sentido de abarcar a diversidade humana, ideológica, cultural e racial, em suas diferentes cosmovisões. Para Yus, a Educação Holística estimula a consciência para a vida num milênio em que a complexidade dos problemas exige elevado padrão de perspicácia em cada situação:

A Educação Holística não se centra na determinação de quais fatos ou habilidades os adultos deveriam ensinar às crianças, mas na criação de uma comunidade de aprendizagem que estimule o crescimento do envolvimento criativo e interrogativo da pessoa com o mundo. (YUS, 2002, P.17).

Considerando as influências recentes sobre a perspectiva holística tradicional, Yus considera que a Educação Holística somente agora está tomando corpo. Com os acordos entre entidades e educadores que atuam no cenário internacional, a perspectiva holística inaugurou o esforço sintetizador do seu pensamento na Declaração de Chicago, fruto da Oitava Conferência Internacional de Educadores Holísticos, ocorrida em junho de 1990.

A seguir, transcrevemos de forma resumida os elementos caracterizadores da Educação Holística, como destacados por Yus no livro *Educação Integral: uma educação holística para o século XXI*:

Equilíbrio. Diferentemente do que se pode pensar, o holismo não significa uma visão radical, extremista ou paidocêntrica em relação à escola tradicional. Ao contrário, tem um caráter sincrético, pelo qual pretende equilibrar tendências e tirar proveito de todas elas, na medida em que possam ser conciliadas, pois, na verdade, são facetas de uma mesma realidade.

Globalidade da pessoa. A tradição holística teve sua primeira incursão no âmbito educativo pela ênfase dada à totalidade da pessoa. Esta não é apenas “mente”, mas também é corpo e espírito, e estes são elementos estreitamente relacionados com um todo. Nos sistemas educacionais, uma pessoa bem-educada é aquela que tem seu intelecto racional bem-treinado, tem espírito competitivo, é disciplinada e capaz de desempenhar os papéis sociais determinados para a conquista econômica. Seus sentimentos, suas intuições, suas fantasias, sua criatividade e seu espírito crítico são ignorados. A Educação Holística também leva em conta essas dimensões orgânicas, subconscientes, subjetivas, artísticas, mitológicas, arquetípicas e espirituais de nossas vidas, pois são aspectos indissociáveis das pessoas e fundamentais para conhecer, interpretar criticamente e atuar no mundo com autonomia.

Espiritualidade. Talvez o traço mais característico e diferenciador da tradição holística tenha sido, e ainda é, a ênfase dada às dimensões espirituais dos alunos, um elemento desprezado pelos sistemas educacionais atuais, ou mesmo reduzido a um determinado dogma.

Segundo os holísticos, a vida humana tem um significado e um propósito maior do que aquele que pode ser deduzido em leis e em ideologias. A Educação Holística está interessada na reverência pela vida e pela nunca completamente conhecida Fonte da Vida. Ao contrário do que se pode pensar, a holística não se interessa pelas explicações religiosas em particular, pois sua função é atender e responder (não ignorar) ao chamado natural da espiritualidade dos aprendizes, e não moldá-los de acordo com especificações de um tipo de cultura, ideologia ou religião.

Inter-Relações. Outro elemento diferenciador da Educação Holística é sua ênfase em todos os tipos de relações entre os elementos que constituem “o todo”, do qual a mente, no homem, e a própria espécie humana, fazem parte. A Educação Holística procura dar uma visão holística ou global da realidade. Isso

supõe uma visão do universo, segundo a qual todos os seres animados e inanimados estão interligados e unificados.

Cooperação. Como consequência dos princípios de inter-relação e de equilíbrio, a Educação Holística presta atenção nas relações pessoais, incentivando com isso um espírito cooperativo, e na adoção de decisões coletivas responsáveis.

A Educação Holística diz respeito às relações entre os educandos, entre estes e os adultos, de modo que a relação educador-educando tenda a ser igualitária, aberta, dinâmica e não sujeita a regras autoritárias, conseguindo, com isso, um sentido de comunidade. Quase todos os educadores holísticos são radicais quanto ao estímulo da participação democrática responsável, pois procuram constituir uma comunidade democrática no nível pessoal e local, partindo da aula e da escola.

Inclusão. O caráter holístico dessa educação situa todos os indivíduos em um plano de igualdade, reconhecendo que todo ser humano, independentemente de seu coeficiente intelectual, sexo, cultura e classe social, possui algumas potencialidades inatas, dignas de desenvolvimento na escola. Esse princípio supõe partir de uma proposta co-educativa e intercultural, integrando pessoas de sexos e culturas diferentes em um plano de igualdade e de enriquecimento mútuos. Do mesmo modo, por esse princípio, a escola holística integra, de maneira efetiva, educandos com diferentes ritmos de aprendizagem e com variadas capacidades de aprendizado, dentro de uma proposta cooperativa.

Experiência. A escola holística confia muito no princípio de aprendizagem pela experiência vital, e não tanto nas rigidamente definidas “habilidades básicas”. A Educação é crescimento por meio da descoberta e da abertura de horizontes, o que supõe um envolvimento com o mundo, sustentado pelo interesse, curiosidade e propósito pessoal de compreender e encontrar sentido. Tudo isso não se adquire por intermédio de livros didáticos e provas, mas por meio da vida e da experiência. A educação não é transmissão de uma cultura, mas um diálogo entre o aprendiz e o mundo complexo que o rodeia. A educação não deve ser vista como uma “preparação” para a vida, pois ela é a “vida”. Os educandos não são meros receptáculos passivos de conhecimento, entretanto eles o “constroem”

ativamente, especialmente em ambientes democráticos habilitados para que possam “reconstruí-los”.

Contextualização. A Educação Holística reconhece que todo conhecimento é criado em um contexto histórico e cultural, e que os “fatos” raras vezes são mais do que pontos de vista compartilhados, estimulando nos educandos uma visão crítica dos contextos culturais, morais e políticos de suas vidas.

Diferentemente da escola tradicional, que somente procura reproduzir a cultura estabelecida na próxima geração, a Educação Holística defende a idéia de que as culturas são criadas pelo povo e podem ser mudadas pelo povo se deixarem de servir às necessidades humanas consideradas importantes, por isso seu caráter radical.

Distintamente da ilusão moderna que inspirou o pensamento analítico e mecanicista das sociedades ocidentais, a Educação Holística defende a posição de que os seres humanos não podem conhecer o mundo somente por intermédio de fatos, fórmulas, estatísticas e outras parcelas da informação. Para os educadores holísticos, o conhecimento é essencialmente uma relação que envolve a pessoa, a comunidade e o mundo natural. Tudo é conhecido em contextos que dão significados (ou múltiplos significados) ao que é conhecido. Conforme as relações sociais e culturais se transformam, mudam os contextos e evolui o significado.

## **CONGLOBAÇÃO DAS CRÍTICAS E DAS DIVERSAS CORRENTES DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Vimos que as escolas clássicas ou cartesianas e as progressistas ou quânticas ainda não chegaram a um consenso que aponte uma solução viável, capaz de resolver a contento os graves problemas ocasionados pelo desequilíbrio entre os corolários da vocação do ser humano de “ser mais”<sup>14</sup>, confundida com o ideal de “ter mais” e o usufruto equilibrado das riquezas naturais. Sugerimos que, no processo depurativo dos metaparadigmas, não haverá um vencedor cartesiano nem quântico, mas uma síntese dinâmica do que há de melhor em cada um desses modelos civilizatórios.

---

<sup>14</sup> Categoria trabalhada por Paulo Freire que significa o anseio que todo ser humano possui para realizar todo o potencial de sua natureza, numa escala progressiva e sem fim.

Sem esse consenso, a humanidade continuará a escalada predatória que sangra com profundidade crescente o corpo já gravemente enfermo do inteligente veículo que sustenta a vida. A busca do equilíbrio na instauração de uma Educação Ambiental Holística implica perceber a necessidade de organizar uma Educação Ambiental focada em diferentes correntes, tendências e disciplinas, capaz de integrar em um mesmo escopo a sinergia do trabalho cooperativo de áreas diversas de conhecimento, que, sozinhas, pouco poderiam construir, talvez desconstruir.

A profundidade alcançada pelas diversas ciências humanas e naturais e a insaciável necessidade por novas descobertas não permite mais que um especialista possa dar conta de tudo o que precisa saber em sua área de estudo. Não é possível, do mesmo modo, que uma corrente ideológica possa sozinha responder a todas as questões de um problema tão complexo. A perspectiva holística pode funcionar como eixo conciliador de tendências e correntes de atuação no âmbito da Educação Ambiental.

Embora ela caminhe na direção contrária às tendências fragmentadoras, é mister reconhecer o valor da especialização como instrumento de aprofundamento necessário em determinada área, desde que admita a compreensão da conectividade dos elementos, a interdependência, o reconhecimento do contexto onde estão instauradas as atividades, o entendimento sobre o propósito das ações, a abertura para receber a expertise de outras tendências e o potencial de cooperação com outras áreas, evitando que novos “ismos” venham ampliar o arquipélago de correntes ideológicas e tendências em novas ilhas de cognição.

Tendo por base Sato et al (2002), recorreremos ao trabalho de Sauv  para apresentar as principais correntes te ricas identificadas na esfera da Educa o Ambiental. A autora nos alerta para a no o de que, por corrente, compreende “uma forma de conceber e praticar a Educa o Ambiental”. (SATO ET AL, 2002, p.17). Cada corrente pode conter mais de uma proposi o que, por sua vez, pode constar de mais de uma corrente. As correntes, por outro lado, n o se excluem mutuamente, compartilhando algumas delas caracter sticas comuns, e ser o apresentadas em fun o dos seguintes par metros:

- a concepção dominante do meio ambiente;
- a intenção central da Educação Ambiental;
- os enfoques privilegiados; e
- os exemplos de estratégias ou de modelos que ilustram a corrente.

O trabalho consistiu num projeto de cartografia das propostas pedagógicas em Educação Ambiental. Pela falta de material de referência dos educadores da América Latina, a autora aproveitou basicamente o contexto da realidade dos EUA e da Europa.

Omitimos conscientemente a descrição da corrente holística, uma vez que todo o presente trabalho já realiza uma descrição abrangente sobre o tema. O texto a seguir constitui citação literal, resumida, do trabalho de Sauv e.

## **CORRENTE NATURALISTA**

Esta corrente   centrada na rela o com a Natureza. O enfoque educativo pode ser cognitivo (aprender coisas sobre a Natureza), experimental (viver na Natureza e aprender com ela), afetivo, espiritual ou art stico (associando a criatividade humana   da Natureza).

A tradi o da corrente naturalista   certamente muito antiga, se considerarmos as “li es de coisas” ou a aprendizagem por imers o e imita o nos grupos sociais cuja cultura est  estreitamente forjada na rela o com o meio natural. No curso do  ltimo s culo, a corrente naturalista pode ser associada mais especificamente ao movimento de “educa o para o meio natural” (*nature education*) e a certas proposi es de “educa o ao ar livre” (*outdoor education*).

As proposi es da corrente naturalista com freq ncia reconhecem o valor intr nseco da Natureza, acima e al m dos recursos que ela proporciona e do saber que dela se possa obter.

## **CORRENTE CONSERVACIONISTA/RECURSISTA**

Esta corrente agrupa as proposições centradas na “conservação” dos recursos, tanto no que concerne à sua qualidade quanto à sua quantidade: a água, o solo, a energia, as plantas (principalmente as plantas comestíveis e medicinais) e os animais (pelos recursos que podem ser obtidos deles), o patrimônio genético, o patrimônio construído, etc. Quando se fala de “conservação da Natureza”, como da biodiversidade, trata-se sobretudo de uma Natureza-recurso. Encontramos aqui uma preocupação com a “administração do meio ambiente”, ou melhor dizendo, da gestão ambiental.

A “educação para a conservação” certamente sempre foi a parte da educação familiar ou comunitária nos meios onde os recursos são escassos. Entre outras, ela se desenvolveu em situações de guerra em meados do último século – por exemplo, fundindo velhas panelas para fazer munições (triste reciclagem!) – e ao constatar os primeiros sinais de esgotamento dos recursos depois do *boom* econômico após a Segunda Guerra Mundial nos países desenvolvidos.

Os programas de Educação Ambiental centrados nos três erres já clássicos, os da Redução, da Reutilização e da Reciclagem, ou aqueles centrados em preocupações da gestão ambiental (gestão da água, do lixo, da energia, por exemplo) se associam à corrente conservacionista/recursista. Geralmente dá-se ênfase ao desenvolvimento de habilidades de gestão ambiental e de ecocivismo. Encontram-se aqui imperativos de ação: comportamentos individuais e projetos coletivos. Recentemente, a educação para o consumo, além de uma perspectiva econômica, integrou mais explicitamente uma preocupação ambiental da conservação de recursos, associada a uma preocupação de equidade social.

## **CORRENTE RESOLUTIVA**

A corrente resolutiva surgiu em princípios dos anos 1970, quando se revelaram a amplitude, a gravidade e a aceleração crescente dos problemas ambientais. Agrupa proposições em que o meio ambiente é considerado, principalmente, como um conjunto de problemas. Esta corrente adota a visão central de Educação Ambiental proposta pela UNESCO no contexto de seu Programa Internacional de Educação Ambiental (1975 – 1995). Trata-se de informar ou de levar as pessoas a se informarem sobre problemáticas ambientais, assim como a desenvolver habilidades voltadas para resolvê-las. Como no caso da corrente conservacionista/recursista, à qual a corrente resolutiva está freqüentemente associada, encontra-se aqui um imperativo de ação: modificação de comportamentos ou de projetos coletivos.

## **CORRENTE SISTÊMICA**

Para os que se inscrevem nesta corrente, o enfoque sistêmico permite conhecer e compreender adequadamente as realidades e as problemáticas ambientais. A análise sistêmica possibilita identificar os diferentes componentes de um sistema ambiental e salientar as relações entre seus componentes, como as relações entre os elementos biofísicos e os sociais de uma situação ambiental. Esta etapa é essencial e autoriza obter em seguida uma visão de conjunto que corresponde a uma síntese da realidade apreendida. Chega-se assim à totalidade do sistema ambiental, cuja dinâmica não só pode ser percebida e compreendida melhor, como também os pontos de ruptura (se existirem) e as vias de evolução.

O enfoque das realidades ambientais é de natureza cognitiva e a perspectiva é a de tomada de decisões ótimas. As habilidades ligadas à análise e à síntese são particularmente necessárias.

A corrente sistêmica em Educação Ambiental apóia-se, entre outras, nas contribuições da Ecologia, ciência biológica transdisciplinar, que conheceu seu auge nos anos de 1970 e cujos conceitos e princípios inspiram o campo da Ecologia Humana.

## **CORRENTE CIENTÍFICA**

Algumas proposições de Educação Ambiental conferem ênfase ao processo científico, com o objetivo de abordar com rigor as realidades e problemáticas ambientais e de compreendê-las melhor, identificando mais especificamente as relações de causa e efeito. O processo está centrado na indução de hipóteses com base em observações e na verificação de hipóteses, por meio de novas observações ou por experimentação. Nesta corrente, a Educação Ambiental está seguidamente associada ao desenvolvimento de conhecimentos e de habilidades relativas às ciências do meio ambiente, do campo de pesquisa essencialmente interdisciplinar para a transdisciplinaridade. Como na corrente sistêmica, o enfoque é sobretudo cognitivo: o meio ambiente é objeto de conhecimento para escolher uma solução ou ação apropriada. As habilidades ligadas à observação e à experimentação particularmente são necessárias.

Entre as proposições associadas a este campo, várias provêm de autores ou pedagogos que se interessam pela Educação Ambiental a partir de preocupações do âmbito da didática das ciências ou, mais ainda, de seus campos de interesse em ciências do meio ambiente. Para os didáticos, o meio ambiente torna-se um tema “atrativo” que estimula o interesse pelas ciências, ou, mais, uma preocupação que proporciona uma dimensão social e ética à atividade científica. Geralmente, a perspectiva é a de compreender melhor para orientar melhor a ação. As proposições da corrente científica integram, amiúde, o enfoque sistêmico e um processo de resolução de problemas, encontrando-se, pois, com outras duas correntes anteriormente apresentadas.

## **CORRENTE HUMANISTA**

Esta corrente dá ênfase à dimensão humana do meio ambiente, construído no cruzamento da Natureza e da cultura. O ambiente não é somente apreendido como um conjunto de elementos biofísicos, que basta ser abordado com objetividade e rigor para ser mais bem compreendido, para interagir melhor. Corresponde a um meio de vida, com suas dimensões históricas, culturais, políticas, econômicas, estéticas, etc. Não pode ser abordado sem se levar em

conta sua significação, seu valor simbólico. O “patrimônio” não é somente natural, é igualmente cultural: as construções e ordenamentos humanos são testemunhos da aliança entre a criação humana e os materiais e as possibilidades da Natureza. A arquitetura, entre outros elementos, encontra-se no centro desta interação. O meio ambiente é também o da cidade, da praça pública, dos jardins cultivados etc.

Neste caso, a porta de entrada para apreender o meio ambiente é freqüentemente a paisagem. Esta última é seguidamente modelada pela atividade humana; ela fala ao mesmo tempo da evolução dos sistemas naturais que a compõem e das populações humanas que estabeleceram nela suas trajetórias. Este enfoque do meio ambiente é, muitas vezes, preferido pelos educadores que se interessam pela Educação Ambiental sob a óptica da Geografia e/ou de outras ciências humanas.

O enfoque é cognitivo, mas, além do rigor da observação, da análise e da síntese, a corrente humanista convoca também o sensorial, a sensibilidade afetiva e a criatividade.

## **CORRENTE MORAL/ÉTICA**

Muitos educadores consideram que o fundamento da relação com o meio ambiente é de ordem ética: é , pois, neste nível que se deve intervir de maneira prioritária. O atuar baseia-se em um conjunto de valores, mas ou menos conscientes e coerentes entre eles. Assim, diversas proposições de Educação Ambiental enfatizam o desenvolvimento dos valores ambientais.

Alguns convidam para a adoção de uma “moral” ambiental, prescrevendo um código de comportamentos socialmente desejáveis (como os que o ecocivismo propõe); porém, mais fundamentalmente ainda, pode se tratar de desenvolver verdadeira “competência ética”, e de construir seu próprio sistema de valores. Não somente é necessário saber analisar valores dos protagonistas de uma situação como, antes de mais nada, esclarecer seus valores em relação ao seu próprio atuar. A análise de correntes éticas diferentes, como escolhas possíveis, torna-se aqui uma estratégia muito apropriada: antropocentrismo, biocentrismo, sociocentrismo, ecocentrismo etc.

## **CORRENTE BIO-REGIONALISTA**

O bio-regionalismo surge, entre outros, no movimento de retorno à terra, em fins do século passado, depois das desilusões com a industrialização e urbanização massivas. Trata-se de um movimento socioecológico que se interessa em particular pela dimensão econômica da “gestão” deste lar de vida compartilhada que é o meio ambiente.

A corrente bio-regionalista inspira-se geralmente numa ética ecocêntrica e centra a Educação Ambiental no desenvolvimento de uma relação preferencial com o meio local ou regional, no desenvolvimento de um sentimento de pertença a este último e no compromisso em favor da valorização deste meio.

## **CORRENTE PRÁXICA**

A ênfase desta corrente está na aprendizagem *na ação, pela ação e para a* melhora desta. Não se trata de desenvolver *a priori* os conhecimentos e as habilidades com vistas a uma eventual ação, mas em pôr-se imediatamente em situação de ação e de aprender pelo projeto por e para esse projeto. A aprendizagem convida a uma reflexão na ação, no projeto em curso. Lembremos de que a *práxis* consiste essencialmente em integrar a reflexão e a ação, que, assim, se alimentam mutuamente.

O processo da corrente praxica é, por excelência, o da pesquisa-ação, cujo objetivo essencial é o de operar uma mudança em um meio (nas pessoas e no meio ambiente) e cuja dinâmica é participativa, envolvendo os diferentes atores de uma situação por transformar. Em Educação Ambiental, as mudanças previstas podem ser de ordem socioambiental e educacional.

William Stapp e colaboradores desenvolveram um modelo pedagógico que ilustra muito bem a corrente praxica: a pesquisa-ação para resolver problemas comunitários. Trata-se de empreender um processo participativo para resolver um problema socioambiental percebido no meio imediato da vida.

Além do processo habitual de resolução de problemas, trata-se de integrar uma reflexão constante sobre o projeto de ação empreendido: por que empreendemos esse projeto? Nossa finalidade e nossos objetivos mudam no caminho? Nossas estratégias são apropriadas? O que aprendemos durante a

realização do projeto? Realmente, um projeto deste tipo é um cadinho de aprendizagem: não se trata de saber tudo antes de passar pela ação, mas de aceitar a aprender na ação e de ir reajustando-a. Aprende-se também sobre si mesmo e se aprende a trabalhar em equipe.

## **CORRENTE DE CRÍTICA SOCIAL**

A corrente práxica é muitas vezes associada à da crítica social. Esta última inspira-se no campo da “Teoria Crítica”, que foi inicialmente desenvolvida em ciências sociais e que integrou o campo da educação, para, finalmente, se encontrar com o da Educação Ambiental nos anos de 1980.

Esta corrente insiste, essencialmente, na análise das dinâmicas sociais que se encontram na base das realidades e problemáticas ambientais: análise de intenções, posições, argumentos, valores explícitos e implícitos, decisões e ações dos diferentes protagonistas de uma situação. Existe coerência entre os fundamentos anunciados e os projetos empreendidos? Há ruptura entre a palavra e a ação? Em particular, as relações de poder são identificadas e denunciadas: quem decide o quê? Para quem? Como a relação com o ambiente se submete ao jogo dos valores dominantes? Qual é a relação entre o saber e o poder? Quem tem ou pretende ter o saber? Para que fins? As mesmas perguntas são formuladas a propósito das realidades e problemáticas educacionais, cuja ligação com estas últimas deve ser explícita: a educação é ao mesmo tempo o reflexo da dinâmica social e o cadinho das mudanças. Como exemplo de pergunta crítica: por que a integração da Educação Ambiental no meio escolar apresenta problemas? Em que a Educação Ambiental pode contribuir para desconstruir a herança nefasta do colonialismo em certos países em desenvolvimento?

Esta atitude crítica, com um componente necessariamente político, aponta para a transformação de realidades. Não se trata de uma crítica estéril. Da pesquisa ou no curso dela emergem projetos de ação em uma perspectiva de emancipação e libertação das alienações. Trata-se de uma postura corajosa, porque ela começa primeiro por confrontar-se a si mesma (a pertinência de seus próprios fundamentos, a coerência de seu próprio atuar) e porque ela implica o questionamento dos lugares-comuns e das correntes dominantes.

## **CORRENTE FEMINISTA**

Da corrente crítica social, a corrente feminista adota a análise e a denúncia das relações de poder dentro dos grupos sociais. Mas, além disso, e quanto às relações de poder nos campos político e econômico, a ênfase está nas relações de poder que os homens ainda exercem sobre as mulheres, em certos contextos, e na necessidade de integrar as perspectivas e valores feministas aos modos de governo, produção, de consumo, de organização social. Em matéria de meio ambiente, uma ligação estreita ficou estabelecida entre a dominação das mulheres: trabalhar para restabelecer relações harmônicas com a Natureza é indissociável de um projeto social que aponta para a harmonização das relações entre os humanos, mais especificamente entre os homens e as mulheres.

A corrente feminista se opõe, no entanto, ao predomínio do enfoque racional das problemáticas ambientais, tal como freqüentemente se observa nas teorias e práticas da corrente de crítica social. Os enfoques intuitivo, afetivo, simbólico, espiritual ou artístico das realidades do meio ambiente são igualmente valorizados. No contexto de uma ética da responsabilidade, a ênfase está na entrega: cuidar do outro humano e o outro como humano, com uma atenção permanente e afetuosa.

Se no começo o movimento feminista aplicou-se principalmente em remanejar e denunciar as relações de poder entre os homens e as mulheres, a tendência atual é, antes, a de trabalhar ativamente para reconstruir as relações de “gênero” harmoniosamente, por meio da participação em projetos conjuntos, nos quais as forças e os talentos de cada um e de cada uma contribuam de maneira complementar. Os projetos ambientais oferecem um contexto particularmente interessante para estes fins, porque implicam (certamente em graus diversos) a reconstrução da relação com o mundo.

## **CORRENTE ETNOGRÁFICA**

A corrente etnográfica dá ênfase ao caráter cultural da relação com o meio ambiente. A Educação Ambiental não deve impor uma visão de mundo; é preciso

levar em conta a cultura de referência das populações ou das comunidades envolvidas.

A corrente etnográfica propõe não somente adaptar a pedagogia às realidades culturais diferentes, como se inspirar nas pedagogias de várias culturas que têm outra relação com o meio ambiente.

### **CORRENTE DA ECO-EDUCAÇÃO**

Esta é dominada pela perspectiva educacional da Educação Ambiental. Não se trata de resolver problemas, mas de aproveitar a relação com o meio ambiente como caminho de desenvolvimento pessoal, para o fundamento de uma atuação significativa e responsável. O meio ambiente é percebido aqui como uma esfera de interação, essencial, para a ecoformação ou para a ecoontogênese.

A ecoformação articula-se em torno de três movimentos: a socialização (heteroformação), a personalização (autoformação) e a ecologização (ecoformação). A heteroformação é amplamente dominante, até exclusiva, nos sistemas educativos de nossa sociedade, indicando que a formação vem dos pais, dos semelhantes ou da instituição escolar. A autoformação designa o fenômeno pelo qual um sujeito reage sobre a aparição de sua própria forma. A ecoformação é o terceiro pólo de formação, o mais discreto, o mais silencioso e provavelmente o mais esquecido: Interessa-se pela formação pessoal que cada um recebe do seu meio ambiente físico.

A ecoontogênese evidencia que as relações com o meio ambiente desempenham papel importante no desenvolvimento do sujeito, em sua ontogênese. Antes do tema da resolução de problemas e em uma perspectiva de Educação Fundamental, são os laços com o meio ambiente que devem ser considerados em Educação Ambiental como um elemento central e primordial da ontogênese.

### **CORRENTE DA SUSTENTABILIDADE**

A ideologia do desenvolvimento sustentável, que conheceu sua expansão em meados dos anos de 1980, penetrou pouco a pouco o movimento da Educação Ambiental e se impôs como perspectiva dominante. Para responder às

recomendações do capítulo 36 da Agenda 21, resultante da Cúpula da Terra em 1992, a UNESCO substituiu seu Programa Internacional de Educação Ambiental por um Programa de Educação para um Futuro Viável, cujo objetivo é contribuir para a promoção do desenvolvimento sustentável. Este último supõe que o desenvolvimento econômico, considerado como a base do desenvolvimento humano, é indissociável da conservação dos recursos naturais e de um partilhamento eqüitativo dos recursos. Trata-se de aprender a utilizar racionalmente os recursos de hoje para que haja suficientemente para todos e se possa assegurar as necessidades do amanhã. A Educação Ambiental torna-se uma ferramenta, entre outras, a serviço do desenvolvimento sustentável.

Segundo partidários desta corrente, a Educação Ambiental está limitada a um enfoque naturalista e não integra as preocupações sociais, em particular, as considerações econômicas no tratamento das problemáticas ambientais. A educação para o desenvolvimento sustentável permite atenuar esta carência. Desde 1992, os promotores da proposição do desenvolvimento sustentável pregam uma “reforma” de toda a educação para estes fins, com o objetivo de instaurar uma “nova” educação.

A corrente desenvolvimentista, como as precedentes, não é monolítica. Ela integra diversas concepções e práticas. Entre estas últimas, é importante sublinhar aquelas mais ligadas ao conceito de sustentabilidade ou viabilidade. A “sustentabilidade” está geralmente associada a uma visão enriquecida do desenvolvimento sustentável, menos economicista, na qual a preocupação com a sustentabilidade da vida não está relegada a um segundo plano.

## **PERSPECTIVA ECO-RELACIONAL**

Na pesquisa por diversas correntes e tendências, a Perspectiva Eco-Relacional, elaborada por Figueiredo (2003), merece um lugar de destaque, pois busca estabelecer estratégias com fins plenamente harmonizadores entre ser humano, Natureza e sociedade, um objetivo configurado em harmonia com os princípios básicos da Perspectiva Holística

A Perspectiva Eco-Relacional (PER) nasceu da crítica à perspectiva holística e foi elaborada visando a sobrepujar a carência da dimensão sociopolítica e cultural em suas reflexões de base e o excessivo enfoque do

pensamento holístico no tocante à integração ser humano-Natureza, descolada de uma crítica a uma leitura do “verde pelo verde”, ao relevar as hierarquias nos processos evolutivos presentes nos ecossistemas. Há também uma crítica à secundarização dos processos relacionais ao focar mais intensamente o indivíduo, mesmo que no contexto da inteireza, possibilitando um certo individualismo holístico.

Em muitos pontos, a essência da PER se encontra em concordância com os elementos caracterizadores destacados por Yus, especialmente no que se refere aos tópicos equilíbrio, inter-relações, cooperação e contextualização, bem como na integração aos aspectos sociais.

Capra ressalta que “não existe nenhum organismo individual que viva em isolamento”. (CAPRA, 2002, p.23). Toda a existência depende de ampla e complexa rede, desenvolvida e caracterizada pela qualidade de suas interconexões - seus relacionamentos.

No âmbito da existência orgânica, é dada a cada consciência a percepção de individualidade, mas nenhuma consegue subsistir fora de uma ambiência, sempre superior em complexidade a qualquer indivíduo isolado, amparada por um fluxo ininterrupto de energia, alimento, colaboração, compartilhamento, disputa, conflito e afetividade.

Se tudo é relação e nada existe fora da relação, então, a lei mais universal é a sinergia, a sintropia, o inter-retrorelacionamento, a colaboração, a solidariedade cósmica e a comunhão e fraternidade/sororidade universais. (BOFF, 1995, p.43).

Todo elemento, que também conserva uma estrutura de subelementos que se relacionam, jamais se desenvolve como sistema fechado. Não há, pois, elemento, no sentido estrito, mas apenas sistemas caracterizados pelo modo como suas partes se relacionam e como organizam seus conteúdos a fim de imprimir a si um caráter de elemento, interagindo com outros grupamentos, em níveis sempre mais abrangentes - um grande ecossistema de ecossistemas abertos em permanente evolução.

Figueiredo, então, questiona se há coisas ou se existem apenas relações. “A vida é relação, o universo é relação, o conhecimento/informação é relação, matéria é relação, mente/consciência é relação, ‘ser’ é relação” (FIGUEIREDO,

1999, p.74) e vai, então, propor uma perspectiva que denomina de “eco-relacional”. (FIGUEIREDO, 2003, p.39):

Essa perspectiva se funda na proposta de enfatizar a Relação como eixo principal dentro do contexto de mundo (sentido, pensado ou vivido), na constituição ontológica e epistemológica do ser. Começa-se selecionando, dentre os diversos sentidos oferecidos pelo dicionarista, o conceito de Relação aqui adotado.

Dentre as definições, escolhem-se as seguintes: Relação [Do lat. Relatione] traduzindo-se pelo ato de ligação, referência, vinculação; categoria filosófica fundamental que designa o caráter das idéias, que confere unidade a dois ou mais objetos, operação lógica que determina agregação ou a conexão de dois objetos. As relações se processam em espaços próprios que podem ser denominados de ambiente de relações ou lugar relacional. (FIGUEIREDO, 2003, p.42).

Integradas nas múltiplas dimensões humanas, encontram-se numa totalidade coesa as ordens físicas, químicas, biológicas, mentais, espirituais, sociais e políticas – uma realidade coerente com os novos paradigmas emergentes, que buscam compreender do unitário relativo ao caos absoluto – passando pelas relações vividas em todas as esferas.

Na dimensão físico-química, o espectro relacional abrange do núcleo do elemento material básico, onde jazem as partículas subatômicas, até as complexas estruturas planetárias. Interagindo nessa dimensão, encontramos o espectro relacional biológico, que vai da unidade básica de vida, a célula, até as grandes comunidades humanas que podem interagir numa estrutura social permeada por diversidades.

Toda essa complexa teia relacional, na perspectiva de Figueiredo, deve, necessariamente, ser levada em conta no entendimento das questões ambientais. Com a Perspectiva Eco-Relacional há uma proposta de se superar o paradigma ecocêntrico, rompendo com a noção de centro e incluindo a idéia de foco, num enfoque mais crítico, dialógico e democrático.

Muito embora se reconheça que, na perspectiva ecocêntrica, identifica-se um amadurecimento da consciência que interage com a Natureza, ela deixa lacunas quando omite a interacionalidade entre ser humano e o meio sociopolítico e cultural. Ao privilegiar os cuidados com o meio, visando à integridade do meio, vê-se um avanço diante da mentalidade cartesiana, sem dúvidas, mas omite as

relações ontologizantes. A percepção eco-relacional busca afinar este processo ao estabelecer estratégias com fins plenamente harmonizadores entre ser humano, Natureza e sociedade.

A fragmentação ainda se destaca na perspectiva ecocêntrica, incapaz de superar aqueles problemas ambientais que se resolvem apenas mediante amplo acordo entre todos os elementos, oriundos de uma visão profunda da simbiose ser humano - Natureza. Ao fixar os problemas ambientais ao nível de elementos naturais isolados, sugere um conceito de sustentabilidade do ser humano apenas e não dos ecossistemas como um todo, que inclui o ser humano, negando a necessidade de uma relação afetiva e amorosa, já anunciada no avanço da abordagem sistêmica, claramente carregada pelos aspectos de complexidade percebidos pelos novos paradigmas.

Se nenhum elemento pode ser percebido sozinho e se existe impossibilidade de isolar elementos para que se tornem conhecidos, como então alcançar o mesmo objetivo não com um, mas com diversos elementos e de forma simultânea? Olhando para suas relações, cujo entendimento implica conhecer todo o conjunto de elementos, qualquer que seja a complexidade. Quando se olha para relações, parece natural a alusão à capacidade de interatividade dentro de estruturas organizacionais com um potencial interativo suficiente para conferir propriedades peculiares da estrutura como um todo e também de cada elemento.

O resultado da omissão ecocêntrica é a ausência de uma estratégia que abranja o ser humano em toda a extensão de sua natureza, que inclui essas relações sociopolíticas e culturais, permanecendo intocável o cerne dos problemas ecológicos que tanto afetam o Planeta.

Pode-se verificar que o enfrentamento dos problemas ambientais tem se resumido na retórica inoperante e em práticas muitas vezes bem intencionadas, entretanto, quase sempre inconseqüentes, no que se refere às transformações culturais e sociais necessárias. (FIGUEIREDO, 2003, p.41).

As dimensões históricas e políticas nascidas para dar suporte às novas ciências totalizadoras são visíveis, por exemplo, na perspectiva indígena, que inclui elementos de sociabilidade em suas relações com a Natureza, uma tendência completamente excêntrica à visão cartesiana e esquecida à perspectiva

ecocêntrica, preocupada em preencher os espaços ignorados por aquela, mas incapaz de carregar a percepção ecossistêmica-complexa.

Para Figueiredo, a teia instalada nesse meio é o marco para uma nova perspectiva que se deve olhar, como na percepção essencialmente eco-relacional presente na mensagem do Chefe Seattle ao Governo dos Estados Unidos, que tentava comprar suas terras, em 1854, antes mesmo da emergência da perspectiva ecocêntrica. Ele lembra suas relações com a Natureza, não de possuidor e possuído, senhor e escravo, mas o fraternal e sangüíneo vínculo, como existe entre familiares.

Como é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da Terra? Essa idéia nos parece um pouco estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los? Cada pedaço desta terra é sagrada para meu povo. Cada ramo brilhante de um pinheiro, cada punhado de areia das praias, a penumbra na floresta densa, cada clareira e inseto a zumbir são sagrados na memória e experiência do meu povo. (...)

Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar seus filhos que os rios são nossos irmãos e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão. (*Apud* DIAS, 1998, p.376).

Mais uma dimensão entroniza-se na presente exposição, a afetiva, elemento capaz de jungir as condições de possibilidade do compartilhamento e da amorosidade, uma interatividade que equilibra positivamente realidades distintas apenas na aparência, consolidando uma familiaridade não mais oculta. Somente a razão não é capaz de selar esse pacto.

A emoção encontra seu espaço, não para negar a razão, mas para emprestar-lhe perspectivas muito mais abrangentes, permitindo ver mais distante, além das fronteiras estabelecidas pelos entes, num nível de complexidade impossível de ser compreendido pela analítica.

No dizer de Maturana (1998), a razão em si não caracteriza o ser humano, pois deforma sua natureza integral e a integralidade da natureza simbiótica. Esse elemento vem para enriquecer os campos de atuação no âmbito da ecologia, pois as estratégias conciliadoras Natureza-ser humano se aformoseiam

desse sutil fenômeno, suficientemente poderoso para abrigar novas oportunidades de ação.

Bernardi destaca a comunicabilidade, a solidariedade, a igualdade e a respeitabilidade como próprios da relação – elementos formuladores da metafísica do amor. Para ele, a dimensão do amor se destaca como o fundamento das pontes que constituem a relação. Se o ser humano foi “criado para amar e louvar” (BERNARDI, 2003, p.28) e se os elementos da Natureza estão ligados ontologicamente ao ser humano, as relações de toda ordem que surgem entre ambos, ser humano e Natureza, deveriam carregar o amor como valor primaz.

Por isso, a dimensão afetiva constitui elemento fundamental no contexto da percepção eco-relacional, instaurando no seio das relações sociais uma interação fortemente solidária. Funda-se na amorosidade das relações, esfera que assegura a evolução da teia numa perspectiva ecológica saudável, legitimando a alteridade de todos os outros, à frente, abaixo, à direita, à esquerda, dentro e fora, enfim, sob qualquer perspectiva de qualquer elemento.

A afetividade estabelece a valorização da diversidade no plano não utilitarista, numa dimensão em que há o diálogo, a tolerância e o respeito, abrindo novas perspectivas de ação da linguagem fundada pelo amor, capaz, por isso, de inaugurar o fenômeno social que abrange agora uma totalidade e uma intersubjetividade relacional:

A perspectiva eco-relacional efetiva-se com ponte entre o natural, o individual e o sócio-cultural, permitindo o transitar, o interagir, o colaborar. Essa perspectiva oferece a compreensão da complexidade do real e da essencialidade de superação da razão antropocêntrica e fragmentadora por meio dessa perspectiva que interliga as múltiplas dimensões do ser. (FIGUEIREDO, 2003, p.49).

Os pesquisadores admitem enorme distanciamento da ciência no esforço do entendimento de como os elementos se relacionam. “Embora os neurocientistas saibam desde o século XIX que as estruturas cerebrais e as funções mentais estão intimamente ligadas, a exata relação entre mente e cérebro permanece misteriosa”. (CAPRA, 2002, p. 49). A pesquisa científica deve, pois, dirigir atenção cada vez mais intensa, não apenas para os elementos, mas também para suas relações.

Essa é uma das grandes contribuições dos novos paradigmas científicos surgidos no século XX, tão bem destacadas por Figueiredo (1999). A Natureza tem tudo a ensinar ao ser humano sobre relações, pois ela consegue organizar de forma equilibrada comunidades dos mais diferentes tipos, enquanto os humanos não conseguem se harmonizar nem entre si.

A ecosfera inclui todos os organismos vivos do Planeta, interagindo equilibradamente com os elementos físico-químicos, em fraternal amplexo, visando a manter um sistema de estado contínuo, que implica “um equilíbrio auto-ajustador, uma condição equilibrada” (ODUM, 1988, p.3), imune a variações de pequena monta. Conhecer o modo como esta sustenta e permite evoluir comunidades em tão complexas redes de relacionamento é um grande desafio que a perspectiva eco-relacional abraçou.

Buscando compreender as diferenças entre as perspectivas cartesiana, ecocêntrica e eco-relacional, sintetizamos, no quadro abaixo, uma interpretação da percepção de Figueiredo para esses modelos:

ASPECTO/DESCRIÇÃO	CARTESIANA	ECOCÊNTRICA	ECO-RELACIONAL
Afetividade	Inexistente.	Existente, como sentimento de quem cuida de algo.	Existente, como sentimento de que cuidar de si e dos outros tem o mesmo significado de cuidar da Natureza.
Cosmovisão	Antropocêntrica, colocando o ser humano como centro.	Tenta superar com o antropocêntrico. Ainda apresenta um paradoxo ao colocar toda a Natureza com igual valor, porém trata a Natureza como casa, que deve ser preservada para benefício próprio	Eco-holística, estendendo o sentido de ecológico que abrange um grande Todo, e que inclui o ser humano como um dos elementos.
Interação com a Natureza	De forma objetiva, como ente separado, por não possuir racionalidade.	De forma objetiva, como ente, que merece cuidados do ser humano para sua preservação.	De forma dinâmica, buscando compreender a rede de relações, tendo a conservação da vida como corolário.

(segue)

Leitura de mundo	Fragmentada, situando o ser humano como dominador da Natureza, um objeto de manipulação pela vontade.	Integrada em seus fragmentos, situando o ser humano como um dominador que explora, mas que também cuida.	De cunho holístico-político, situa o ser humano e a Natureza como partes de uma realidade ecossistêmica e complexa, que se relacionam dinamicamente para evolução da vida coletiva.
O que valoriza	A posse dos recursos oferecidos pela Natureza.	A tecnologia cada vez mais avançada na exploração dos recursos naturais, a fim de conservar o meio ambiente.	A integração ser humano- Natureza, de um modo que possa sentir-se participando de um Todo, realizando interações simbióticas.
Perspectivas econômicas	Acumulação de riqueza.	Maiores garantias para acumulação de riqueza.	Constituição de uma teia de solidariedade.
Principal característica	O domínio do ser humano sobre a Natureza.	A preservação do meio ambiente para garantir a vida humana.	Prioriza o relacional como contexto básico e as relações como princípio do real.
Princípio emocional predominante	Sentimento de posse.	Sentimento de cuidado.	Sentimento de amor.
Relações	Não considera relações, tratando os elementos como entes isolados.	Restringe-se às relações físico-químicas e psicobiológicas dos elementos da Natureza.	Inclui as relações físico-químicas e biológicas e acrescenta as interações humanas e sociais de humanos e não humanos, perfazendo grande teia multidimensional. Efetiva-se como ponte entre o natural, o individual e o sociocultural.
Sustentabilidade	Não se preocupa, pois a exploração dos recursos é muitas vezes depredadora.	Preocupa-se com a sustentabilidade da Natureza, para que a humana não seja afetada.	Preocupa-se com a sustentabilidade da Natureza, com o sentimento que é a sua própria e do Todo.

Fonte: condensado de Figueiredo (2003)

## **CAPÍTULO 4 - CONTRIBUIÇÕES DE PARAMAHANSA YOGANANDA À PERSPECTIVA HOLÍSTICA**

*Viver é afinar o instrumento.  
De dentro para fora, de fora para dentro.  
A toda hora, a todo momento.  
De dentro para fora, de fora para dentro.  
(Walter Franco)*

### **DA ILUSÃO SEPARATISTA À ARTE DA VIDA EQUILIBRADA**

Juntamente com o instrumental físico-matemático providenciado por Isaac Newton e a metodologia indutiva de Francis Bacon, a analítica de Descartes se tornou o mais importante instrumento na construção do edifício de uma racionalidade científica dominante até os dias atuais, que tem como meta um progresso baseado na exploração, a qualquer preço, dos recursos da Natureza. Seu trabalho foi de grande utilidade naquela etapa específica de evolução da consciência, colaborando no naufrágio da ideologia que utilizava argumentos dogmáticos para exercer domínio e poder. Neste momento, novas forças se organizam para ocupar seu espaço e impedir que naufrague também o projeto existencial humano.

Após séculos reinando de forma soberana, o cartesianismo ajudou a constituir uma mentalidade de controle, previsibilidade e quantificação que se tornou tão natural que, de forma paradigmática, desenvolveu a ilusão coletiva, sobretudo no Ocidente, de que se trata do único modelo existencial aceitável. Os resultados obtidos pelo progresso material com suas técnicas e controles, máquinas e toda a parafernália tecnológica, vem provar tão fortemente a validade do ideal cartesiano que não se torna natural para quem vive mergulhado neste mundo imaginar que possa existir uma realidade distinta e, sem contradições, progressista e saudável.

Mesmo para renomados cientistas, como Albert Einstein, não foi fácil aceitar os resultados das novas ciências que ele próprio ajudava a edificar, como se verificou na recusa dos resultados que indicava um fenômeno de causalidade

não local entre partículas do mundo subatômico, reforçando a idéia de conectividade e totalidade, fato considerado surpreendente por Capra:

A relutância de Einstein em aceitar as conseqüências da teoria que seu trabalho anterior ajudara a formular é um dos mais fascinantes episódios na história da ciência. A essência de sua discordância em relação a Bohr estava em sua firme crença numa realidade externa, que consistiria em elementos independentes e espacialmente separados.

Isso mostra que a filosofia de Einstein era essencialmente cartesiana. Embora ele tivesse iniciado a revolução da ciência do século XX e tivesse ido muito além de Newton com sua teoria da relatividade, parece que Einstein, de algum modo, não era capaz, ele próprio, de ultrapassar Descartes. (CAPRA, 2005, p.77).

Não causa espécie, por isso, a dificuldade do cidadão comum, e mesmo de muitos cientistas contemporâneos, em absorver uma proposta que implica um convite para repensar o que parece evidentemente certo. Instaurada a perspectiva holística, Grün (SATO ET AL, 2002) teme a perda da identidade humana ante à Natureza. Aguiar (2003) considera que a utopia das vertentes ecológicas radicais tendam a considerar os elementos da Natureza como sujeitos com direitos e cidadania.

Muitos físicos ainda recusam as conclusões filosóficas oriundas dos estudos no âmbito da Física Moderna, como nos informa Fritjof Capra, comentando a baixa receptividade entre seus colegas sobre a iniciativa de aproximar Física e pensamento místico do Oriente:

(...) a maioria deles a princípio ficou bem desconfiada e muitos se sentiram até mesmo ameaçados pelo livro [O Tao da Física]. Aqueles que se viram ameaçados, reagiram com raiva. Fizeram comentários ofensivos e geralmente maldosos, seja em publicações ou em conversas particulares. (CAPRA, 2000, p.249).

Muitos aspectos da vida cotidiana, todavia, demonstram os resultados da falta da perspectiva holística combinada com a hipertrofia do progresso tecnológico, numa época de casas e carros maiores e mais confortáveis e, concomitantemente, pouco progresso na capacidade humana em tolerar as diferenças, lidar com os fracassos, buscar o diálogo nas crises, compreender os paradoxos e as contradições da vida.

Apesar de toda uma base racional e científica, demonstrando cabalmente os resultados da pesquisa quântica, os conceitos relacionados à perspectiva holística provocam muitos equívocos e produzem grande resistência, porque, como demonstramos, além de se tratar de um tema novo, segue, aparentemente, na contramão de tudo o que é ordinário. Novas atitudes são capazes de conectar a perspectiva holística com facilidade, sobretudo mediante experiências de simples confirmação.

Weil (*Apud* CREMA & ARAÚJO, 2001) sugere que a investigação da visão holística, além do esforço intelectual, seja acompanhada de uma vivência, pois seu significado não pode ser apanhado facilmente pela rede da análise e da lógica. É pela investigação da experiência de intelectuais como Huberto Rohden e Ken Wilber e de preceptores espirituais como Francisco de Assis, Jesus Cristo e Paramahansa Yogananda, que encontramos demonstrações insofismáveis de uma mentalidade capaz de superar com vantagens a ideologia dominante, sem negação do ideal de progresso, saúde, paz e felicidade.

Wilber (1998) tem em foco sempre presente o ideal unitário, em cujo seio repousam diferentes e até opostos que jamais se excluem, ao contrário, tornam-se mutuamente interdependentes, completamente inseparáveis, complementarmente partilhando uma identidade implícita.

Segundo ele, esse conceito modifica a tendência habitual de erradicar um dos opostos: “Lidamos com o problema do bem e do mal tentando exterminar o mal”. (Wilber, 1998, 37). Que diferença isso faria no padrão das relações internacionais se todos as nações compreendessem o potencial cooperativo-complementar-interdependente das suas diferenças?

Francisco de Assis não contribuiu com nenhuma descoberta da ciência do progresso material, mas demonstrou na prática que é possível o progresso do espírito na direção de uma consciência cada vez mais refinada e, sem qualquer contradição, o encontro com a alegria e a felicidade. Demonstrou uma madura atitude holística, ao acolher os diferentes, abraçando o pária desprezado pela sociedade; não castigou, mas educou os malfeitores que procuravam por pão; encarando o final da vida neste mundo, tomou a morte como “irmã”.

Não foram tristes e sombrios os últimos dias do cantor angélico de Deus. Antes, foram sublimes, aureolados de espetacular e poética

beleza (..) tinha todo o corpo esquelético coberto de feridas. Cheio de dores, com padecimentos cruéis que o não deixam um instante sequer, sente-se, contudo, feliz, e canta, canta sempre, recebendo o sofrimento com enlevada alegria. (LEITE, 1964, p.288).

Tomaram-no como “santo” e nada mais justo para quem esteve abraçado à irmã Natureza como consorte inseparável. Nas escrituras, “santo” não é epíteto de alguém alienado em um puritanismo medieval. Santo é sinônimo de “inteiro”, “todo”, “universal”, como explica Rohden:

O mesmo acontece em algumas línguas modernas, como por exemplo, em alemão ‘heilig’ (santo) tem o mesmo radical que ‘heil’ (todo, inteiro); idem, em inglês, ‘holy’ (santo) é etimologicamente idêntico a ‘whole’ (todo, inteiro) (...) ‘Santificar’ quer, pois dizer: reconhecer como inteiro, total, universal. (ROHDEN, 1991, p.42).

O convite de Paramahansa Yogananda é na direção do equilíbrio cósmico. Por estar sujeito à fome e aos desejos, o ser humano é obrigado a trabalhar. Sem trabalho, qualquer sociedade seria tomada pelas doenças, pelo crime e pela fome. Se todas as pessoas abandonassem a vida social para viver nas florestas, vivendo apenas na comunhão com flores e os pássaros, as florestas acabariam se tornando novas cidades. Ele lembra o exemplo da vida dos mestres da Humanidade, tal como Krishna<sup>15</sup>, que viveu uma vida completamente iluminada, mesmo sendo um poderoso rei.

Para evitar as armadilhas dos dois extremos – a renúncia ao mundo ou a sufocação na vida material – o homem precisa treinar a mente, por meio da meditação, para poder praticar as ações necessárias e legítimas da vida cotidiana, enquanto conserva, em seu interior, a consciência de Deus (...) uma vida equilibrada de meditação e atividade, sem apego aos frutos da ação, é o exemplo que a vida de Krishna oferece (...)

Estar constantemente preocupado, mesmo em ambientes agradáveis, é viver no inferno; viver na ilimitada paz interior da alma, mesmo morando em um barraco miserável, é o verdadeiro paraíso. Dentro de um palácio ou debaixo de uma árvore, devemos levar sempre conosco esse céu interior. (YOGANANDA, 2001, p.299).

---

<sup>15</sup> “Avatar que viveu na Índia antiga, antes da era cristã. Um dos significados atribuídos à palavra Krishna nas escrituras hindus é “Espírito Onisciente”. Assim, Krishna, como Cristo, é um título espiritual que denota a grandeza divina do Avatar – sua unidade com o Todo. Em sua infância, Krishna viveu como pastor de gado. Na época em que proferiu o discurso registrado no Bhagavad Gita, era o monarca de um reino no norte da Índia”. (YOGANANDA, 2001, p.468).

O unilateralismo não é atitude recomendada nem para a vida meramente espiritual, nem para uma existência puramente material. Mesmo alguém que decida viver num mosteiro, dedicando-se a um caminho espiritual específico, terá seu sustento dependente da atividade industrial ou da manufatura desenvolvida por terceiros. Além disso, para prover as necessidades mínimas, deve haver algum tipo de trabalho que garanta a aquisição do dinheiro para si ou para o seu grupo. Mesmo que viva apenas de doações, estará, implicitamente, aquiescendo a importância das atividades com objetivos materiais e a necessidade de existirem pessoas que se dediquem a elas, sem cuja colaboração não poderia subsistir no mundo.

Paramahansa Yogananda reconhece a tendência de, na Índia, as pessoas cultivarem o pensamento filosófico e a atitude contemplativa. Apesar de reconhecer uma percepção espiritual privilegiada entre os orientais, alerta quanto ao fato de muitos utilizarem seu tempo ocioso para alimentar uma indolência que resvala para a preguiça, descurando das necessidades materiais básicas.

Os ocidentais, por sua vez, optaram por um ideal civilizatório essencialmente materialista, nutrindo toda uma vida engajada em atividades voltadas para a aquisição de bens e acúmulo de riquezas. Criando novos desejos numa escala sem fim, o ocidental vê-se preso a um círculo vicioso que implica trabalhar para ganhar sempre mais um pouco a fim de alcançar um novo patamar de padrão de consumo que despertará novas possibilidades de consumo antes não vislumbradas, exigindo, para ser alcançado, mais trabalho, numa espécie de confinamento, como numa gaiola de corrida de ratos que disputam comida. Para dotar as vidas de ocidentais e orientais com a harmonia holística, ambos “precisam adotar um método de desenvolvimento da vida equilibrada (...) se a carência deve ser evitada, a pobreza espiritual deve ser abominada”. (YOGANANDA, 1997, p.76).

Por exemplo, qualquer empreendimento comercial pode começar a se espiritualizar com início na compreensão de que todo negócio envolve alguma forma de serviço. Além disso, ao dedicar parte da riqueza adquirida para criar instituições que ajudem a suprir as necessidades sociais, materiais e espirituais, projeta a consciência para fora da gaiola confinante, porque o alargamento dos horizontes divide a atenção antes voltada apenas para o beneplácito individual e

familiar. “As pessoas poderiam espiritualizar seus negócios começando com alguma idéia de serviço apropriado às necessidades de seus semelhantes”. (YOGANANDA, 1997, p.77).

A maioria dos jovens de classe média dos países ocidentais é educada para uma vida praticamente pré-configurada, sonhando desde cedo com um bom emprego e uma boa aposentadoria como os ideais mais importantes da vida.

Pouco lhes foi ensinado sobre o valor das realizações heróicas de muitos seres humanos, homens e mulheres, que, muitas vezes sozinhos, foram capazes de grandes feitos, nas mais diferentes áreas de atividade humana e que, eles próprios, são capazes de colaborar no avanço da humanidade por meio do progresso da própria consciência. Nunca conquistarão nada além de uma carreira profissional de sucesso, uma boa posição social, casa de campo e filhos seguindo-lhes os limitados passos.

Compreender desde cedo o sentido de serviço e se comprazer com ver os outros felizes é parte da educação ausente das nossas escolas, capaz de produzir um tipo de satisfação que o dinheiro não pode adquirir, promovendo a alegria pelo cumprimento exitoso de cada missão e as vibrações invisíveis de paz oriundas de quem foi beneficiado.

Assim como os raios vitais do sol nutrem a todos, você deve espalhar os raios da esperança no coração dos pobres e dos abandonados, despertar coragem no coração dos que perderam ânimo e ligar de novo a força no coração dos que se julgam fracassados. (...) Quando você se impregna com a alegria de tornar os outros felizes, oferecendo-lhes gentileza e paz, aos olhos de Deus, sua vida é um êxito. (YOGANANDA, 1997b, p.74).

Poucos podem se tornar ricos, mas a todos é oferecida a oportunidade de promover algum bem. O aprendiz holístico, ao romper as barreiras dos interesses pessoais e familiares, torna-se filiado à comunidade universal. Essa é parte da Educação Holística ou integral, necessária em nossos dias.

## O CONHECIMENTO DO TODO

Arriscar-nos-íamos a fazer naufragar todo o projeto de pesquisa se tentássemos explicar cabalmente a natureza do Todo, pois não é possível definir um conceito que implica totalidade e infinitude com interpretações elaboradas por estruturas finitas. Uma estrutura finita só pode produzir finitude, pois o menos jamais pode produzir o mais. “Definir quer dizer traçar ‘fines’ (limites), ao redor de um ser, circunscrevê-lo, incluí-lo no âmbito de uma certa área mais ou menos restrita e finita”. (ROHDEN, 1997, p.38). No Todo, a inteligência e argúcia humana tendem à nulidade, mesmo completamente reunida, pois o Todo não é apenas a junção das partes, mas também a inteligência e a essência que transcende a si, como manifestado nas partes. Por isso o Todo não tem nome, características físicas, psicológicas ou morais específicas, nem está sujeito à lei de causa e efeito ou a dimensões de espaço e tempo. Para Moisés, o Todo é aquilo que é (YAVEH); para Tze, é o Tao.

Há uma coisa inerente e natural,  
Que existia antes do céu e da terra.  
Imóvel e insondável,  
Jaz sozinha e imutável;  
Penetra em tudo e jamais se esgota.  
Pode ser considerada como a Mãe do Universo.  
Não sei o seu nome.  
Se fosse obrigado a dar-lhe um nome,  
A chamaria de Tao, e eu a chamo suprema. (TZE, 1985, p.18)

Qualquer parte que assegurasse nomear precisamente o Todo deixaria de ser parte ao assumir-se implicitamente como o próprio Todo, pois somente uma parte que contivesse o Todo integral é que poderia compreendê-lo integralmente. “Nomear, denominar, definir o Ser Infinito seria desinfinitizá-lo, finitizá-lo, privá-lo da sua vasta infinitude e reduzi-lo à angústia da finitude”. (ROHDEN, 1997, p.38).

Por isso, cada cultura, nas mais distintas épocas, produziu um termo adequado a si para expressar suas impressões sobre o que é capaz de compreender do Todo. Muitos luminares e povos destacaram um aspecto específico do Todo e tentaram expressar como O viam por intermédio de um termo ou palavra. Para Platão, o Todo é Idéia; para Aristóteles, a Forma; para Heráclito, a Razão; para os judeus, Javé (Yahveh); para os cristãos, Deus ou Pai; para Spinoza, a Substância; a Lei, para Einstein; Brahman para os hindus; Alá,

para os muçulmanos. Jesus Cristo foi quem mais inovou na simbologia para despertar uma idéia do Todo manifestado nas partes, comparando-O a um Grão de Mostarda e a um Tesouro escondido no campo.

Para ressaltar Sua propinquidade, antecedendo os conceitos da teoria holográfica, Jesus afirmava que o Todo não estava confinado a um lugar, mas que pertencia à natureza essencial de cada um<sup>16</sup>. Neste trabalho, sentimo-nos à vontade para substituir o termo “Deus”, pelo “o Todo” para designar o Auto-Suficiente e em traduzir o termo inglês “God” ora para “o Todo”, ora para “Deus”.

Os mestres do Oriente ensinam há milênios que o Todo se manifesta do modo mais adequado a cada buscador<sup>17</sup>. Ele pode se tornar consciente às partes na forma impessoal, mas também na forma pessoal, pois, do contrário, como é que as partes poderiam possuir individualidade? “Certamente, o Senhor não está desprovido do espírito de reciprocidade que anima Suas próprias criaturas” (YOGANANDA, 1999b, p.75).

Para um Cristão, manifesta-se como o Cristo. Um Hindu o percebe como a Mãe Divina. Os buscadores que O vêem como impessoal podem testemunhar a presença do Todo como uma Luz infinita. Moisés viu o Todo como o grande e todo poderoso guerreiro. Jesus o descreveu como amor. Yogananda percebeu o Todo como alegria sempre renovada. “A alegria de Deus é ilimitada, incessante, sempre nova”. (YOGANANDA, 1997b, p.176).

Por isso, podemos concordar, a princípio, que o ser humano tende a criar Deus ou o Todo à sua imagem, isto é, de acordo com sua capacidade de percepção, porque cada parte só enxerga do Todo aquilo que dEle pode ver em si. Ilude-se e fanatiza-se, todavia, quem tenta fixar o significado que pôde elaborar sobre o Incausado, recusando aceitar uma potencialidade evolutiva capaz de fornecer um conceito e um significado ainda mais realizador. Se cada pessoa fixasse a idéia do Todo apenas com base no que vê em si, como um assassino O veria? Numa espiral descendente, ele se degradaria sem jamais poder evoluir na direção de uma imagem mais refinada do Todo.

---

<sup>16</sup> “O Reino de Deus não vem com aparência exterior; nem dirão: Ei-lo aqui! ou: Ei-lo ali! pois o reino de Deus está dentro de vós”. (Bíblia Sagrada, Livro de Lucas, Capítulo 17, verso 20)

<sup>17</sup> “Seja qual for o modo como que as pessoas são devotadas a mim, na mesma medida eu me manifesto a elas”. (BHAGAVAD GITA, Capítulo 4, verso 11)

O ideal de grandeza e a sede de realização que se manifesta de forma inconsciente em qualquer pessoa conduz ao pensamento natural de que o Todo deve ser muito maior do que ela própria. Sem conseguir ver em si nada mais que sua realidade pode oferecer, busca imagens em outras pessoas que possam representar melhor seus ideais superiores mais íntimos.

Embora muitos filósofos, heróis e conquistadores ocupem muitas vezes o lugar para essa referência, fixa-se mais fortemente na mentalidade coletiva, de tempos em tempos, uma imagem do Todo como descreveram certas personalidades que foram capazes de representar em vida Seus atributos de modo incomum, tais como Poder (Moisés), Amor (Jesus Cristo), Onisciência (Krishna), Sabedoria (Patânjali), Iluminação (Buda) e Alegria Sempre Renovada (Yogananda), chamados por isso de avatares.

Projetando-se a imagem do Todo nesses super-seres, é estabelecida uma tensão pela diferença de potencial entre a imagem que cada um vê do Todo em si e a imagem do Todo manifestada neles. Estabelecidos os dois pólos, nasce, pois, a religião, para ajudar a estabelecer um fluxo progressivo entre o que cada um é (a imagem real, o pólo negativo) e o que, no mais íntimo, deseja ser (a imagem idealizada, o pólo positivo).

Paramahansa descreveu em detalhes a vida de alguns avatares de nossa época contemporânea, tal como Lahiri Mahasaya e Sri Yukteswar, em seu livro *Autobiografia de um logue*. Falando de Babaji, ele descreveu um pouco da natureza desses seres grandiosos:

O estado espiritual de Babaji está além da compreensão humana - explicou-me Sri Yukteswar. - A limitada visão do ser humano não pode penetrar através de sua estrela transcendental. Inutilmente procura-se imaginar o alcance do Avatar. É inconcebível. Os *Upaníshads* classificaram minuciosamente cada estágio de avanço espiritual. Um siddha ("ser aperfeiçoado") progrediu do estado de *jīvanmúkta* ("liberto enquanto vivo") para o de *paramúkta* ("supremamente livre – poder total sobre a morte") (...)

O *paramúkta* raramente volta ao corpo físico; se retorna, é um avatar, designado por Deus como instrumento de bênçãos sublimes para o mundo. Um avatar não está sujeito à economia universal; seu corpo puro, visível como imagem de luz, acha-se livre de qualquer dívida para com a Natureza.

O olhar casual talvez não veja nada de extraordinário na forma de um Avatar, mas este [quando quer] não projeta sombra nem deixa qualquer pegada no chão. São provas externas, simbólicas, de que está interiormente livre das trevas e da escravidão material. Somente tal homem-Deus conhece a Verdade por trás das relatividades da vida e da morte. (YOGANANDA, 2001b, p.326).

Quando se degrada a imagem do Todo na mentalidade de um povo, um avatar vem para restaurar os ideais de realização e lembrar que a miséria em que mergulharam pode ser superada, recuperando-se a imagem do Todo em si. O avatar concede uma *sadhana*, disciplina espiritual, para que seus seguidores, por esforço pessoal consciente, possam recuperar a imagem do Todo perdida nos desvãos essenciais de cada parte.

Utilizando uma linguagem específica para o grupamento para o qual foi enviado, o avatar geralmente manifesta uma vida espetacular aos olhos da multidão, uma amostra da grandeza do Todo a quem representa, como forma de proporcionar um choque para despertar a letargia de cada parte estagnada; e também despertar a confiança, interesse e receptividade no teor de sua mensagem<sup>18</sup>.

Apesar da glória inaudita que essas figuras testemunharam em suas vidas, iluminando a vida de muitos, nenhum desses jamais afirmou ter se tornado igual ao Todo, meta logicamente impossível para qualquer parte. Jesus Cristo disse: “Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai; porque o Pai é maior do que eu<sup>19</sup>”.

Paramahansa Yogananda, após concluir rigoroso treinamento de dez anos na escola de seu Mestre Espiritual, Swami Sri Yukteswar, e experimentar muitas vezes o contato real com o Todo, perguntou ao seu mestre quando encontraria Deus, compreendendo, então, que a realidade transcendental do Todo é inesgotável.

Estou certo de que você não está esperando um personagem venerável, enfeitando um trono em algum cantinho anti-séptico do cosmos! Percebo, entretanto, que você imagina que a posse de poderes miraculosos é a prova de que alguém encontrou Deus. Não. Pode-se adquirir o poder de controlar o universo inteiro e, não obstante, descobrir que Deus Se esquivava. (*Apud* YOGANANDA, 2001b, p.164).

---

<sup>18</sup> Então Jesus lhe disse: Se não virdes sinais e prodígios, de modo algum creereis. (Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 4, verso 48)

<sup>19</sup> Bíblia Sagrada, Livro de João, Capítulo 14, verso 28

Jesus Cristo deixou um legado incomparável de uma mensagem que ilumina todos os aspectos da vida humana em dois mil anos de história e o potencial da relação da parte com o Todo, mas manteve ocultas ao olhar do público as características científicas dos ensinamentos, transmitindo os aspectos mais profundos de sua filosofia somente aos discípulos<sup>20</sup>.

Como reflexo da mensagem de outros avatares, que descreveram em detalhes suas experiências de expansão da consciência rumo ao Todo, é que temos uma noção mais aproximada dos ensinamentos mais profundos do Cristo, por exemplo, como a parte pode ter a experiência real do Todo.

Cada parte está geralmente consciente apenas do seu veículo físico. Por exemplo, uma pessoa percebe quando alguém toca sua mão, pois é uma parte do corpo sobre a qual ela mantém vigília consciente. Alguém que sente a dor ou a alegria dos outros como se fosse sua experimenta um pouco da expansão da consciência; mas, qual é a experiência do Todo? Segundo Jesus Cristo, o Todo percebe cada detalhe de todo o universo, cada evento, cada acontecimento<sup>21</sup>. O Todo está consciente de todos os seus fenômenos, assim como cada pessoa está consciente do pé, do braço ou da perna, sua fenomenalização individual. Yogananda conta, em detalhes, diversas experiências de expansão, quando compartilhou a visão universal do Todo, sentindo-se não como um ser fragmentado, mas conectado e unido a uma percepção cósmica:

Meu corpo imobilizou-se como se tivesse raízes; o ar saiu de meus pulmões como se um ímã enorme o extraísse. Instantaneamente, a alma e a mente romperam com sua escravidão física e jorraram de cada um dos meus poros como luz perfurante e fluida. A carne parecia morta e, contudo, em minha intensa lucidez, percebi que nunca antes estivera tão plenamente vivo. Meu senso de identidade já não estava mais limitado a um corpo e, sim, englobando os átomos à minha volta. Pessoas em ruas distantes pareciam mover-se suavemente em minha própria e remota periferia. Raízes de plantas e árvores apareciam através de uma tênue transparência do solo; eu distinguia a circulação da seiva (...)

---

<sup>20</sup> “A vós é dado conhecer os mistérios do reino de Deus; mas aos outros se fala por parábolas; para que vendo, não vejam, e ouvindo, não entendam.” (Bíblia Sagrada, Livro de Lucas, Capítulo 8, verso 10)

<sup>21</sup> Até os cabelos de vossa cabeça estão todos contados. (Bíblia Sagrada, Livro de Mateus, Capítulo 10, verso 30)

Uma alegria oceânica rebentava nas praias serenamente intermináveis de minha alma. O Espírito de Deus, percebi, é Bem-Aventura inesgotável; Seu corpo compreende incontáveis membranas de luz. Um sentimento de glória crescente dentro de mim começou a envolver cidades, continentes, a Terra, o sistema solar, constelações, as tênues nebulosas e os universos flutuantes (...) A divina dispersão de raios jorrava de uma Fonte Perpétua, resplandecendo em galáxias, transfiguradas com auras inefáveis. Vi repetidas vezes, os fochos criadores condensarem-se em constelações e depois dissolverem-se em lençóis de transparentes chamas.

Por reversão rítmica, sextilhões de mundos transformavam-se em brilho diáfano e, em seguida, o fogo se convertia em firmamento (...) De súbito, o fôlego voltou aos pulmões. Com decepção quase insuportável, constatei que havia perdido minha infinita vastidão. Estava novamente limitado à jaula humilhante do corpo, tão desconfortável para o Espírito. Como filho pródigo, eu fugira do lar macrocômico e me aprisionara em estreito microcosmo. (YOGANANDA, 2001b, p. 159).

Poderíamos ainda chamar o Todo de “Vida”, um termo que transmite com maior fidelidade a imanência (presença interna) do Todo nas partes e, por conseguinte, a irmandade entre elas. Para a maioria das pessoas, é complicado compreender que Deus esteja em alguém que dele duvide, que esteja numa planta ou num animal ou até mesmo em alguém que comete atos de violência.

É muito mais fácil perceber, todavia, que a “Vida” está sempre em todos que estão vivos, independentemente do aspecto moral de suas ações e de sua natureza biológica, percebendo-se com simplicidade a presença incondicional do Todo nas partes. “A Vida é a essência de todas as coisas. Eu, pelo fato de estar vivo, participo da Vida Universal, que está em todos os seres vivos”. (ROHDEN, 1983, p. 114). A afirmação quântica é: “vivo, logo comungo com o Todo” e com todos os demais vivos, humanos, plantas e animais, que compartilham a “Vida” no Todo. Parafraseando o apóstolo Paulo, bem poderíamos afirmar: na Vida, vivemos, nos movemos e existimos<sup>22</sup>.

Muitos são os testemunhos de pessoas que desenvolveram uma grande harmonia com animais e vegetais. Buscou Francisco de Assis o contato com o Todo mediado pelos elementos da Natureza, com quem compartilhava a presença, sendo reconhecido pelos chamados irracionais. Reconhecendo a

---

<sup>22</sup> Bíblia Sagrada, Livro dos Atos dos Apóstolos, Capítulo 17, verso 28

unidade do Todo impressa em todas as partes, chamava as criaturas de irmão ou irmã. Às abelhas, o santo de Assis prestava auxílio, dando-lhes água e mel; o peixe, agradecido pela libertação, acompanhava seu barco por longa extensão; aos passarinhos pedia silêncio, e era atendido, para que pudesse ser ouvido num discurso; apaziguou ainda o instinto do lobo, pedindo-lhe que não atacasse mais a vila; e também o espírito da comunidade que passou a sustentar o mesmo lobo que antes fazia vítimas.

Em época contemporânea, na primeiras décadas do século XX, Lutero Burbank ensinava que não apenas a abordagem científica, mas também o amor, eram necessários para o melhor cultivo das plantas. Burbank falava às plantas com a mesma naturalidade com que Francisco falava aos animais. Paramahansa Yogananda dedicou o livro *Autobiografia de um logue* a Lutero Burbank, a quem chamava de “um santo americano”, reservando-lhe um capítulo inteiro. Disse Burbank:

Enquanto eu fazia experiências para obter cactos sem espinhos, falava frequentemente com as plantas para criar uma vibração de amor. ‘Não tenham medo’, eu dizia, ‘vocês não precisam dos espinhos defensivos. Eu as protegerei’. Gradualmente, a útil planta do deserto brotou numa variedade sem espinhos. (*Apud* YOGANANDA, 2001b, p.387).

Além de animais e vegetais, encontra-se a Natureza inteira, a esfera manifestada do Todo. Quando se falou que o projeto holístico implicava uma harmonia ou integração à Natureza, não se referia apenas a esses elementos. Flora e fauna encontram-se integrados à Natureza, mas de forma inconsciente. A integração consiste na comunhão da consciência humana à consciência da Natureza, coisa que fauna e flora não podem fazer. Contemplar com reverência os elementos da Natureza significa uma tentativa de tornar consciente o que inconsciente neles está; uma tentativa de enxergar o que está em parturição em si mesmo.

Os avatares e a Natureza manifestam, consciente e inconscientemente, as glórias inauditas de quem está conectado ao Todo. Nem o mais suntuoso palácio exhibe tanta beleza e harmonia como algumas das incomparáveis cavernas selvagens da Natureza. Nem o mais extravagante burguês é capaz de se vestir

com tanta graciosidade e beleza como um simples lírio do campo<sup>23</sup>. O vínculo e integração consciente com a essência da Natureza pode conferir o acesso com leveza e suavidade ao que o ser humano busca com tanta sofreguidão. Os passarinhos, que “não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros”<sup>24</sup>, têm muito a ensinar à humanidade porque neles se encontram ocultos os princípios naturais que podem ser tornados conscientes pelo ser humano que anseia pela realização.

No decurso da minha existência, observei progressos tão maravilhosos na evolução vegetal que aguardo com otimismo os princípios da vida simples e racional. Devemos retornar à Natureza e ao Deus da Natureza. (Burbank *apud* YOGANANDA, 2001b, p.388).

Estar integrado à Natureza significa conhecer suas leis mais íntimas e sintonizar conscientemente sua essência e seus valores, tornando-os cotidianos. As mesmas leis da Física que vigoram na Terra vigem em todo o espaço sideral, porque Universo significa unidade na diversidade. Por trás de todas as aparências, de todas as leis e princípios, há um só Princípio, ou o Todo não se expressaria infalivelmente em todas as partes. Não há uma luz em outras estrelas com características distintas da luz do sol.

O homem deve tornar-se livremente o que o Universo é automaticamente; deve fazer-se de si a mesma harmonia que o Creador fez do Cosmos sideral e atômico (...) os gregos denominavam o Universo *kosmos*, cujo radical significa *beleza*. Os romanos deram ao Universo o nome *mundus*, que quer dizer *puro*. Quando o homem se universifica, torna-se belo e puro, como o *kosmos* e o *mundus*. (ROHDEN, 1991, p.145).

Do mesmo modo, as leis da Natureza que regem todos os fenômenos, também legislam sobre o ser humano. Nos elementos infra-humanos da Natureza, embora se verifique a dor, não se observa o sofrimento. Não há registro de animais acumulando bens, nem de plantas negando seus frutos. Harmonia, paz, perfeição, beleza, abundância e poder são observados em todo o cosmos.

---

<sup>23</sup> “Considerai os lírios, como crescem; não trabalham, nem fiam; contudo vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como um deles” (Bíblia Sagrada, Livro de Lucas, Capítulo 12, verso 27)

<sup>24</sup> Bíblia Sagrada, Livro de Mateus, Capítulo 6, verso 26

## O RETORNO AO SAGRADO NÃO SECTÁRIO E NÃO DOGMÁTICO, DIRIGINDO UM SENTIDO DE EXISTÊNCIA UNIVERSAL

Em seu livro *The Science of Religion*, Paramahansa Yogananda identifica o objetivo universal da religião e mostra que todos os homens, mesmo um ateu, comunga essa universalidade, possuindo também necessidade dele. Refletindo sobre o objetivo por trás das ações de todas as pessoas, de todos os credos, de todas as raças, era ou cultura, ele concluiu que todos agiram, se comportam e sempre se conduzirão no sentido de evitar a dor e a carência e de obter felicidade<sup>25</sup> permanente: “se podemos permanentemente evitar dor e obter felicidade é uma outra questão; mas, de fato, em todas as nossas ações nós, obviamente, tentamos evitar a dor e obter satisfação”. (YOGANANDA, 1994, p.8). Segundo ele, mesmo por meio de uma longa cadeia de eventos, esse sempre será o objetivo final de todas as ações de todas as pessoas.

Um estudante tenciona progredir nos estudos porque se interessa pelo *status* social ou benefícios na forma de dinheiro, que será usado para preencher suas necessidades pessoais, evitando a carência e proporcionando satisfação a si e à família. Mesmo que alguém aceite realizar um formidável esforço em prol de uma comunidade, sem visar à recompensa financeira, esse será o seu modo peculiar de alcançar satisfação, seja pelo simples fato de lutar pela causa de um grupo ou porque é movido pela perspectiva de fama e glória. Alguém que comete suicídio para dar fim a um martírio, ou que mate outro ser humano para obter dinheiro, está igualmente perseguindo alguma satisfação que ele imagina lhe trará felicidade a ser alcançada imediatamente ou como parte de uma seqüência de ações futuras.

Mesmo que alguém afirme que estuda apenas pelo prazer de estudar ou que trabalha visando ao sucesso e não à felicidade, os motivos alegados, na verdade, constituem instrumentos de felicidade que, se não forem realizados, implicarão algum tipo de aborrecimento ou frustração, os quais tenciona evitar. O indivíduo que se corrompe ou aquele que se imola no altar da causa mais nobre, professe uma religião ou não, em qualquer momento da cadeia de ações que

---

<sup>25</sup> O autor utiliza a palavra “bliss”, que tem um significado muito mais profundo do que “happiness”, a palavra mais diretamente correspondente à “felicidade”. “Bliss”, de acordo com o texto original, se aproxima bem mais de “bem-aventurança”, que é “felicidade suprema” ou “delícia pura”.

marcaram sua vida, estava buscando evitar a dor e obter felicidade mais duradoura possível.

Os instintos mais primários, como o de autopreservação, ou o de perpetuação da espécie, estão todos subordinados ao fator primordial mencionado, na verdade, existindo para sua consecução. Mesmo que alguém se revolte contra tal “intolerância” da vida e busque um fator primordial alternativo para justificar suas ações, estará agindo com o fim de eludir algo que o aborrece e obter algum tipo de satisfação que acredita merecer.

Se há idêntico fator detrás dos motivos das ações de todos os homens, de todas as idades, em todas as eras ou culturas, ele pode ser dito universal. E se, sem esse fator, o ser humano deixa de ser caracterizado como tal, ele pode ser dito necessário. “O que é universal e mais necessário para o ser humano torna-se, é claro, religião para ele. Então, religião necessariamente consiste na permanente remoção da dor e da realização de Bem-Aventura, ou Deus”. (YOGANANDA, 1994, p. 11).

Esse conceito pode parecer, a princípio, de aceção difícil para quem se habituou a compreender religião do modo institucional e Deus da maneira teológica, mas, como foi demonstrado, intimamente, todos os seres humanos estão prestando culto e realizando sacrifício ao objetivo da felicidade, ou bem-aventurança, que pode ser identificado, na prática, como um deus para quem são dedicados todos os esforços de todas as vidas humanas.

Se há um motivo tão indispensável assim, capaz de orientar o esforço, consciente ou não, de todas as classes de pessoas, então esse motivo se torna uma religião, contra a qual, na prática, nunca haverá única dissensão. Qualquer pessoa, portanto, analisando o motivo por trás de todas suas ações, presentes e passadas, e compreendendo que não poderá jamais se posicionar fora desse plano, perceberá a si mesmo como um ser religioso, cultor de um deus.

Esse conceito de Deus não se contrapõe ao tradicional. O Deus de qualquer religião é apresentado sempre como o autor da vida e doador da felicidade perene, o que está de acordo com o conceito exposto. Seja nesta vida, ou em vida futura, após a morte, as religiões descrevem sempre um estado de felicidade permanente a ser alcançado.

Seja o Paraíso, seja o Nirvana, há sempre um ponto de chegada ao qual o devoto será ligado por meio da prática cotidiana de um conjunto de preceitos: o processo de religação, ou religião. A idéia de religação faz sentido, uma vez que o Paraíso sempre esteve presente na forma de um princípio motivador que empurra todos ao esforço e ao sacrifício para ser tornado real, apenas não percebido pela consciência, hipnotizada pelas circunstâncias das ações e metas mais imediatas.

Essa abordagem de religião não deve se tornar motivo para o devoto deixar de ir à Igreja, uma vez que não se contrapõe ao objetivo de ajudar os seguidores a alcançar a “vida eterna”, uma das muitas representações simbólicas de felicidade ou bem-aventurança permanente. Para muitos, freqüentar a Igreja é a única forma de a consciência se ligar a esse fator primordial de todas as ações da vida. Os preceitos e injunções de todas as religiões, como a observância aos dez mandamentos ou às orações diárias compulsórias, foram elaborados por seus fundadores, visando às metas primordiais de evitar a dor e carência e de obter felicidade permanente.

Muitas regras impostas a povos do passado, como a proibição do consumo de carne de certos animais<sup>26</sup>, foram compreendidas mais tarde como excelentes recomendações necessárias à saúde individual e coletiva. Muitas outras restrições, compatíveis com a cultura de uma determinada geração, visando ao mesmo objetivo, são demolidas pela imposição do mesmo princípio primordial que as fundaram, como no caso da posição subalterna imposta à mulher pelo Apóstolo Paulo de Tarso no Novo Testamento cristão.

Nesta Era moderna, as condições para uma vida social saudável implicam situações em que o homem recebe ordens de uma mulher, sem que isso comprometa o bem-estar de ambos, condição aceita atualmente por muitas religiões que poderiam deixar de existir se não encarassem com naturalidade tal fenômeno social – uma dor a ser evitada a qualquer custo.

## **O SUJEITO QUE QUER GOZAR O GOZO**

Mesmo que concordem com os conceitos expostos, o engajamento das pessoas à experiência do Divino não ocorre com naturalidade, pois, de modo

---

<sup>26</sup> Bíblia Sagrada, Livro de Levítico, Capítulo 11, versos de 1 a 47.

generalizado, possuem idéia equivocada sobre quem é o sujeito que deve evitar a dor e alcançar felicidade. No estado de vigília, todos estão permanentemente conscientes de que há um sujeito realizando ações que primam por evitar a dor e alcançar felicidade. Esse ente realiza os mais diversos tipos de atividades e possui uma identidade ou ego, permanecendo consciente de si como a mesma pessoa no passado e no presente, projetando ações para o futuro. Uma vez que a consciência se percebe existindo de forma mais evidente no mundo material, ela se identifica naturalmente com essa condição, reconhecendo-se com um corpo que possui sentidos e uma mente que pensa, ignorando completamente a instância espiritual, o Ser, *Self* ou Alma, “imagem e semelhança de Deus”<sup>27</sup>, que subjaz à mente e ao corpo, reflexo puro da Consciência Universal. “O senso de identificação com o corpo transitório e com a mente inquieta é a fonte primária da miséria espiritual do Ser”. (YOGANANDA, 1994, p. 21).

A referência para o fator primordial de evitar a dor e conquistar felicidade estará, portanto, restrita ao que a consciência imagina que é: corpo e mente. Os desejos continuamente criados para essa satisfação de corpo e mente estarão presos, entretanto, a um círculo vicioso que compromete aqueles objetivos primários.

O desejo pela satisfação do corpo implica o engajamento em ações para sua realização. À medida que cada pessoa consegue realizar repetidamente um desejo, como a ingestão de sorvete todos os dias após o almoço, cria um hábito. A mente se tornará, em seguida, presa desse hábito, que, se não for repetido por um dia, implicará algum aborrecimento. Um paradoxo surge aí, pois o mesmo elemento que proporciona satisfação que a consciência pretende sempre alcançar pode se tornar o motivo da dor que ela tenciona sempre evitar.

Tal é o contraste relacionado com qualquer tipo de satisfação, ou prazer, proporcionado pelos sentidos. Quanto mais as pessoas se tornam habituadas a encontrar satisfação por meio dos órgãos dos sentidos, maior será a dor quando estes não puderem mais experimentá-la, o que implica uma circunstância de limitação mental evitável, uma vez que a consciência, no início do desenvolvimento de cada hábito, não se encontrava presa à satisfação da necessidade, que passou a dar as ordens a uma mente obediente ao desejo pelo

---

<sup>27</sup> Bíblia Sagrada, Livro do Gênesis, Capítulo 1, verso 27.

objeto e não ao *Self* ou Alma, a verdadeira instância subordinadora de corpo e mente.

Nenhum objeto do mundo material, portanto, jamais terá o potencial de proporcionar verdadeira felicidade e evitar a dor, pois é evidente que há um processo de vício mental em questão. Houve o dia em que o objeto não tinha esse poder de influência. Ele também não é capaz de provocar os mesmos efeitos para todas as pessoas.

Uma bebida artificial pode ser considerada indispensável para alguns, mas repugnante para quem toma apenas suco de frutas. Por isso, se o bebedor da primeira está preso a um vício, é evidente que o cativo não é a bebida, mas a mente, a mesma que possui as chaves da libertação.

Essa é uma limitação ou prisão criada pela própria consciência que se reconhece apenas como corpo e mente, tratando os objetos do mundo não como instrumentos, meios, mas como fins. A atitude para evitar essa armadilha é “representar nosso papel no drama da vida com toda a mente, inteligência e corpo, mas mantendo-se interiormente não afetados pelos prazeres e pela dor” (YOGANANDA, 1994, p. 29), do mesmo modo que os atores de uma peça atuam sem nunca se identificar com os papéis representados, conscientes do seu verdadeiro ser.

Como não é possível viver sem desejos, que sejam racionais esses desejos, isto é, que estejam de acordo com as verdadeiras necessidades do corpo e da mente; que sejam experimentados com parcimônia suficiente para evitar as armadilhas; e que se aproximem dos mais nobres e sublimes desejos que um ser humano possa ter.

O desejo mais importante, a ser perseguido a todo custo, é o desejo, livre de mediação, pela própria bem-aventurança ou satisfação permanente, o fim que transcende todos os meios, o único que está numa posição não contraditória, estritamente de acordo com a ordem natural que tange todo ser vivente - evitar a dor e obter felicidade permanente.

## A DIVINDADE UNIVERSALIZADA EM TODAS AS CRIATURAS

O conceito de bem-aventurança carrega principalmente a idéia de que, para ser alcançada, não depende de nenhum estímulo externo pela via dos sentidos. Nesse aspecto é que se diferencia de mera satisfação ou prazer. O prazer é condicionado à fruição de determinado objeto e, sem a disponibilidade dele, há grande ressentimento ou dor. Quanto mais comida, droga, fama, poder, riqueza ou diversão, maior será a dor no caso de ausência. Alguém que está doente ou deprimido é mentalmente dependente do estado de saúde para afirmar que é feliz.

O cientista engajado na fruição da bem-aventurança, porém, aprendeu a elevar sua consciência acima desses fatores e sabe como manter um contínuo estado de tranqüilidade, paz e alegria, independentemente de quaisquer circunstâncias externas, seja com a posse ou com a perda desses elementos<sup>28</sup>. Tal estado de equanimidade varia com a experiência do espiritualista e está de acordo com a harmonização com sua identidade transcendental, o *Self*, Eu Superior ou Alma, constituindo-se uma habilidade adquirida com o treinamento orientado por uma pedagogia superior<sup>29</sup>, e não imitando cegamente um santo ou profeta, sem jamais compreender os motivos de suas ações.

Sob a perspectiva de qualquer teologia, é evidente que o Ser Supremo é livre de qualquer apego ou dependência das coisas criadas, constituindo a essência original do estado incondicional de alegria permanente (*Ananda*), consciente (*Chit*) de uma existência (*Sat*) plena de bem-aventurança.

Esses atributos essenciais da divindade, *Sat-Chit-Ananda*, existência, consciência e bem-aventurança, são os atributos primordiais da Divindade e de toda criatura, pois a bem-aventurança exige uma existência para se manifestar e uma consciência para ser apreciada. *Sat-Chit-Ananda* é o nome de Deus na filosofia hindu.

Mantemos Deus a uma distância segura, concebendo-O às vezes meramente como um ser pessoal e, também teoricamente, imaginando que está dentro de nós. Devido à vaga idéia e ausência de experiência de Deus é que não somos capazes de

---

<sup>28</sup> “Transbordo de gozo em todas as nossas tribulações” (BÍBLIA SAGRADA, Livro II Coríntios, capítulo 7, verso 4).

<sup>29</sup> “Serenos na ventura e na desventura, no ganho e na perda, no triunfo e no fracasso – assim deves enfrentar a batalha da vida!” (BHAGAVAD GITA, Capítulo 2, verso 38).

compreender a real necessidade por Ele e o valor pragmático da religião. (YOGANANDA, 1994, p. 38).

O esforço necessário para conquista da consciência de bem-aventurança é, compreensivamente, um passo difícil de ser dado porque implica mudança de foco dos prazeres dos sentidos para a jamais contraditória alegria da Alma. Isso acontece somente quando o cientista decide encarar o desafio e realizar os testes empíricos no campo de provas da própria consciência, experimentando, pelo menos uma vez, essa verdade. Enquanto ele não se dispuser a realizar algum teste, dando o primeiro passo, permanecerá preso à satisfação autocontrastante dos sentidos, pois está de acordo com os princípios abordados não abandonar o pouco que se possui por algo apenas provável, uma possível dor a ser evitada.

Se a pedagogia piagetiana servisse apenas aos suíços, Jean Piaget não teria desenvolvido uma ciência universal, mas um estudo concernente a uma cultura específica, sem chance de aplicação em outra cultura ou época. Uma vez tornada consciente sua universalidade, a religião, “relegada à região das nuvens (...) diversão de mulheres, velhos e fracos” (YOGANANDA, 1994, p.17), perde seu caráter desinteressante e fortuito.

Perde também o cunho dogmático-teórico-analítico e adquire contornos não sectários, pois os atos de todos os homens, crentes e ateus, ganham um sentido espiritual relevante. Com o despertar da convicção de que a religião é, de fato, uma necessidade, guiando a vida individual e a vida social, como o *leitmotiv* que dirige a história humana, então é evidente que tal objetivo começa a ser tratado com toda a diligência, inteligência, intensão e rigorosa sabedoria.

Do mesmo modo que uma mentalidade científica foi desenvolvida a fim de que os problemas humanos fossem resolvidos racionalmente, de forma objetiva e pragmática, uma mentalidade científica que se debruce sobre esses aspectos fundamentais da religião, ordenadores e condicionadores de todos os objetivos humanos, de todas as ciências, de todas as filosofias, torna-se uma necessidade universal.

## EM BUSCA DE UM SENTIDO DE EXISTÊNCIA

Uma nova humanidade não poderá surgir sem um profundo repensamento de sua visão do mundo e sentido de existência. É conhecida a idéia de Einstein: “os principais problemas com que nos deparamos não podem ser resolvidos no mesmo nível de pensamento que tínhamos quando os criamos”. O ideal de riqueza individual é nutrido e compartilhado em larga escala, apesar de muitos sinais de esgotamento de um modelo de auto-realização baseado na fruição das coisas materiais.

Muitos sabiam que João havia encontrado um pote de ouro enterrado no fim do arco-íris. Ele teve sorte, pois o pote de ouro nunca se esgotou. João e sua família viveram então felizes para sempre. O cantor Ear Grant immortalizou esse ideal na conhecida melodia:

At the end of a rainbow,  
you'll find a pot of gold  
At the end of a story,  
you'll find it's all been told.  
But our love has a treasure  
our hearts always spend  
And it has a story without any end

Poucos perceberam, até agora, que tudo não passava de uma lenda<sup>30</sup>. “Sonhamos que bastava fazer progredir as condições socioeconômicas de uma pessoa para que tudo caminhasse bem, para que ela ficasse feliz. (...).. De repente, brota a pergunta: Sobreviver? Mas para quê?” (FRANKL, 2005, p.15).

Estudos, como os que citaremos a seguir, indicam a desvinculação do padrão socioeconômico alcançado por um indivíduo ou sociedade e a percepção de satisfação geral ou felicidade. Outras pesquisas indicam, todavia, uma relação direta entre a falta de um sentido de existência e as neuroses individuais e sociogênicas tão comuns nestes tempos.

Na obra *Um sentido para a vida* (2005), Frankl cita o trabalho de vários pesquisadores que sustentam esse ponto de vista mediante testes que indicaram grande vazio existencial detectado entre muitas sociedades com nível de vida

---

<sup>30</sup> Trata-se de uma lenda anônima irlandesa

mais elevado, capazes de suprir seus cidadãos com recursos cada vez mais sofisticados de sobrevivência, mas não com um sentido de existência.

Frankl, na mesma obra, fala sobre o resultado de estudos identificando uma correlação positiva entre o consumo de drogas e a falta de um significado para a vida. Menciona, também, o resultado de uma tese demonstrando que 18 em 20 alcoólatras consideravam a própria existência como sem sentido e privada de objetivo.

Hoje os pacientes não acusam mais, como faziam no tempo de Adler e de Freud, sentimentos de inferioridade ou frustrações sexuais. Hoje vêm consultar a nós psiquiatras porque estão aflitos com um sentimento de inutilidade da vida. O problema que os leva a encher nossas clínicas é agora o da frustração existencial, isto é, o problema do 'vazio existencial'. (FRANKL, 2005, p.17).

Numa investigação entre estudantes, organizada na Universidade John Hopkins, setenta e oito por cento declararam ter como meta principal encontrar um objetivo e um sentido para a vida, contra dezesseis por cento que afirmaram ter como principal objetivo ganhar dinheiro. Noutro estudo, o Conselho Americano de Educação indicou o mesmo resultado, detectando um forte apelo entre estudantes pelo desenvolvimento de uma filosofia de vida rica de significados.

Tudo indica uma natural tendência humana, não satisfeita, de encontrar um sentido pelo que viver, sufocada pela realidade de um padrão social que alimenta o critério da riqueza individual como o de maior mérito, capaz de "gratificar e satisfazer virtualmente qualquer necessidade, com exceção de uma só, a necessidade de um sentido da vida". (FRANKL, 2005, p.18).

Frankl elaborou uma psicoterapia completa, chamada de logoterapia, considerada a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia, focando o sentido de existência humana e a busca por esse sentido. Logoterapia, segundo o próprio Frankl, quer dizer terapia de sentido ou cura através de significado.

Quando tomado como prisioneiro, entre os anos de 1942 e 1945 em diversos campos de concentração nazista, entre os quais Auschwitz, Frankl testemunhou situações extremas em dramáticas experiências pessoais, conduzindo-se ao reconhecimento da importância de possuir um sentido de existência como fator preponderante até para a própria sobrevivência. Em suas observações, concluiu que aqueles prisioneiros que se sentiam responsáveis por

alguém para cuidar ou de alguma obra para concluir após o final da guerra, um sentido pelo qual viver, aqueles capazes de transcender sua própria condição para projetar sonhos e ideais, eram os que tinham maior chance de sobreviver.

Ele próprio descreve a atitude de buscar um sentido de vida como estratégia para transcender o sofrimento mais atroz. Na miserável vida do campo de concentração, muitas vezes via-se diante de questões singulares, do tipo,

(...) que vamos comer à noite? Não será melhor trocar a rodela extra de lingüiça, que talvez receberemos, por um pedaço de pão? Será que devo negociar por uma tigela de sopa o último cigarro que me sobrou do 'prêmio' de duas semanas atrás? Como vou conseguir um pedaço de arame para substituir o que quebrou e que servia para fechar os sapatos? (FRANKL, 1991, p.73).

A estratégia para evitar a fixação em um padrão mental que aceitasse aquela condição natural e o destino inevitável era imaginar-se falando a um grande e bem iluminado auditório, com um público a lhe ouvir com toda atenção sobre a psicologia do campo de concentração. Nessa projeção, tinha em mente poder contribuir com a mais elevada ciência. Encontrava, desse modo, um sentido em uma situação que naturalmente sinalizaria para a maioria das pessoas sofrimento intolerável e o fim iminente da vida: sobreviver, aprender alguma lição com a banalização da vida imposta pelos algozes e transmitir suas conclusões de um modo positivo para o beneplácito da humanidade - o que de fato veio a se tornar realidade.

Para Frankl, todo ser humano carrega a sede por um sentido de existência, constituindo esse fator um aspecto primário da natureza humana. Muitas teorias trabalham com a idéia de que o ser humano reage a estímulos externos ou obedece a impulsos internos, ignorando que ele, na verdade, responde aos fatos e problemas que a vida apresenta, incluindo os impulsos e os estímulos, de acordo com o significado que é capaz de elaborar.

Há grande responsabilidade individual na elaboração do significado de cada evento da vida, porque sentido não é algo transmissível nem pelos genes, como os instintos, nem pela tradição, como os valores. Com a crescente tendência de relativização das tradições, talvez se justifiquem as dificuldades da mentalidade contemporânea em elaborar sentido e significado na vida. Por meio de muitos sinais, a consciência de nossos tempos clama por uma pedagogia que valorize essa lição fundamental da vida.

A busca por um sentido só pode ser uma determinação individual porque pertence ao contexto de cada pessoa, que é irrepetível. Assim, embora o indivíduo possa ser ajudado nesse trabalho, a decisão pertence única e exclusivamente ao buscador, assumindo esse sentido uma importância peculiar associado à realização de sua vontade.

Alguns autores argumentam que a busca de sentido pode funcionar como um mecanismo de defesa. É pouco provável, porém, que um mecanismo de defesa tenha o poder de produzir serenidade e quietude no sofrimento e até mesmo na morte, mas a compreensão de sentido, esta pode sim.

As pessoas que alimentam elevados ideais são capazes até de morrer em prol de sua causa e com inaudito sentimento de realização, como revela a vida de muitos mártires, como Sócrates e Gandhi. Madre Tereza de Calcutá devotou toda a vida a uma difícil causa, sem jamais registrar qualquer sinal que seu destino representasse um fardo para si. Muitas pessoas que arriscam suas vidas em prol de outras, perdendo-a ou não, recebem sempre grande acolhida e homenagens por um gesto que, no fundo, significa elevada percepção de sentido e significado de existência. As pessoas que cometem suicídio, por outro lado, alegam invariavelmente a falta de um sentido de viver, mesmo tendo as necessidades materiais satisfeitas.

Quando esse elemento essencial da natureza humana não é desenvolvido e realizado, ocorre o que Frankl chama de “frustração existencial”, podendo resultar em neuroses. A sintomatologia do vazio existencial abrange três tendências: a depressão, a agressão e a toxicodependência. Rohden (1991) lembra que “frustrar” é a palavra latina para despedaçar, fragmentar, desintegrar. Quem não elaborou um sentido de existência encontra-se fragmentado em sua natureza integral. O sentido de sua vida não foi percebido, produzindo um profundo senso de infelicidade. “O homem é infeliz porque perdeu a consciência da sua inteireza e unidade (...) muitos frustrados acabam em esquizofrenia. O homem mentalmente fragmentado é um homem desunido, descosmificado”. (ROHDEN, 1991, p.147).

A psicologia das alturas elaborada por Frankl tem como objetivo valorar o ser humano ao nível da sua natureza real, lugar da consciência onde pode florescer um sentido de existência transcendente às necessidades mais

primitivas. Se ao ser humano forem apresentadas apenas as baixadas da vida, esse passa a ser o lugar de referência para onde a consciência deverá se dirigir. Apresentar um lugar de esfera superior onde a consciência tem o potencial de conquistar, mesmo que minimamente provável, conecta a consciência ao seu lugar natural, pelo menos em nível idealizado.

O certo é que o ser humano pode realizar o máximo do máximo ou o máximo do mínimo, iluminando-se ou animalizando-se, conforme a perspectiva existencial elaborada em seu íntimo. A logoterapia trabalha com o conceito de “expansão”, estendendo o conceito de ser humano, ao incluir nele “não apenas suas aspirações mais altas, mas também a esfera na imaginação do paciente naquilo em que ela atende às suas possibilidades de nutrir e reforçar o seu desejo de sentido”. (FRANKL, 2005,p.24). Tais sentimentos devem ser invocados e ativados sobretudo na mente juvenil predisposta a desenvolver atitudes e aspirações nobres.

Rohden (1983) argumenta que a natureza íntima do ser humano é viver abundantemente, atualizar suas potencialidades latentes, ultrapassar o plano atual para um plano superior à medida que se torna mais consciente de si mesmo. O anseio de ultrapassar-se e atingir um plano mais alto do que aquele onde se encontra é o mais profundo desejo humano. O ser humano, por isso, é muito mais aquilo que pode ser do que aquilo que é no plano de sua realidade fática. Apesar de não poder realizar tudo o que idealiza, ele pode se sentir identificado e ser reconhecido pelas suas idéias e ideais.

Ele enxerga remotamente essas possibilidades superiores porque sua natureza íntima lhe comunica de alguma forma a conexão com algo maior. Intuitivamente, sabe que essa semente é capaz de lhe trazer grande contentamento. Ninguém é capaz de calar esse desejo de grandeza inerente, que, aplicado unicamente às conquistas materiais, se expressa de maneira deformada no exercício desequilibrado de riqueza e de poder, mediante sentimentos de inveja e de cobiça e nas mais diversas patologias físicas e mentais nascidas pela ausência dessa realização superior.

Aquilo que é percebido de um modo obscuro, entretanto, sob correta orientação, pode ser dominado e realizado em toda a plenitude. Paramahansa Yogananda declara abertamente o projeto para educação do ser humano holístico

plenamente realizado, capaz de ultrapassar as fronteiras do ser que se pensa mortal, feito de carne e ossos apenas, sujeito à fome, aos desejos e aos fracassos. Ao buscar conhecer e experimentar a visão integral de sua natureza, o ser humano não deve suprimir os apelos das partes, mas transcendê-los, até que cada uma delas se ache como parte comungante com o Todo. Deve o ser humano pensar sempre em grandes termos, identificando-se em sua essencial conexão com o Todo de modo real, por experiência.

Nossas mentes pequeninas são parte da onipotente mente de Deus. Sob a onda da nossa consciência está o infinito oceano da consciência divina. Por esquecer-se de que faz parte do Oceano, a onda se desliga desse poder oceânico. Em consequência, nossas mentes tornaram-se enfraquecidas por nossas tribulações e limitações materiais (...) a mente, porém, é como um elástico. Quando mais você puxa, mas ela estica. A mente elástica nunca arrebenta. (YOGANANDA, 1997b, p.7).

Qualquer objetivo alcançado, mesmo um nobre ideal ou uma grandiosa realização, demandará sempre novas perspectivas depois de satisfeitos. Por isso, a demanda mais óbvia é pelo próprio Todo e não por alguma parte, pois, por inferência lógica, o Todo é o único objetivo que, ao ser alcançado, não resta mais nada para se alcançar. Por isso, disse Paramahansa Yogananda: “O mais sábio é aquele que busca o Todo ...”.

Ao se alcançar o Todo, a posse e realização de qualquer parte estará concomitantemente incluída, pois relacionar-se nesse nível implica relacionar-se com todas as imagens do Todo. A fragmentação produz neurose, frustração existencial e esquizofrenia. A vinculação real com o Todo só pode produzir felicidade plena, corpo e mentes sãos, isto é, integrais, prósperos e realizados. “... O mais bem-sucedido é aquele que O encontrou”. (YOGANANDA, 1996, p.21/5).

A idéia de que o ser humano carrega a imagem do Todo é um das mais conhecidas da Bíblia Sagrada, encontrando-se em suas primeiras páginas<sup>31</sup>. Em todas as escrituras, essa idéia é repetida de formas diferentes. De acordo com a concepção holística, admitindo que a parte carrega a imagem do Todo, é natural pensar que deve existir alguma forma de essa imagem contemplar o Todo refletido nela e dela receber o influxo de satisfação plena ou bem-aventurança

---

<sup>31</sup> BÍBLIA SAGRADA, Livro do Gênesis, capítulo 1, verso 26

decorrente da consciência de conhecer e possuir o Todo dos incomensuráveis da alegria, da riqueza, do conhecimento e do amor.

O impulso imperioso para ser e fazer o que seja o mais nobre, o mais belo do que sejamos capazes é a mola propulsora de todas as realizações elevadas. Empenhamo-nos pela perfeição aqui na terra porque ansiamos por recuperar nossa unidade com o Todo. (YOGANANDA, 1997b, p.5).

A esta altura, uma questão surge naturalmente. O usufruto das riquezas naturais, mesmo de forma desequilibrada, não é em si um sentido de existência? Se o sentido pelo qual viver é absolutamente pessoal, não seria esse um sentido válido em certas circunstâncias?

Contrariando a hierarquia das necessidades, de Maslow, segundo a qual a necessidade de satisfação das condições materiais básicas antecede o interesse pela busca de auto-realização, Frankl considera que a realização de uma situação socioeconômica favorável não é suficiente para o estabelecimento de um bom sistema de vida. É natural que um doente se interesse em recuperar a saúde perdida, argumenta ele, mas a saúde é apenas um meio para um fim maior, “uma pré-condição para que se obtenha qualquer coisa que possa ser considerada como significado em um determinado contexto e situação”. (FRANKL, 2005, p.26).

Embora, ao garantir a sobrevivência, a saúde seja condição necessária para a elaboração de sentido, não é condição suficiente para exercê-lo. A questão, portanto, é a clareza sobre se os objetivos a serem conquistados são meios ou se são fins significativos.

As diversas pesquisas de Frankl indicaram claramente um grande apelo à busca de sentido de existência, superando nos jovens o interesse pelo dinheiro. A humanidade será capaz de realizar o usufruto saudável das benesses oferecidas pela Natureza quando compreender que a posse de coisas é apenas um meio de satisfação de um imperativo muito mais forte, a realização de sentido, e não um fim em si capaz de produzir realização.

Na vida cotidiana nós estamos plenamente conscientes desta diferença. Não o estivéssemos não poderíamos rir diante da história em quadrinhos que mostra Snoopy chorando porque sua vida é sem sentido e inteiramente vazia, até que pareça Charlie

Brow com uma vasilha de comida para cães e então Snoopy exclama: 'Ah ! Eis aí o sentido da vida!' (FRANKL, 2005, p.27).

Talvez por isso não seja exagero incluir como neurose coletiva a ânsia desenfreada do ser contemporâneo pelo enriquecimento individual, sem a compreensão de um sentido que justifique todo o esforço realizado. É estranho que toda uma existência seja dedicada apenas ao meios da vida e não ao propósito da vida mesma.

Cada ser humano é livre para decidir onde colocar seus esforços e, num horizonte de poucas décadas, discernir quais são aquelas necessidades necessárias e quais são os desejos que o aprisionam à alucinação coletiva. "Se o homem descobrisse quanto necessita para uma vida normal, adquirisse esses meios, e depois vivesse para ideais superiores, levaria vida plena". (ROHDEN, 1983,p.174).

A busca por sentido, conclui Frankl, não é apenas uma manifestação da natureza essencial do ser humano, mas uma condição para a saúde mental. Para fazer tal afirmação, apóia-se em diversos estudos que mediram o desejo de sentido em muitos grupos e observaram índices elevados entre aqueles que haviam alcançado sucesso e progresso na vida profissional e nos negócios. Os mesmos estudos também indicaram uma dificuldade em adaptação ao ambiente por parte daqueles que não compreendiam um sentido em suas atividades, demonstrando que a questão do sentido, mais do que uma opção, constitui valor de sobrevivência.

Frankl traz uma questão apropriada aos nossos problemas do meio ambiente: não depende a sobrevivência do gênero humano do consenso para um sentido de existência comum? Não devem se unir todos os povos para a elaboração de uma vontade comum de sentido?

A busca pelo homem de um sentido para a vida é, obviamente, um fenômeno de extensão mundial. Dele é testemunha nossa geração. Por que então esta busca de sentido não deveria conduzir-nos gradualmente a objetivos e propósitos comuns? (FRANKL, 2005, p.30).

No momento em que alcançarem esse ideal, talvez possam as nações substituir o PIB, Produto Interno Bruto, e o IDH, Índice de Desenvolvimento

Humano, como medidores da prosperidade de um povo, por um Índice de Desenvolvimento Humano e Natural, IDHN, valorizado com o desenvolvimento dos elementos da Natureza, perfazendo o Todo da vida humana integral no projeto de sentido da humanidade.

## **PAVIMENTAÇÃO DOS CAMINHOS PARA UMA EDUCAÇÃO HOLÍSTICA**

Na conhecida obra *Dialética do Esclarecimento* (1985), Theodor Adorno e Max Horkheimer descreveram uma visão negativa da ilustração por não vislumbrarem uma solução capaz de harmonizar o desenvolvimento tecnológico com o progresso humano em larga escala. O livro, nascido no auge das atrocidades nazistas, pretendia lançar luzes exatamente sobre esse tópico: porque o ser humano, apesar do progresso científico e tecnológico, tendia a palmilhar não na direção de uma humanidade mais desenvolvida, mas do barbarismo.

Os autores não deixam dúvidas em reconhecer que a liberdade da sociedade é inseparável do pensamento esclarecedor e que este, posto como instrumento de dominação da Natureza, é uma busca legítima pela segurança. Esse esclarecimento fez frutificar, contudo, resultados que submetem risco a própria sobrevivência humana: ‘a terra totalmente esclarecida resplandece sob o signo de uma calamidade triunfal’ (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.19), proclamam os autores, logo na introdução do seu conceito de esclarecimento.

Com esta idéia, antecipam o sentimento que vai perpassar toda argumentação, desenvolvida por quem havia sofrido os efeitos desse esclarecimento superficial sobre o ser humano e acerca da Natureza<sup>32</sup>, ao final transformados em meros objetos manipuláveis por um modelo dominador. Nesse modelo, a técnica se transforma no principal objetivo e função da ciência, tornando o esforço educativo meramente instrucional e utilitarista.

O esclarecimento, institucionalizado, prepara, na escola, o uso racional e eficiente da tecnologia pelo ser humano, dirigindo o desenvolvimento científico para servir aos elementos exteriores da consciência, visando a atender

---

<sup>32</sup> Os autores Theodor Adorno e Max Horkheimer, grandes nomes da Escola de Frankfurt, foram eles próprios vítimas da intolerância que varreu a Alemanha a partir da década de 20. Escreveram sua *Dialética do Esclarecimento* no exílio, porque o nazismo de Hitler não admitia qualquer pensamento de esquerda no seu projeto de domínio global.

unicamente as necessidades materiais. Um homem calçado, entretanto, não se faz melhor por causa dos sapatos.

A educação centrada meramente nas necessidades do corpo biofísico produz também um tipo de relação superficial com o mundo. Tal propósito não atende suficientemente todos os demais fatores relacionados à apreciação da vida em sua plenitude, tais como satisfação pessoal na execução das ações; harmonia nas relações interpessoais; discernimento sobre os aspectos positivos e negativos das complexas contradições, dentre as inúmeras ideologias; julgamento claro sobre escolhas que podem contradizer os próprios objetivos pessoais; capacidade de avaliação das próprias falhas e de condução de experiências capazes de superá-las; domínio sobre as perturbações físicas e capacidade para lidar com elas sem perda do equilíbrio interior; superação do racismo e da violência; julgamento equilibrado dos sistemas éticos e também morais e capacidade de avaliar aqueles que se aplicam e os que faltam à sociedade; tolerância quanto às ambigüidades e incertezas do mundo; reconhecimento de todo ser humano como pessoa dotada de valores, não objetos de interesse ou desinteresse, por ser ou não capaz de responder a certas exigências ou determinações etc.

O foco exclusivo nos aspectos biofísicos do ser humano trouxe como resultado o quadro de um humanidade enfermiça, hiperdesenvolvida em suas necessidades tecnológicas, a serviço da subsistência ou do poder, e hipodesenvolvida nas suas solicitações espirituais. Por toda a história, é evidente a ausência de uma educação para formação do ser em toda sua plenitude. Na verdade, nem pôde ainda o Ocidente chegar a um consenso sobre o que pode vir a ser o ser humano integral, plenamente consciente de todas suas potencialidades. Discutir e trabalhar esse conceito deve ser um dos objetivos mais importantes da perspectiva holística.

Abraham Maslow (1916-1973), um dos principais mentores no movimento humanístico em Psicologia, 'ênfaticou o potencial do homem, sua vocação evolutiva, inclinação para a saúde e tendência para a completa auto-realização' (*Apud* CREMA, 1989, p.67), um pensamento alinhado ao ideal holístico.

É urgente uma educação que abranja o ser humano em sua natureza integral, não meramente voltada para satisfação das necessidades materiais,

semelhantes às dos animais irracionais: procurar comida (trabalhar), comer e procriar. Encontramos na obra *Autobiografia de um Iogue* (2001b) a declaração dos ideais educativos da pedagogia holística de Paramahansa Yogananda, que sintetizamos a seguir:

- disseminar entre as nações o conhecimento de técnicas científicas para a experiência pessoal e direta do Todo;
- ensinar que o propósito da vida é a evolução, mediante o esforço pessoal, da consciência mortal limitada [fragmentada] para a consciência do Todo;
- estimular o estabelecimento de centros individuais para comunhão com o Todo, nos lares e nos corações humanos;
- libertar o ser humano do tríplice sofrimento - as doenças físicas, as desarmonias mentais e a ignorância espiritual;
- estimular 'o viver com simplicidade e pensar com elevação', e difundir o espírito de fraternidade entre todos os povos, ensinando-lhes o eterno alicerce de sua unidade com o Todo;
- demonstrar a superioridade da mente sobre o corpo, e da alma sobre a mente;
- declarar a vitória do bem sobre o mal, da alegria sobre a tristeza, da afabilidade sobre a crueldade e da sabedoria sobre a ignorância; e
- preconizar a compreensão cultural e espiritual entre o Oriente e o Ocidente, e o intercâmbio de suas características distintivas mais refinadas.

Identificamos em Paramahansa Yogananda, principalmente nas obras *Autobiografia de um Iogue* (2001b), *Journey to Self-Realization*(1997), *The Divine Romance*(2000) e *A Eterna Busca do Homem*(2001), os critérios de educação para uma vida equilibrada, um dos ideais mais importantes da mensagem espiritual inspiradora da “escola de como viver”, cuja síntese transcrevemos abaixo:

CONHECENDO AS VERDADEIRAS NECESSIDADES – na busca pelo sucesso você deve se concentrar em suas “necessidades” e não em seus “desejos”. É evidente que o ser humano jamais obtém tudo o que quer. Uma criança talvez peça ao pai para apanhar uma cobra venenosa, mas o pai não satisfaz esse perigoso pedido. O ser humano, tendo livre arbítrio e sendo parte do Todo pode, com sua força de vontade, persistir até conseguir aquelas coisas que são prazerosas no início, mas perniciosas no fim.

Quanto maior a necessidade, maior a probabilidade de realizá-la. Antes de se esforçar para alcançar o que deseja, o ser humano deve desenvolver o poder de alcançar à vontade aquilo que necessita.

Quais são suas verdadeiras necessidades? Abrigo; comida para o corpo, mente e alma; prosperidade; saúde; o poder de concentração; uma boa memória; um coração compreensivo; amigos; sabedoria e Bem-Aventurança; são essas algumas necessidades humanas. Vida equilibrada, pensamento elevado, cultivo da felicidade interior com o objetivo de fazer os outros felizes, são também necessidades. A felicidade interior é duradoura porque pertence à natureza espiritual. A “felicidade” baseada nos prazeres dos sentidos rapidamente se transforma em lamentos. Tornar os sentidos servidores das necessidades do corpo e da mente dirige à felicidade verdadeira. O desejo por um objeto sensual prazeroso é equivocadamente considerado uma “necessidade” em vez de um “desejo” criado artificialmente. Os “desejos” não deveriam ser multiplicados.

A concentração deve ser focada na direção das “necessidades” reais. Como regra, a atenção é absorvida nas flutuantes distrações da mente, pelos desejos desnecessários e pelo constante incremento de novos desejos. Todo desejo por gratificação de “necessidades desnecessárias” deveria ser descartado.

Focar a atenção em uma necessidade por vez é o primeiro passo na direção certa. Determine aquelas maiores “necessidades” que envolvem todos os fatores da vida e da verdadeira felicidade. Então, devote toda atenção e energia para alcançar seu objetivo pelo método mais rápido.

AGINDO NO MUNDO COM ESPIRITUALIDADE – os ensinamentos da Índia não o aconselham a ignorar suas responsabilidades no mundo. Se você deseja uma vida de reclusão na floresta ou nas montanhas, pensando que

encontrará o Todo estando livre das responsabilidades, precisa ter grande força de vontade para sentar o dia todo, todos os dias, em meditação. Certamente que tal esforço é valioso. É mais grandioso se preparar, porém, para permanecer no mundo mas não pertencer a ele – para realizar suas tarefas para o benefício dos outros enquanto mantém a mente fixa no Todo.

É necessário conhecer a perspectiva correta de pequena ou grande tarefa. Nenhuma jamais poderá contradizer a outra. Nas escrituras sânscritas, há uma lei divina, uma das mais belas já concedidas ao mundo: “Se um dever contradiz outro, então não é um dever legítimo”. Se alguém busca sucesso financeiro à custa da saúde, não estará realizando o dever para com o corpo. Alguém que seja tão fanático sobre religião a ponto de negligenciar as responsabilidades materiais não vive em equilíbrio, pois permitiu que um dever contradissesse as obrigações com o corpo e a família. Se perde de vista o Todo para dar atenção apenas à família, então está deixando de lado um dever supremo.

O êxito é necessário para que tenhamos os bens essenciais à vida: alimento, roupa, moradia e saúde. Se você não os tem, pelo menos até certo grau, encontra-se em situação difícil. Você deve ser capaz de obter o mínimo do conforto e felicidade que procura. Todos concordam: sejam nossos ideais materiais ou espirituais, algumas necessidades físicas básicas devem ser satisfeitas para que o homem conserve seu templo corporal. Se não conservar esse templo, não poderá ter êxito em nada mais.

A NATUREZA HUMANA – assim como certo treinamento é necessário no engajamento na arte da guerra, do mesmo modo, é necessário um treinamento no engajamento na batalha da vida. Soldados destreinados são executados rapidamente no campo de batalha. Do mesmo modo, algumas pessoas que não são treinadas para manter a paz interior são rapidamente perfuradas pela balas da preocupação e da inquietude.

A natureza humana é tanto espiritual quanto material. Todo ser humano deveria desenvolver-se espiritualmente por meio da disciplina interior, e tornar-se materialmente eficiente pelo desenvolvimento de habilidades para os negócios. Homens primitivos desenvolviam as faculdades mentais para satisfazer apenas as

necessidades materiais da vida. Seu tempo era dedicado à caça, à comida e ao sono.

Os seres humanos de nosso tempo realizam metodicamente o que os primitivos realizavam sem métodos. O esforço para desenvolver tais métodos influenciaram indiretamente o afinamento de suas faculdades internas. A pedagogia holística ensina a desenvolver diretamente tais faculdades internas, como força de vontade para superar os apelos dos instintos, sentimento para servir os outros e intuição para realização direta da Verdade.

**INFLUÊNCIA DO MEIO** – as pessoas possuem metas relacionadas ao dinheiro, fama ou espiritualidade como resultado de hábitos formados por influência do ambiente social e familiar. É por isso que tanto orientais quanto ocidentais nutrem uma vida unilateral. O Oriente possui uma tendência mais espiritual, e o Ocidente mais material. O ser humano não pode ser feliz apenas por conta de doutrinas religiosas ou apenas por conta do dinheiro. Para alcançar o equilíbrio, ambos deveriam adotar um método de desenvolvimento de uma vida equilibrada.

Uma pessoa espiritual prática é um ser humano feliz e somente uma pessoa feliz é que alcança sucesso. Cem por cento de prosperidade material entre os habitantes de uma cidade não evitará crimes e roubos. Seguir os princípios universais de serviço mútuo, cooperação espontânea, amor pela vida espiritual e disciplina sobre os apetites humanos é completamente necessário para alcançar harmonia, saúde e prosperidade em qualquer comunidade. Em todos os países registra-se um aumento das populações carcerárias. E por que isso? Porque a atenção das pessoas não está fixada na arte de viver. Por que não utilizar algum dinheiro gasto para erguer e manter os presídios para criar “escolas de como viver”, que prevenirão as crianças de se tornarem criminosas?

**O IDEAL DE SERVIÇO** – uma vida para os negócios não implica uma vida material. A ambição para os negócios pode ser espiritualizada. Negócios são nada mais que oportunidades de servir aos outros da melhor maneira possível. Empreendimentos que começam com a idéia de apenas fazer dinheiro rapidamente se tornam reconhecidos como tal. Empreendimentos que se

concentram em servir seus clientes com os melhores artigos ao custo mínimo se tornam bem-sucedidos e aceleram o desenvolvimento moral da humanidade.

As pessoas podem espiritualizar seus negócios com a idéia de servir apropriadamente as necessidades legítimas dos seus semelhantes, para fazer aos outros e a si mesmo felizes. Quando alguém acostumado a realizar transações comerciais, simultaneamente, ajuda seus empregados e parceiros para se tornarem mais prósperos, usando sua riqueza para ajudar os outros a se ajudarem, isso é espiritualizar a ambição para os negócios.

Sem esse ideal, a sobrecarga de trabalho produz nervosismo, ausência de qualidades para a harmonia social, avareza, gula e desrespeito aos bons princípios. Realizando os verdadeiros propósitos da atividade comercial, serviço para o benefício dos outros e de si, a vida pode ser realmente feliz. A menos que você inclua o bem-estar dos outros em sua prosperidade você nunca será idealmente próspero. Não me refiro a uma simples doação desinteressada, mas a um sincero interesse em ajudar as pessoas a se ajudarem. Motivado pelo modo como suas ações e planos podem beneficiar os outros, a ambição para viver bem e próspero se torna espiritualizada.

A PROPORÇÃO ENTRE ATIVIDADES COM FINS MATERIAIS E ESPIRITUAIS – os ocidentais devotam seu tempo predominantemente para desenvolver os aspectos materiais e intelectuais da vida, mas estão geralmente ocupados mesmo para aproveitar os frutos do seu trabalho ou para conhecer o sabor da paz, do relaxamento e da bem-aventurança da meditação. Eles se tornam escravizados e esquecem o mais elevado compromisso com o ideais de alegria e felicidade.

Devido ao uso intensivo de máquinas, ocidentais possuem essa vantagem sobre os orientais: podem aproveitar o tempo livre para avançar mais nos profundos estudos da vida. Seis dias e seis noites semanais de uma existência dedicada ao trabalho e parte de um dia (domingo) para o cultivo da pesquisa interior não constitui um estilo de vida equilibrado. A semana poderia ser dividida entre trabalho, entretenimento e cultivo da espiritualidade: cinco dias para atividades, um dia para descanso e entretenimento e um dia para introspecção e realização interna. Para espiritualistas mais ambiciosos, é recomendável a rotina

de meditação diária pela manhã e à noite, antes e depois das atividades, e um dia dedicado ao silêncio, introspecção, estudo espiritual e um período de meditação mínima de 4 horas ou mais. Afastar-se de atividades por apenas um dia – o domingo – não é suficiente porque, como é o único dia longe do trabalho, qualquer pessoa vai utilizá-lo para descansar.

Com cinco dias de trabalho por semana, como proposto por Henry Ford, as pessoas podem utilizar a sexta à noite, sábado e domingo para se afastar do barulho da cidade e incrementar sua longevidade. Com a disponibilidade dos transportes, torna-se fácil refrescar-se com a paz dos retiros da Natureza, vivendo uma vida dupla de um eremita na floresta e o guerreiro no campo de batalha da atividade mundana.

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS – com a cooperação de adultos auto-disciplinados, a plasticidade mental das crianças pode ser modelada para qualquer forma. Os adultos devem se esforçar para expelir maus hábitos e substituí-los por bons hábitos. Hábitos desejáveis podem ser facilmente desenvolvidos pelas crianças porque elas executam-nos com mais facilidade e por não terem ainda desenvolvido maus hábitos para substituir. Qualquer hábito, entretanto, seja em adultos ou em crianças, devem ser cultivados pela expressão da livre vontade. O tempo e o método devem ser considerados na educação das crianças para uma vida equilibrada, por meio de hábitos que compartilhem a atenção tanto para a necessidade de ganhar dinheiro, quanto para adquirir realização espiritual. Muitos psicólogos afirmam que as fases mais avançadas da vida são repetições do treinamento recebido dos dois aos quinze anos.

Sermões espirituais inspiram a mente das crianças para a ação correta, mas isso não é tudo. Disciplina prática real é necessária para resignificar as sementes de hábitos pré-natais de vidas passadas alojados nas mentes subconsciente e superconsciente. Isso pode ser feito apenas pelo poder da cauterização interna da eletricidade da concentração.

Às crianças deve ser ensinada a ambição espiritual de ganhar dinheiro apenas para a causa do serviço. Nossas crianças são geralmente mergulhadas em uma mórbida atmosfera onde fazer dinheiro é o objetivo, então elas tentam ser ricas, mesmo por métodos desonestos. Seu senso de racionalidade

argumenta que se é para ganhar dinheiro de qualquer jeito, porque o método desonesto não poderia prevalecer?

É responsabilidade dos adultos elevar os cidadãos do amanhã por intermédio da educação das crianças para um vida equilibrada. À medida que os adultos se tornam intoxicados com uma vida material unilateral, do mesmo modo as crianças seguirão seus passos, enterrando as esperanças de um mundo melhor. Para salvar o futuro do mundo, salvando as crianças, os adultos devem despertar e cultivar uma vida equilibrada de bons hábitos mundanos e espirituais.

O CONCEITO DE SUCESSO – sucesso tem relação com a satisfação em um contexto específico. É o resultado de ações baseadas nos ideais da verdade, e inclui felicidade e bem-estar dos outros como parte da própria realização.

O sucesso não é uma questão simples; não pode ser determinado simplesmente pela quantidade do dinheiro e posses materiais que você tem. O significado do êxito é muito mais profundo. Só pode ser avaliado na proporção em que sua paz interior e seu controle mental o capacitam a ser feliz em todas as circunstâncias. Este é o verdadeiro sucesso. Quando puder se analisar e sua consciência se mostrar límpida; seu raciocínio, imparcial; sua vontade, firme mas flexível; seu discernimento, forte; e quando puder obter, à vontade, as coisas de que necessita e o que considera valioso, então você será um sucesso.

O conceito tradicional de sucesso foca a capacidade de ganhar dinheiro. O sucesso real, porém, implica o poder de criar à vontade o que você precisa – o poder para adquirir aquelas coisas que são realmente necessárias para a existência e felicidade. É importante, então, distinguir sobre o que repousa a verdadeira necessidade, para conhecer a diferença entre necessidades e desejos. Se a percepção de desejos é abrandada, então a necessidade de alcançar a vida feliz pode ser facilmente encontrada.

As pessoas pensam em sucesso de formas diferentes, dependendo dos objetivos da vida. Há até mesmo sucesso conectado à idéia de roubo: “ele é um ladrão de sucesso”. Isso mostra que nem todo tipo de sucesso é desejável. Nosso sucesso não pode ser do tipo que machuca outros. Outro qualificativo de sucesso é aquele em que não proporcionamos sucesso não apenas para nós mesmos, mas dividimos os benefícios com os outros.

Há um padrão de sucesso para o Ocidente e para o Oriente. O Ocidente se concentra no sucesso parcial ou temporário que pertence à vida presente. O Oriente se concentra no sucesso completo na esfera da eternidade. O sucesso espiritual pode ser unilateral se as responsabilidades materiais não são satisfeitas. Apenas raríssimas pessoas com a consciência verdadeiramente holística libertaram-se das leis da Natureza e podem ignorar completamente as preocupações materiais. No Oriente, a doutrina da felicidade espiritual foi alimentada e as necessidades materiais são mais ou menos negligenciadas. No Ocidente, há conforto físico, mas pouco contentamento mental. É necessário um equilíbrio entre ambos. Se você cuida apenas de um aspecto da vida, não importa o que seja, tornar-se-á unilateral. Por exemplo, um artista pode se concentrar em sua arte e excluir outros importantes aspectos, mas a arte e o Todo juntos formam maravilhosa combinação! Os negócios e o Todo, a ciência e o Todo, o serviço e o Todo – tais combinações trabalham para criar sucesso e felicidade.

Riqueza em uma mão, doenças e problemas em outra, possuem numerosos aspectos. O melhor do Ocidente é sua higiene. Os mosquitos e os percevejos têm pouca chance de sobreviver. O ocidental não deve se congratular tanto sobre isso, pois há aí coisas piores – tais como contas atrasadas e preocupações financeiras que ameaçam sua paz.

Onde reside, porém, o verdadeiro sucesso? Se você conseguisse tudo o que quisesse na vida, mesmo assim ficaria decepcionado, mais cedo ou mais tarde. Analisando bem, percebi que o único prazer que eu encontrava em alguma coisa era o que minha mente atribuía. Se retirava a atenção dos objetos, o fascínio deles desaparecia. Vi, assim, que o prazer é interno, um conceito da mente de cada um. A beleza da posse mais valiosa, que pode estar bem à sua frente, desaparece quando os pensamentos dela se retiram. Apenas quando você focaliza a sua mente é que percebe o encanto. Portanto, é razoável dizer que dentro de nós, e não fora, reside quase toda a felicidade que estamos buscando.

VIDA SIMPLES, PENSAMENTO ELEVADO – na infância, você podia ser feliz com pequenas coisas, mas agora tende a pensar que precisa ter várias casas e carros, embora possa ver que os donos dessas coisas não são invariavelmente felizes. Vida simples e pensamento elevado é o que trazem o

contentamento. Manter a mente no plano das idéias dará mais felicidade do que ocupar-se com exterioridades. Quem se preocupa principalmente em cuidar da casa, dos pertences, das roupas, não é necessariamente civilizado. Pode-se vestir um cão, mas isso não o torna civilizado. A diferença entre um homem e o cão é que o homem pode, voluntariamente, modificar sua consciência e natureza. Ele pode interiorizar-se profundamente, na esfera do Espírito, coisa impossível ao cão. O amor do homem é transcendental. Quando morremos, o cão chora nossa ausência por algum tempo, em alguns casos até à morte, mas os amigos humanos jamais nos esquecem (se não quiserem!) ao longo das encarnações. Portanto, o ser humano dispõe de tremendas vantagens sobre as outras criaturas.

Vida simples não significa pobreza ou consciência de pobreza. Há pessoas destituídas cujas vidas são miseráveis. Esse não é o ideal da vida simples. Simplicidade significa ser livre de desejos, apegos e supremamente feliz. Isso requer uma mente poderosa e uma declarada decisão de viver com simplicidade. Isso não exige sofrimento nem privação, mas sabedoria para trabalhar pelas coisas realmente necessárias. Pratique auto-controle e reduza seus desejos por necessidades sem propósitos. Não viver além de suas posses é a primeira lição a aprender se você deseja ser próspero. Gaste, portanto, menos do que ganha.

Imagine que George Eastman, fundador da Kodak, possuiu todas as coisas materiais que qualquer um pode desejar. Pense nisso ! Ele tinha luxo, mas havia alguma coisa errada em sua prosperidade, pois sua existência era intolerável para si mesmo. Felicidade não vem apenas pela riqueza e posses. Jesus Cristo não possuía nenhum dinheiro, mas tinha ilimitada prosperidade na hora em que precisava. Ele demonstrou isso diversas vezes, como na ocasião quando alimentou cinco mil pessoas com pães e peixes. Para ser próspero em todos os aspectos, você deve seguir o exemplo de Jesus e não o de algum inescrupuloso homem de negócios. Se você conhecer as leis divinas de prosperidade, conhecerá uma riqueza que nenhum ladrão pode roubar, alcançando a segurança de que qualquer um necessita.

Na Índia, tanto as casas quanto as vestimentas são simples. No Ocidente, a vida é tão complicada que a felicidade bate asas enquanto se tenta fazer certas coisas de um certo modo. Por que complicar a vida, insistindo que a mesa deve ser um determinado modo, que a casa deve ser de um determinado modo?

Quando convidamos as pessoas para nossas casas na Índia, todos curtem o momento com alegria. No Ocidente, você convida alguém e, então, gasta frenéticas horas preparando-se para ter certeza que tudo vai dar certo. Na hora que a visita vem, você aguarda ansiosamente para que ela se vá !

Como ser humano, você faz maior progresso evolutivo pelo poder do pensamento. Reserve algum tempo, todos os dias, para aperfeiçoar a mente. É mais recomendável ler um pouco do que ocupar-se, dia e noite, com trabalhos domésticos ou com atividades não-criativas. Planeje sua vida para não viver entregue ao acaso; mas se tem tendência a organizar demais o tempo, fuja desse outro extremo também. O equilíbrio é necessário em todos os aspectos da vida. Em vez de usar a mente apenas para planejar o trabalho cotidiano e outras atividades passageiras, ou ainda, com mente ociosa, deixar o tempo passar, empregue-a por algum tempo em leitura construtiva. Tenha à mão algum material sério de leitura e estude-o durante os momentos livres. É melhor dispor de leitura variada – um pouco de ciência, um pouco de história, filosofia, biografia, viagens – qualquer texto que expanda e inspire sua mente.

Os livros podem ser amigos queridos e, se você fizer uma seleção criteriosa, receberá muitos benefícios da leitura. A princípio, poderá ser difícil ler Emerson, Milton, Platão ou os grandes santos, mas, depois de certo tempo, ver-se-á refletindo sobre o que escreveram. Sentirá que ganhou algo, porque todos esses sábios receberam sabedoria da infinita casa-forte do Todo – idéias que, de outro modo, talvez não lhe ocorressem em uma só vida.

Entretanto, muita gente lê muito, mas não consegue dizer o que leu. Ao ler um livro, o melhor a fazer é refletir sobre ele. Procure ver como se aplica à sua vida. E aprenda a discernir. Não aceite cegamente tudo o que lê; submeta os textos à crítica da mente. Livros valiosos são os que fazem pensar. Se isso acontecer, descobrirá que sua mente está evoluindo.

Minha vida tem sido assim. Não li vinte livros desde que cheguei à América. Não tenho orgulho disto; eu seria completamente ignorante se não tivesse, graças à meditação, a consciência do Espírito. Quando folheio um livro, vejo que a verdade ali contida, seja qual for, já me foi revelada por Ele. Todo pensamento e verdade vem do Espírito; se comungar com Ele, receberá Sua sabedoria diretamente. Portanto, em vez de perder tempo com atividades

improdutivas, leia bons livros; ou, melhor ainda, medite e ancore a mente na Verdade Última.

Tenha objetivos elevados. É desperdício usar o poder do pensamento para obter coisas irrelevantes. Aprenda a arrancar as ervas daninhas que cresceram no jardim da mente. Torne seu jardim mental tão belo que Deus venha visitá-lo. Se quiser ter esse jardim mental, florescente no solo da sabedoria, você deve simplificar a vida. Fazendo tudo conscientemente, sem distrair-se, você pode analisar suas atividades, escolhendo as que são importantes e rejeitando as superficiais. Tão logo tenha terminado seus deveres, retire deles sua concentração, empregando-a em outras atividades criativas.

SER FELIZ COM POUCAS POSSES – o prazer do homem moderno está em obter mais e mais, não se importando com o que acontece aos outros. Mas não seria bem melhor viver com simplicidade – sem muito luxo e com menos preocupações? Não há prazer algum em se ocupar tanto a ponto de não poder aproveitar o que tem. Tempo virá em que a humanidade começará a abandonar essa consciência da necessidade de tantos bens materiais. Maior segurança e mais paz são encontradas na vida simples.

Meu treinamento na Índia foi severo. Fomos treinados para restringir os desejos, evitar nutrir preferências ou antipatias e estar sempre gratos por tudo que recebíamos. Com tudo o que os ocidentais têm, muitos tanto podem se sentir miseráveis com suas posses como se sentiriam se não as possuíssem. Pela manhã, após o marido se barbear e se vestir, a primeira coisa que deseja é o café da manhã. À mesa, ele desejaria que a esposa tivesse preparado alguma coisa diferente, enquanto ela deseja melhores pratos e talheres. Dia após dia, eles continuam desejando isso e aquilo, e nunca estão satisfeitos com nada – nem um com outro, nem com as crianças. Nunca são felizes. E por não estarem contentes, tornam o descontentamento mais próximo ainda. A mulher irrita o marido, o marido grita com as crianças, e as crianças se rebelam, envolvendo-se com problemas e com más companhias. Então é isso: não é errado possuir as coisas, mas é intolerável ser possuído por elas. Devemos ser livres dos apegos. Sem o contentamento interior, mesmo o paraíso pode se tornar o inferno.

O grande inimigo do Ocidente são as contas. Eu amo muita coisa do Ocidente, mas a idéia das pessoas de que precisam de certas coisas para ser felizes é uma ilusão. Mesmo que elas as possuam, continuam sendo infelizes. Viva com simplicidade. Procure não possuir muitas coisas para cuidar. Parece maravilhoso quando você adquire uma coisa nova, mas quando o novo se desgasta, você não tem mais tempo para ela ou esquece e deseja outra coisa; mas as contas não esquecem de você !

Controle a vida, fazendo-a o mais simples possível. Mantenha algum dinheiro no banco para emergências. Poupe mais do que gasta com “necessidades desnecessárias”. E sempre inclua alguém em sua felicidade. Quando compartilha com outros, você diminui as próprias necessidades.

Se você nada possui exteriormente, mas é feliz interiormente, possui todo o sucesso. Não julgue as pessoas pelas circunstâncias externas, portanto. Entre milhares da multidão há alguns que alcançaram estatura espiritual exaltada e atingiram a verdadeira paz em espírito e felicidade interior.

É por isso que o sucesso moral – liberdade perante as determinações de maus hábitos e impulsos – promove mais felicidade do que o sucesso material. Com o sucesso moral há uma felicidade psicológica que não pode ser ameaçada por nenhuma condição física. Você pode dedicar todo o tempo para fazer dinheiro, mas ele não vai produzir o conforto e a segurança que está procurando. De fato, vai trazer mais miséria, porque paz e felicidade estão na mente e não nas coisas. Se você não dedica tempo para disciplinar a mente, nenhuma quantidade de recursos materiais vai satisfazê-lo. Essa disciplina não é um processo de tortura, mas o treinamento da consciência para adotar aqueles pensamentos e ações que conduzem à felicidade.

Sua felicidade é o seu sucesso. Não permita, portanto, que alguém leve sua felicidade para longe de você. Proteja-se contra esses que tentam fazê-lo infeliz. Se você não possui dinheiro é porque não se concentra suficientemente nele. Similarmente, se você não é feliz, é porque não se concentra em ser feliz. A mula que carrega uma carga de ouro em seu lombo não sabe o valor da carga. Do mesmo modo, as pessoas estão absorvidas em transportar as responsabilidades da vida, esperando a felicidade no final da trilha, e não percebem que carregam dentro de si a suprema e duradoura felicidade da alma.

Porque procuram felicidade nas “coisas”, não sabem que já possuem toda a riqueza e felicidade em si mesmas.

## **A “ESCOLA DE COMO VIVER” DE PARAMAHANSA YOGANANDA**

Em seu livro *Educação do Homem Integral* (1987), o filósofo e educador Humberto Rohden lamenta o deplorável estado em que se encontra a educação da humanidade, segundo ele completamente radicada numa orientação vinda de fora, mais voltada para o conhecimento e desenvolvimento da técnica do que para a formação humana, objetivo central e primordial da verdadeira educação. O resultado disso é uma completa perda de referência do ser contemporâneo sobre si mesmo, incapaz de encontrar a finalidade de sua existência. “Outrora havia o homem perdido o seu caminho – hoje, porém, ele perdeu o seu próprio endereço” (CHESTERTON *apud* ROHDEN, 1987, p.29). Vivendo como nau sem rumo no oceano da existência cotidiana, a conseqüência inevitável é o mergulho nas crises individuais e coletivas que marcam o nosso tempo.

O autor em foco localiza o problema, ressaltando dois pontos: a diferença entre instrução e educação e a falta de uma visão panorâmica da existência. Segundo ele,

(...) a instrução tem por fim fornecer ao homem o conhecimento e uso dos objetos necessários para sua vida profissional. A educação tem por fim despertar e desenvolver no homem os valores da natureza humana; porquanto a natureza humana existe em cada indivíduo apenas em forma potencial, embrionária. (ROHDEN, 1987, p. 43).

A visão panorâmica da existência é o reconhecimento explícito do potencial sobre si mesmo no tocante ao todo da natureza humana: corpo, mente e espírito, coisa que a instrução não pode compreender. Com base nisso, Rohden identifica um grande equívoco sobre um propósito da educação moderna, que é a crença de que abrir uma escola implica fechar uma cadeia, lembrando que os grandes “criminosos e malfeitores da humanidade não foram, geralmente, analfabetos; muitos deles eram homens de elevada erudição”. (ROHDEN, 1987, p. 44).

Percebemos que seu argumento se encontra ao redor de uma idéia central: a verdadeira educação é aquela que emerge, quando o ser humano se

põe no esforço de fazer desabrolhar nele mesmo o que de melhor há em sua natureza; deve o ser humano ser ele mesmo bom, intimamente bom, pois assim seus atos e obras estarão impregnados pelas mesmas qualidades que as produziram. Para ele,

(...) o nosso dizer e fazer só exerce impacto decisivo quando radica na plenitude do nosso verdadeiro ser – que requer auto-educação. O nosso dizer e fazer são canais que têm de receber o conteúdo do nosso ser. (ROHDEN, 1987, p. 23).

A educação integral, plenamente voltada para o desenvolvimento harmonioso de corpo, mente e espírito, não ignora as necessidades materiais, nem a busca pela eficiência. Ao contrário, ajuda a contribuir para o despertar da consciência por meio de uma educação intelectual, emocional, física, moral e espiritual.

Tal pedagogia encontrou plena expressão na obra de Paramahansa Yogananda, cuja vida dedicou a apontar diretamente para o potencial do ser humano e para a pedagogia capaz de realizá-lo.

Paramahansa Yogananda é reconhecido mundialmente como um instrutor espiritual, tem recebido, entretanto, mais atenção como autor do livro *Autobiografia de um Iogue* (2001b) do que como dirigente de uma pedagogia orientada para uma formação integral do ser, cuja amplitude não encontra barreiras em credos, culturas ou denominações religiosas.

Ele também reconheceu as mesmas debilidades do sistema educacional moderno apontadas por Rohden, e sugeriu um caminho prático para superá-las:

Por que não tomar as providências educacionais adequadas para evitar o roubo anual de um bilhão de dólares, e usar parte desses milhões para criar ‘escolas de como viver’, onde se ensine a arte de viver e o desenvolvimento equilibrado de todas as faculdades humanas? (...) Elogio sinceramente o moderno sistema escolar americano e o constante aperfeiçoamento de seus métodos de educação intelectual e, até certo ponto, de Educação Física. Entretanto, não posso deixar de assinalar seu principal defeito: a falta de alicerce espiritual.

É preciso que se acrescente ao sistema, urgentemente, o treinamento moral e espiritual. O rapaz que se distingue como o primeiro da classe pela inteligência, ou que é um grande jogador de beisebol ou futebol, freqüentemente atrai a atenção e o estímulo do professor, mas poucos o observam ou advertem

corretamente se leva uma vida moral ou espiritual de terceira classe. (YOGANANDA, 2001, p.346).

Embora pareça um reclamo genérico, uma demanda óbvia, visível a todos que estão com atenção voltada para a educação, Paramahansa Yogananda fala aí com a experiência de ter fundado e dirigido essa “escola de como viver” (*how-to-live school*), nas suas primeiras atividades, após intenso treinamento espiritual de dez anos de silêncio e meditação com seu mestre.

No seu livro *Autobiografia de um logue* (2001b), ele descreve a experiência de fundação da “escola de como viver” na cidade de Ranchi, na Índia, no ano de 1917, um dos momentos mais marcantes para a compreensão de seu papel de educador da humanidade:

O ideal de educação correta para jovens sempre estivera em meu coração. Via claramente os áridos resultados da escolaridade comum, que visa apenas o desenvolvimento do corpo e do intelecto. Os valores morais e espirituais, sem cujo apreço nenhum homem pode se aproximar da felicidade, ainda estavam ausentes do currículo formal.

Decidi fundar uma escola onde os meninos pudessem desenvolver sua plena estatura de seres humanos (...) aos estudantes de Ranchi ensina-se, além da meditação iogue, um sistema original de desenvolvimento da saúde e do corpo, Yogoda, cujos princípios descobri em 1916. (YOGANANDA, 2001b, p.272).

Segundo relata Paramahansa Yogananda, após o primeiro ano de atividades da escola, o número de candidatos à matrícula chegava a dois mil. Nos anos seguintes, a escola recebeu visitas ilustres, como a de Mahatma Gandhi. Outra figura ilustre que, apesar de não ter conhecido a escola de Ranchi, sabia e praticava os seus fundamentos, foi o grande botânico americano Lutero Burbank, que escreveu:

Examinei o sistema Yogoda e, em minha opinião, é ideal para treinar e harmonizar as naturezas física, mental e espiritual do homem (...) oferecendo métodos simples e científicos de concentração e meditação, permite a solução de muitos dos complexos problemas da vida, para que a paz e a boa vontade reinem sobre a terra. (BURBANK *apud* YOGANANDA, 2001b, p. 389).

Burbank mostrou ter captado o sentido exato do objetivo da “escola de como viver”: não apenas o desenvolvimento de conhecimentos sobre o mundo exterior ao ser, mas igualmente sobre ele próprio, incluindo autodomínio das emoções e dos sentimentos, saúde física, discernimento intelectual, prosperidade material e sabedoria.

Vivendo mais de 30 anos nos Estados Unidos, Paramahansa Yogananda estendeu os ensinamentos da “escola de como viver” para a realidade do Ocidente, traduzindo a essência da ioga para a mentalidade contemporânea. Demonstrou que os ensinamentos de Jesus Cristo e de Krishna são essencialmente semelhantes, apresentando, sem qualquer contradição, um ideal cristão-hindu. Treinou discípulos, concedendo-lhes orientação com a mesma profundidade da educação concedida pelos mestres da Índia. Atravessou os Estados Unidos de norte a sul, leste a oeste, sempre atraindo multidões para apresentar ao grande público sua filosofia em linguagem adaptada ao estilo de vida do Ocidente, mas sem sacrificar a essência dos princípios da ioga.

O projeto pedagógico de Paramahansa Yogananda está baseado na idéia de que há um modo ideal de viver a ser aprendido. Por isso, sua espiritualidade não envolve apenas conceitos religiosos, uma vez que aprender a viver implica aprender sobre todos os aspectos da vida, não apenas espirituais.

A idéia de aprender a viver um modo de vida ideal, contudo, parece uma grande abstração, por isso é necessário ressaltar que essa idéia não significa a transmissão de um conjunto de preceitos que, uma vez seguidos, podem garantir essa conquista. Ninguém poderá negar que a capacidade de superar os revezes da vida é uma forma ideal de se viver, pois não é admissível para a vida em sociedade que as pessoas se embruteçam naquelas situações mais difíceis que todos enfrentam.

Não é possível ensinar um conjunto universal de regras que garanta que as pessoas aprendam a ter autocontrole perante todas as situações de infortúnio. É possível, todavia, ensinar uma base de conhecimentos metodologicamente organizada que permita o desenvolvimento autodirigido da apreciação equilibrada nessas situações dolorosas, do mesmo modo que se pode ensinar um conjunto de exercícios físicos, válido universalmente para todas as pessoas, capaz de

garantir o bem-estar geral do organismo, exigindo, em ambos os casos, nada além da disposição para a realização dos necessários procedimentos científicos.

A “escola de como viver” de Paramahansa Yogananda, a logo adaptada ao estilo de vida contemporâneo, tornou-se depois francamente acessível aos ocidentais por meio da organização que fundou na cidade de Los Angeles, a *Self-Realization Fellowship*, dando acesso público aos mesmos ensinamentos concedidos aos seus discípulos diretos, elaborando um completo e detalhado curso gratuito enviado por correspondência, disponibilizando abertamente sua filosofia à nova mentalidade do terceiro milênio.

A “escola de como viver” envolve todos os aspectos da existência e tem o propósito de ensinar o caminho prático e a sabedoria capaz de guiar com segurança a vida realizada com plenitude e alegria. O estudante da “escola de como viver” de Paramahansa Yogananda a frequenta informalmente por toda a vida. Não tem matrícula nem muros definidos, faixa etária específica, exigência de escolaridade ou data para conclusão, mas tem notas colhidas em cada evento da existência.

Após um treinamento completo, os estudantes desse tipo de escola devem fazer um contínuo exame introspectivo, durante a vida inteira; os vários diplomas conquistados serão saúde, prestígio, eficiência, riqueza e felicidade. (YOGANANDA, 2001, p.347).

## **O DOMÍNIO SOBRE OS HÁBITOS NA “ESCOLA DE COMO VIVER”**

Elevar-se acima dos hábitos é a primeira e mais simples lição para o domínio consciente e soberano das experiências pessoais. A questão sobre hábito, no âmbito da espiritualidade científica do Oriente, não é tratada numa perspectiva moral, mas como liberdade.

No campo da moralidade, as pessoas discutem sobre como evitar os “maus hábitos” e optar por desenvolver “bons hábitos”, porque isso implica melhor adaptação às normas sociais estabelecidas ou a um determinado padrão de comportamento desejável. Sabemos, entretanto, que poderíamos viver muito bem sem determinados hábitos familiares e sociais, e que a negação de alguns deles permitiria conquistar objetivos verdadeiramente saudáveis à sociedade.

Você deve fazer um esforço para libertar-se gradualmente da escravidão a todo hábito: no vestir-se, no comer, etc. Muitas pessoas pensam que precisam comer carne três vezes ao dia. Outras estão convencidas de que só devem comer alface e nozes, e que ficarão doentes se variarem a dieta ! Essas crenças são formas de escravidão. Não se deixe escravizar a nenhum hábito de vida; ao contrário, seja capaz de mudar de hábitos quando a sabedoria aconselhar.

Aprenda a viver corretamente, usando seu poder de livre escolha, guiado pela sabedoria. Seja capaz , uma noite, de dormir confortavelmente em uma cama macia e, com igual conforto, no chão, na noite seguinte. Esse divino desapego ao hábito é a liberdade preconizada pelos mestres da Índia. (YOGANANDA, 2001, p.409).

Hábitos podem ser abordados como liberdade no sentido que as pessoas devem ser capazes de fazer ou deixar de fazer escolhas, exercendo soberanamente a própria vontade. Determinados hábitos têm o poder de atentar contra essa soberania, e são capazes de escravizar a conduta das pessoas. Nem sempre é possível saber com antecedência se determinada atitude contraria os objetivos projetados para um conjunto de ações. Se essa atitude se repete no tempo, então, ela constitui um hábito, e se esse hábito freqüentemente conduz a resultados negativos ao final do curso das ações, é evidente que se trata de um mau hábito. Se, apesar de conhecermos os resultados negativos de uma atitude, insistimos em sua prática, significa dizer que estamos escravizados a essa atitude ou hábito. “Maus hábitos nos movem a fazermos coisas que nos envergonham, coisas que preferíamos não fazer. Quebram nossas resoluções formais, nossas decisões conscientes”. (DEWEY, 1924, p. 49).

As pessoas têm medido seu grau de liberdade individual e de capacidade de alcançar objetivos pelo poder de dominar os hábitos que contrariam esses objetivos, chamados, por isso, de “maus hábitos”, e de desenvolver comportamentos que trabalham a favor desses objetivos, chamados, por isso, de “bons hábitos”. Mais que herança familiar, participação de um determinado círculo cultural ou influência ideológica, os hábitos possuem lugar central na capacidade das pessoas de alcançar êxito nas suas ações. “As suas inspirações passageiras, ou idéias brilhantes, não controlam tanto sua vida como o fazem seus hábitos mentais diários”. (YOGANANDA, 1996, p.21/03).

Como nascem os hábitos, como se desenvolvem e como definham são questões de grande interesse de uma educação voltada para o cultivo da autonomia e da liberdade.

## **AUSÊNCIA DE ATENÇÃO AO MOMENTO PRESENTE**

Hábitos são ações que possuem a peculiaridade de se realizarem por si mesmas, independentemente da força ou vontade consciente. Se tivéssemos que reaprender todos os dias as ações corriqueiras, como andar ou mastigar, então a vida se tornaria insuportável. “O hábito é um mecanismo automático para praticar ações sem empregar o esforço mental e físico normalmente envolvido para realizar novas ações”. (YOGANANDA, 2001, p.403). Tal é sua automaticidade que, segundo Dewey, os hábitos podem ser comparados a funções biológicas que realizam atividades involuntárias, atuando mediante um movimento ordenado e harmônico:

Hábitos envolvem habilidade dos órgãos sensíveis e motores, destreza ou habilidade e materiais objetivos. Assimilam energias objetivas e procuram o domínio do ambiente. Requerem ordem, disciplina e manifesta técnica. (DEWEY, 1924, p. 37).

Nascendo junto com as pessoas, os órgãos se desenvolvem com uma função pré-estabelecida. Os hábitos, porém, são adquiridos e se tornam mais fortalecidos à medida que são repetidos. Não se limitando a padrões mecânicos, incluem os padrões mentais de comportamento. "Toda atividade humana, seja executada externamente como um movimento físico, seja internamente como um processo intelectual, é um voto dado a determinado hábito". (YOGANANDA, 2001, p.399).

## **INFLUÊNCIA SOCIAL NO DESENVOLVIMENTO DE HÁBITOS**

É evidente que há uma pressão externa incidindo sobre os hábitos das pessoas. Elas não sabem explicar por que e como adquiriram muitos hábitos que cultivam. Realmente é difícil compreender como nasceu o hábito de almoçar todos os dias e como se tornou parte da cultura brasileira; ou como se desenvolveu o hábito de comer pipoca no cinema. Uma vez que, no cinema, é

possível comer coisas diferentes de pipoca, e que nem em todo país se observa o hábito de almoçar, é fácil compreender que houve uma influência da cultura nacional ou de determinada força econômica sobre esses hábitos. Para Dewey, é inegável que, “o ambiente social atua sobre os impulsos nativos e também, manifestadamente, sobre a linguagem e os hábitos morais”. (DEWEY, 1924, p.36).

A influência sociocultural é capaz de marcar tão fortemente as pessoas que certos comportamentos são relacionados a determinados espaços geográficos. Desse modo, o brasileiro, em geral, é visto como alguém alegre, extrovertido e liberal, dada a imagem associada a diversas pessoas desse grupo ao longo do tempo. O hábito de um povo de consumir certa bebida ou determinado alimento significa dizer que se espera que alguém vindo dessa região provavelmente os aprecie. “O que faz uma pessoa agir diferentemente de outra? Hábitos de vida, de comportamento e de pensamento; hábitos de ambiente e de nacionalidade”. (YOGANANDA, 2001, p.408).

## **ELIMINAÇÃO DOS MAUS HÁBITOS**

Para Dewey, não é possível mudar de hábitos de forma direta. Paramahansa Yogananda, contudo, sugere a força de vontade, agindo diretamente contra um hábito a ser combatido: “vontade não guiada pelo hábito é vontade pensante. Se não quer fumar, não fume. Se não sente fome, não coma só por hábito”. (YOGANANDA, 2001, p. 420). Ele relata uma interessante situação, em que foi capaz de detectar um mau hábito formado, e livrar-se imediatamente dele pela força de vontade:

Eu gostava de ‘ginger aler’<sup>33</sup> porque me recordava a limonada indiana. Alguns estudantes trataram de ter a bebida sempre à minha disposição, onde quer que eu fosse. Um dia, descobri que o estoque havia acabado e senti falta. ‘Sr. Ginger Aler’, disse eu, ‘você foi longe demais e sequer percebi! Adeus’.

No dia seguinte, bebi de propósito de um gole de ‘ginger ale’ para testar-me, e achei horrível. Meu pensamento do dia anterior fora tão forte que o desejo imediatamente acabara. (YOGANANDA, 2001, p.92).

---

<sup>33</sup> Refrigerante de gengibre

Para ele, a melhor forma de livrar-se de um hábito é permanecer atento ao momento em que ele está se instalando, uma vez que a força de vontade necessária para superá-lo será proporcional à quantidade de vezes em que foi repetido:

(...) proteja-se, portanto, da primeira execução de um ato errôneo. O que você faz uma vez, provavelmente fará de novo. É pela repetição que um hábito aumenta e torna-se cada vez mais forte, como uma bola de neve a rolar. (YOGANANDA, 2001, p. 400).

Difícilmente um hábito pode ser superado quando há uma imposição de terceiros para abandoná-lo. Para superar um hábito, deve haver tal concentração de esforços, que isso só é possível quando nasce de uma decisão própria. Em sua autobiografia, Gandhi relata a experiência sobre a importância do exercício da autonomia para maior possibilidade de êxito na superação de hábitos:

As restrições impostas de fora raramente têm sucesso, mas quando são auto-impostas, têm um efeito decididamente salutar. Assim, imediatamente depois de ser libertado da prisão, impus-me as duas regras. Na medida em que era possível, parei de tomar chá e acabava a última refeição antes do pôr do sol. Agora, nenhuma das duas requer esforço para ser observada. (GANDHI, 2003, p.283).

Embora Dewey não admita a eliminação do hábito de forma direta, ele concorda com a idéia de que os hábitos possam ser eliminados indiretamente, “modificando as condições, através de uma inteligente seleção e oposição dos objetos que atraem a atenção e que influem na satisfação dos desejos”. (DEWEY, 1924, p.44). Nesse exemplo de Gandhi, a temporada na prisão serviu como elemento catalisador para eliminação de um hábito indesejável para ele.

## **COMO DESENVOLVER BONS HÁBITOS**

Uma vez que não é possível viver sem hábitos, então que sejam bons esses hábitos, isto é, que conduzam a ações necessárias à conquista dos objetivos eleitos como importantes para a vida. Se alguém elegeu como objetivo o caminho da atividade intelectual, será necessário desenvolver o hábito da leitura, o que facilitará a consecução do objetivo colimado. Se alguém elegeu como meta a manutenção permanente da saúde, será necessário, dentre outras coisas, desenvolver bons hábitos alimentares.

O primeiro cuidado necessário ao desenvolvimento de bons hábitos, portanto, é a clareza e um forte desejo em relação aos objetivos que se intenta alcançar. Quem possui essa clareza, naturalmente, também saberá que habilidades habituais serão necessárias. Uma vigilância permanente sobre todas as ações também é importante para impedir que hábitos prejudiciais a que se alcance os objetivos eleitos sejam formados. Deve imperar “a razão em todas as atividades; do contrário, você pode converter-se, impensadamente, em escravo indefeso de hábitos indesejáveis”. (YOGANANDA, 2001, p. 400).

A técnica de substituir um mau hábito por um bom hábito oposto é de grande utilidade, pois evita a atitude negativa de lutar para derrotar um inimigo sem antes eleger o sucessor do seu trono. Eleger, antes da luta contra o mau hábito, o bom hábito substituto, ajuda no desenvolvimento da força de vontade necessária para pôr fim a uma ação física ou mental diversas vezes repetida.

### **A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA NA “ESCOLA DE COMO VIVER”**

As crises vividas pela contemporaneidade são de ordem prática e não consistem na ausência de teses metafísicas, que abundam, mas da ignorância sobre como experienciá-las. A idéia de justiça mais perfeita possível que alguém é capaz de conceber deveria ter o potencial de experiência, viabilizando a justiça atual na direção dessa justiça teorizada como ideal.

A “escola de como viver” apresentada por Paramahansa Yogananda descende da escola espiritual indiana, denominada Ioga, existindo há mais de 5.000 anos. Essa escola tem como foco principal a aquisição do conhecimento pela via da experiência, com resultados conhecidos mediante o estudo da vida de muitos dos seus praticantes, e com potencial de verificação pelo educando em sua própria vida. Para ele, a educação espiritualista voltada para a experiência é a única que pode oferecer a fundamentação científica que o Ocidente confia e a possibilidade real para os seres humanos alcançarem os objetivos propostos por ela.

Segundo o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, “é a comunidade de experiência que distingue o homem experimentado daquele que está preso aos dogmas”. (GADAMER, 1997, p.472). O erudito indiano Patânjali, que viveu na Índia no segundo século antes de Cristo, atuando no campo espiritual, asseverou

o mesmo: “O ritual exterior não pode destruir a ignorância, pois não são mutuamente contraditórios (...) Só o conhecimento que foi experimentado destrói a ignorância”. (*Apud* YOGANANDA, 2001b, p. 267).

É a experiência que contradiz ou confirma o especulativo. À medida que qualquer realidade se apresenta na forma de experiência, desvelada está a verdade relativa a ela. Cada experiência realizada suscita novas conjecturas, que levam a novas experiências, num amadurecimento real sem fim determinado. Mesmo que se possa tecer considerações sentimentais mais terrivelmente bem elaboradas sobre a escuridão, a experiência de aí nada encontrar elimina qualquer medo.

A experiência é o sabre inexorável que desce sobre a mentira, o clarão que extingue as trevas do engano. Logo que vieram à tona as experiências sobre os meios de propagação da vida, olvidaram-se as conjecturas aristotélicas sobre geração espontânea.

A teoria pretende antecipar experiências ainda não realizadas e, nesse caso, trata-se de conhecimento especulativo, apenas com pretensões para firmar-se como verdade. A cadeia de conhecimentos teóricos encontra o correto direcionamento quando a experiência os confirma ou não<sup>34</sup>. A teoria subsiste enquanto não foi possível uma experiência; na experiência, é elevada a saber e é esse saber que vai constituir a sabedoria, pois saboreada foi a realidade.

“A experiência detém uma posição insuperável frente ao saber e frente àquele ensinamento que provém de um saber geral e teórico ou técnico”. (GADAMER, 1997, p. 465). Dessa realidade insuperável é que nasce toda a riqueza da experiência: o constante embate entre o exeqüível e o inviável, quando a experiência entra em choque com realidades naturais, tangíveis ou não, transforma-se apenas numa tentativa de experiência frustrada, mostrando os limites da teoria que a inspirou. “Experiência sem filosofia é cega; a filosofia sem experiência é vazia: não se pode ter realmente filosofia sem a experiência em relação à qual ela é a resposta”. (MARQUARD *apud* ROHDEN, 2003, p.78).

---

<sup>34</sup> “Não exigirei que um sistema científico seja susceptível de ser dado como válido, de uma vez por todas, em sentido positivo; exigirei, porém, que sua forma lógica seja tal que se torne possível validá-lo através de recurso a provas empíricas, em sentido negativo: deve ser possível refutar, pela experiência, um sistema científico empírico” (POPPER, 2003, p. 42).

Uma “escola de como viver” é radicada no discernimento que se deseja obter por intermédio da percepção real da experiência de quem ensina. Em outros termos, não é possível educar no educando algo que o próprio educador não sabe o que é. Por isso,

(...) educadores, ginastas, pregadores, reformadores, médicos e legisladores acelerarão o verdadeiro progresso da civilização apenas quando forem os primeiros a aprender – e depois a ensinar – o desenvolvimento harmonioso de todos os aspectos da vida e da natureza humanas. Esta é a verdadeira educação e a cultura humana holística que o mundo inteiro procura. (YOGANANDA, 2001, p. 345).

Consideramos apresentados os principais aspectos da “escola de como viver” de Paramahansa Yogananda. Elaborada em bases factíveis, ela se mostra compatível com os ideais da Educação Holística destacados por Yus (2002), expressos nos tópicos equilíbrio, espiritualidade, cooperação, experiência e globalidade. A universalidade de seus princípios, radicados em ideais não sectários, não se propõem a ensinar preceitos religiosos, nem discutir doutrinas ou teologias, mas mostrar o caminho para o pleno desenvolvimento humano.

As autoridades pedagógicas consideram impossível ensinar princípios espirituais em escolas públicas, porque os confundem com os diversos dogmas de religiões conflitantes. Se, porém, se concentrassem nos princípios universais da paz, do amor, do serviço, da tolerância e da fé, que governam a vida espiritual, e se planejassem métodos práticos para fazer crescer essas sementes no solo fértil da mente infantil, então a dificuldade imaginária desapareceria. É um grande equívoco ignorar esse problema só porque é aparentemente difícil. (YOGANANDA, p.345).

Uma pedagogia espiritual fundada em bases científicas, capaz de abranger o ser em sua totalidade, mediante o desenvolvimento ordenado de corpo, mente e espírito, e do despertar da visão panorâmica da vida, pode apresentar à humanidade a harmonia entre uma existência progressista e saudável e o usufruto equilibrado dos preciosos e limitados recursos da Natureza.

A elaboração de um novo sentido de existência, agora baseado na plenitude da vida integral, é o caminho para realização desse sonho.

## CAPÍTULO 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

*\_ Escolas como a sua são a única esperança para a nova era (...) As inovações educacionais para crianças deveriam tornar-se mais freqüentes, mais corajosas. (Lutero Burbank)*

O ideal separatista é um dos maiores trunfos da ideologia cartesiana. O cartesianismo, no seu desenvolvimento, tratou o mundo como um conjunto de componentes separados uns dos outros, funcionando ao modo de uma grande máquina. Tal tendência de separar ser humano e a Natureza também separou humano de humano, invadindo com toda naturalidade o reino das relações interpessoais, ao transportar os valores distintivos do ser humano para escalas mensuráveis, quantificáveis pelo padrão de consumo, produção de renda ou de competição.

O problema da consciência contemporânea fragmentada, ao ignorar por completo sua natureza espiritual, consiste no unilateralismo em enxergar apenas o que a distingue e separa dos demais elementos da Natureza e negar a dimensão que se entrelaça com o Todo. Por isso, profana, abusa e explora sujeitos que são para ele meros objetos.

O vácuo de sentido de existência instalado na mentalidade contemporânea encontra-se perigosamente voltado para objetivos meios, meros meios de sobrevivência. Em todos os quadrantes do Planeta, um grande vazio existencial toma conta da mentalidade coletiva, capaz de enxergar nas plantas, nos animais e na Natureza como um todo apenas aquilo que é capaz de sustentar seu corpo biofísico e proporcionar-lhe segurança e bem-estar num nível máximo possível. Antes, o ser humano andava aterrorizado pela perspectiva da falta de um prato de comida. Atualmente, enquanto uma boa parcela da humanidade continua correndo atrás desse prato, a outra acrescentou a ele uma montanha de novas “necessidades” para garantir o luxo e a suntuosidade, sem os quais não vislumbra possibilidade de ser feliz. À necessidade legítima de nutrir o corpo acrescentaram-se novas e extravagantes necessidades.

Toda a crise ecológica foi criada pelo próprio ser humano, desde que decidiu “civilizar-se”. Nele se encontram as raízes mais profundas e essenciais dos problemas, agora visíveis para todos. Urge uma solução, que ainda não se

avizinha de todo, ou o ser humano deverá, inevitavelmente, arcar com as graves conseqüências de suas extravagâncias. Poderá ele suportar tão onerosos encargos?

A hegemonia do ideal materialista trouxe grande conforto para uma parte do mundo ocidental, a um preço demasiadamente elevado, de modo que a vida humana no Planeta se encontra ameaçada de maneiras diversas. Como se trata de um projeto eminentemente unilateral, traz progresso material de um lado, mas destruição de outro.

Semelhante a um agente tumoroso em sua atividade destrutiva no organismo, surgindo apenas tardiamente os indícios da ação deletéria, os efeitos da crise somente agora são revelados. Mudanças climáticas violentas, como enchentes, secas e, principalmente, os sinais inequívocos de um aquecimento da Terra provocado pela atividade econômica desenfreada, exige do ser humano um repensamento sobre o *modus vivendi* das sociedades contemporâneas, com base na idéia de crescimento econômico e consumo sem limites e no ideal de acumulação individual. A espécie humana encontra-se aproximada ao cadafalso da própria insanidade.

Rees (2005) alerta-nos sobre os desastres aos quais a humanidade se encontra sujeita, capazes de comprometer a possibilidade de existência de vida humana sobre a Terra. Os seres humanos estão avançando sobre os recursos naturais com tal voracidade que seriam necessários quase três planetas para sustentar o ideal de progresso contemporâneo. “O mundo simplesmente não poderia manter para sempre sua população inteira vivendo segundo o estilo de vida atual dos europeus e dos norte-americanos de classe média” (p.116), é sua conclusão. A humanidade encontra-se ainda sob o risco da ação de fanáticos fantasiados de revolucionários. Argumentando tentar proteger seus recursos e sua cultura, ameaçam a segurança, acenando com possíveis ataques nucleares de grande porte, capazes de afetar a vida imediata de milhares de pessoas.

Além dos riscos inerentes às reações incontroladas da Natureza, como os recentes tsunamis varrendo populações inteiras, ciclones e furacões destruindo vidas e habitações, ainda estamos sujeitos a tropeçar nos instrumentos de progresso do saber engendrados pelo próprio ser humano, geralmente colocados

a serviço do desenvolvimento material. Toda nova tecnologia revolucionária sempre apresenta um lado aterrador, quando mal utilizada.

A alta tecnologia encontra-se disponível aos fanáticos, capazes de espalhar o terror com uso dos instrumentos biotecnológicos, e também sujeita a erros enquanto manipuladas nos seus processos de desenvolvimento. Rees (2005) não enxerga possibilidade de um consenso sobre uma moratória no progresso científico, nem a possibilidade de elaboração de leis capazes de frear o desenvolvimento de pesquisas em áreas potencialmente arriscadas a provocar catástrofes em larga escala.

O economista-ecólogo Nicolas Georgescu-Roegen sugere que o destino do ser humano pode estar relacionado a uma existência pródiga e cheia de aventuras, que pode lhe custar uma passagem fugaz pela Terra:

Talvez o destino do ser humano é de ter uma vida breve mas febril, excitante e extravagante ao invés de uma vida longa, vegetativa e monótona. Neste caso, outras espécies, desprovidas de pretensões espirituais, como as amebas, por exemplo, herdariam uma terra que por muito tempo ainda continuaria banhada pela plenitude da luz solar. (*Apud* Boff, 1995, p.42).

Revela-se a estratégia humana de tentar, permanentemente, esticar a corda até o limite, a fim de manter a harmonia e o ritmo da melodia que celebra os funerais de uma ignorância em constante convalescença. Não será tarefa heróica da irmã Terra permitir que o ser humano dê vazão à loucura, até que compreenda seus limites pela própria experiência, realizando, nessa trajetória, o projeto evolutivo programado pela Natureza? Que suplícios a Irmã mais experiente deve impor à consciência humana para que desperte do seu sono? *Vingança de Gaia*, título do livro de Lovelock, assumindo o sentido de “Repreensão de Gaia”, parece bem colocado.

Não poderá a racionalidade humana, todavia, despertar antes que a Natureza lhe aplique lições mais duras? Que lições faltam à mentalidade do Ocidente para conhecer e experimentar um ideal integrativo que, superando a perspectiva limitadora de uma consciência agrilhoadada aos apelos limitadores de corpo e mente, possa romper com a perspectiva devastadora do meio ambiente? Como e onde começar?

A humanidade se encontra a meio caminho entre o direcionamento cartesiano que trata o homem e sua morada como entidades separadas e o modelo que exige um novo pacto globalizante com a Natureza, novos valores que levem à utilização dos avanços técnico-científicos, não para extinção daquela, mas para seu beneplácito, trazendo à tona uma realidade que, tudo indica, é na forma de uma grande teia que abriga relações pluridimensionais.

Observando as discussões emergentes no âmbito das comunidades de nações e no trabalho de muitos estudiosos, bem como as incipientes práticas e atitudes, tais como a meditação, que se assomam, embora ainda timidamente, no conjunto de hábitos de muitas pessoas, é salutar sonhar em que o projeto humano de auto-realização pelo usufruto das coisas materiais, embora ainda em estado crescente, tenha já ultrapassado seu ponto inflexão.

Neste momento, novos modelos conceituais de existência são discutidos em todas as esferas. Nunca se falou tanto sobre quântica, mudança de paradigmas, espiritualidade e holística. Uma cosmovisão que abandona a percepção de uma Natureza separada do ser humano encontra-se em tessitura. “Uma corrente inteligente e evolutiva de sintonia, de amizade e de cumplicidade encontra-se em expansão, neste momento, em escala mundial, para que o projeto humano não naufrague”. (CREMA & ARAÚJO, 2001, p.16).

De toda parte muitas vozes apontam para o desenvolvimento de novos valores e de novas atitudes. Arora propõe nos livrarmos da escravidão do tempo para uma vida mais eficiente e harmoniosa e desenvolvermos *hobbies* simples, refinados e saudáveis, tais como a pintura, a leitura, a jardinagem e a fotografia para melhorar os estressados ambientes de trabalho e “despertar a sensibilidade e a consciência ecológica”. (ARORA, 1999,p.87).

Frankl festeja os resultados de sua terapia, cujo caráter é holístico, demonstrando o depoimento até de presidiários a caminho da cadeira elétrica que se declararam curados e felizes, como no caso de Greg B.:

Somente agora começo a viver e como é delicioso esse sentimento (...) Estamos quase no Natal, mas a logoterapia tem sido para mim uma manhã de páscoa. Do calvário de Auschwitz surgiu nossa manhã pascal. (Apud FRANKL, 2005, p.36).

Alves festeja a existência bem-sucedida da escola sem currículo fechado e sem salas de aula divididas por faixa de escolaridade, em que alunos de níveis diferentes se ajudam de forma cooperativa e criam, eles próprios, as regras de convivência.

Contei sobre a escola com que sempre sonhei, sem imaginar que pudesse existir. Mas existia, em Portugal ... Quando a vi, fiquei alegre e repeti, para ela, o que Fernando Pessoa havia dito para uma mulher amada: 'Quando te vi, amei-te já muito antes (...)' (ALVES, 2001, p.51).

Crema entrevê os sinais de uma embrionária era sendo gestada no seio do espírito humano. Uma mentalidade saudavelmente progressista já manifestada por muitos líderes do Ocidente conspira a favor de um realinhamento cultural e de uma nova cosmovisão a elaborar o

(...) modelo quântico do Universo como teia de eventos interconectados, participando de uma nova consciência comum, aplicado às relações sociais e a uma nova visão de liderança, em substituição ao agonizante modelo cartesiano, que tão bem conhecemos – e sofremos. (CREMA, 1989, p.110).

Capra desafia a atitude unilateral das ciências ao elaborar uma sofisticada teoria dos sistemas. Conclui que a integração harmoniosa do indivíduo a espaços mais vastos não apenas preserva sua individualidade como lhe proporciona saúde, flexibilidade, interatividade e equilíbrio dinâmico. Percebeu ele um movimento de grandes mudanças, também identificando diversos sinais alentadores no desenvolvimento de uma nova humanidade. O novo papel de liderança assumido pela mulher nas empresas e organizações, cuja tendência à conexão com a Natureza já contribui na elaboração de um conjunto de valores, influenciando a vida social e política; as prioridades de novos movimentos sociais agora voltados para a busca de justiça social, equilíbrio ecológico, auto-realização e espiritualidade; o movimento de consumidores, que buscam um estilo de vida descentralizado, cooperativo e ecologicamente harmonioso; o movimento de participação dos trabalhadores nas empresas para desenvolvimento da autogestão; a tendência de muitos grupamentos europeus e norte-americanos em reduzir voluntariamente suas rendas em favor de um estilo de vida baseado nos

princípios de simplificação voluntária; o trabalho dos psicólogos humanistas agora concentrados nas necessidades não-materiais de auto-realização, altruísmo e relações interpessoais ditadas pelo amor.

Embora a cultura materialista ainda domine amplamente, a tendência inevitável do seu declínio pode ser percebida por essas e diversas outras forças renovadoras.

Ao aproximar-se o ponto de mutação, a compreensão de que mudanças evolutivas dessa magnitude não podem ser impedidas por atividades políticas a curto prazo fornece a nossa mais robusta esperança para o futuro. (CAPRA, 2005, p.410).

Rohden celebra os resultados de uma filosofia baseada na “escola de como viver” de Yogananda. Para ele, uma nova ética expressa no relacionamento interpessoal e social, e também com os elementos da Natureza, é o corolário da intuição e harmonia permanente com a consciência da essencial unidade do Todo.

A percepção nítida da realidade objetiva do universo não pode deixar de se refletir na vida subjetiva do homem realmente filósofo. O conhecimento do seu ser afeta necessariamente o seu agir, porquanto *‘agere sequitur esse’* (o agir segue ao ser). O homem que realmente sabe o que ele é agirá em conformidade com o seu ser. A sua ética assumirá as cores da sua metafísica. (ROHDEN, 1997, p.29).

Lecionando na Universidade de Washington nos anos cinqüentas, Rohden transmitiu com êxito os ideais holísticos de sua Filosofia Univérsica, recebendo de seus alunos muitos depoimentos das mudanças operadas em suas vidas. Ouviu certa vez a exclamação de uma aluna: “tornei a viver!”. Sentia-se ela tão feliz com suas novas perspectivas que “se inscreveu numa sociedade missionária e foi ao coração da África para levar àqueles povos um pouco da exuberante vida nova e intensa felicidade”. (ROHDEN, 1997, p.14). Quando se achava em despedida do seu trabalho nos Estados Unidos, recebeu de outra aluna a indicação do alcance do seu curso filosófico por meio de um significativo agradecimento: “você me libertou de todas as minhas prisões”. (ROHDEN, 1997, p.14).

Yus (2002), reconhecendo as deficiências dos programas educacionais para o desenvolvimento pleno das pessoas, propõe uma Educação Holística a fim

de superar a hierarquização dos programas educativos baseados na tradição cartesiana que favorece algumas áreas (corpo e mente), reprime outras por considerá-las primárias (emoção) e relega ao campo imaginário a dimensão espiritual, ao confundir espiritualidade com dogmatismo.

A Educação Holística procura levar em conta as dimensões globais de cada pessoa em seus aspectos físicos, intelectuais, criativos, estéticos e intuitivos. Evitando definir uma técnica particular, a Educação Holística estimula o desenvolvimento de comunidades de aprendizagem dinâmica para dar conta dos surpreendentes e multifacetados aspectos da realidade. Yus reconhece que a Educação Holística “é nutridora de pessoas saudáveis, completas e curiosas, que podem aprender qualquer coisa que precisem e em qualquer contexto”. (YUS, 2002, p.17).

O caminho para a boa Educação Ambiental holística não é ensinar o caminho da fuga do mundo, seja por medo da “vingança de Gaia”, seja para proteger uma “inocente” e “desprotegida” Natureza, prestes a esboroar-se espaço afora.

É supremo privilégio do homem verdadeiramente espiritual amar o mundo material sem nenhum detrimento para sua espiritualidade, mas antes como meio para ulterior espiritualização. O materialista abusa do mundo. O asceta recusa o mundo. O homem espiritual usa o mundo. (ROHDEN, 1991,p.47).

Supomos neste trabalho que, ao final de todo o processo de acolhimento dos novos metamodelos, não teríamos um vencedor apenas. Os melhores aspectos dos metaparadigmas cartesianos e quânticos deverão se integrar harmoniosa e equilibradamente em favor da formação de uma mentalidade holística que leve em conta os aspectos quantitativos e qualitativos, materiais e espirituais, físicos e mentais; ativamente doadora e eficiente, amorosamente acolhedora e eficaz.

É difícil sequer imaginar como as sociedades estarão organizadas nesse contexto de equilíbrio dinâmico. Tal realidade, pertencente por ora a uma dimensão volitiva, alimenta a determinação para direcionar os esforços na elaboração de um novo sentido de existência coletivo.

Yogananda procurou exercitar a percepção de como se organizaria a humanidade do futuro. Buscando compreender o significado dos eventos

históricos, percebeu que o período próximo à Revolução Francesa inaugurou o fim da era materialista pura, iniciando-se uma nova era progressista que, embora ainda fortemente influenciado pelo ideal materialista, tem como característica mais marcante o domínio dos fenômenos eletromagnéticos da Natureza, apontando para uma tendência do desenvolvimento de espiritualidade e um sentimento de unidade entre as nações.

A era para a qual estamos caminhando aponta, segundo Yogananda, para o desenvolvimento dos recursos ocultos da mente, com decremento do uso da tecnologia e incremento do poder mental na cura do corpo, comunicação remota sem uso de equipamentos e conhecimento transcendental livre de dogmas.

Usando do livre arbítrio, cada ser humano pode manifestar de modo expressivo, a qualquer momento, uma imagem mais refinada do Todo. Muitos luminares demonstraram um padrão superior de consciência, mesmo influenciados por culturas marcadas pelo obscurantismo. “Você não precisa esperar pelo fim do mundo para se sentir livre. Existe um outro modo: elevar-se acima da era na qual nasceu”. (YOGANANDA, 2000, p. 67).

Os esforços para a prática de uma interdisciplinaridade não parecem suficientes para fundar o ideal holístico. É urgente a introdução de práticas transdisciplinares, como a meditação, na formação holística que anseia por uma consciência conectada ao Todo. Embora tente superar a especialização do conhecimento fragmentado em disciplinas, bem como perceber a relação entre os componentes cognitivos das diferentes áreas, a interdisciplinaridade carrega alguns vícios da divisão proposta pela racionalidade científica, como a tendência de organizá-la como uma justaposição de conteúdos e de limitar sua aplicação a uma base específica de saberes, um tipo de superespecialização enriquecida por diversos conhecimentos sistematizados.

(...) devem ser buscados diálogos com as diferentes formas de conhecimento e metodologias que busquem o aprofundamento do universo teórico que as questões ecológicas planetárias estão a exigir em um ambiente educacional de pós-modernidade. (SATO ET AL, 2002, p.88).

Autores contemporâneos de áreas diversas de estudo, incluindo a Educação Ambiental, buscam apoio nas abordagens holísticas, ampliando o foco

antes reduzido ao estudo detalhado de fenômenos, como se estivessem isolados de um contexto global.

O ressurgimento das disciplinas holísticas pode ter a sua origem, pelo menos em parte, na insatisfação do público com o cientista especializado que não sabe responder aos problemas de grande escala que precisam de atenção urgente. (ODUM, 1988, p.4).

Um dos receios da mentalidade do Ocidente é receber a influência de um ambiente que lhe parece estranho e fora do contexto. Não encontramos, em toda a obra de Yogananda, qualquer exigência para a prática de rituais, nem para a aceitação de dogmas ou teorias especulativas sobre o Todo. Sua mensagem reivindica uma atitude científica perante a abordagem do Espírito.

Um físico cético tem o direito de expressar sua opinião, mas continua sendo apenas uma opinião, não um fato. Na ciência Física, certos procedimentos devem ser adotados e seguidos, para provar a verdade de qualquer teoria. Os micróbios são invisíveis a olho nu; é preciso usar um microscópio para detectar sua presença. Se uma pessoa se recusa a olhar pelo microscópio, não se pode dizer que tenha testado cientificamente a teoria de que os germes estão ali. Sua opinião, portanto, não tem valor, visto que não observou os critérios prescritos para chegar à verdade da teoria.

O mesmo se dá com assuntos espirituais. O método foi descoberto, as regras estabelecidas e o resultado está à disposição de qualquer um que esteja bastante interessado para experimentar. No mundo ocidental, por falta de um tratamento científico à lei espiritual, o valor da religião foi profundamente subestimado como fator vital na vida do homem, e as doutrinas espirituais são aceitas ou rejeitadas, com base apenas em inclinações pessoais e não como decorrência da investigação científica. (YOGANANDA, 2001, p.210).

O entendimento dos elementos holísticos da “escola de como viver” de Yogananda não aparece condicionado à assimilação de elementos ou conceitos religiosos específicos do hinduísmo. Ao contrário, houve um declarado esforço de Yogananda para adaptação dos conceitos mais profundos da filosofia perene aos aspectos espirituais mais relevantes da mentalidade do Ocidente, sem qualquer prejuízo de sua essência, abraçando a consciência de Cristo (*Kutastha Chaitanya*) como o pólo espiritual por excelência, objetivo realizável, tanto no Ocidente quanto no Oriente, na busca do equilíbrio entre os dois mundos.

Poucos preceptores espirituais, em toda a história da Índia, poderiam se expressar com tal autoridade em um campo tão sujeito a mal entendidos, sem despertar a desconfiança de seus compatriotas, naturalmente ciosos de sua multimilenar cultura. Os orientais se encontram agora buscando assimilar a mensagem de que também precisam aprender com o Ocidente e que, na verdade, o caminho ideal é o intercâmbio do melhor das duas mentalidades.

Sigam o exemplo do grande Cristo, que nasceu no Oriente, dizendo a ambos: 'Aqui estou, entre vós, aprendei mutuamente, equilibrai a espiritualidade com o desenvolvimento material.' Ali está ele – um Cristo do Oriente e do Ocidente – unindo os dois hemisférios com sua mensagem de unidade. Não podem vê-lo? (YOGANANDA, 2001, p.289).

A busca pela consciência do Todo remete à comunhão íntima e à essência de todas as coisas, apenas externamente diferenciadas. Ao identificar-se com o Todo, diz Rohden (1983), o ser humano também reconhece os mesmos reflexos em todos os seus semelhantes e até no mundo infra-humano.

Uma vez conhecido em mim, esse reflexo divino se me torna conhecido em todos os seus recipientes, humanos ou infra-humanos; o meu próprio conteúdo divino é a chave que me revela Deus em todos os outros contenedores divinos. (ROHDEN, 1983, p.84).

Nessa busca, os mestres da Humanidade mostraram o ideal de busca do caminho do meio. Se o ser humano deve ser “inteiro”, então todas as perspectivas do Todo devem ser satisfeitas, tanto material quanto espiritual. Yogananda, nosso autor de base, reconhece a influência das condições externas para alcançar a vida boa: “para ser feliz é preciso ter saúde, uma mente equilibrada, uma vida próspera, o trabalho certo, um coração agradecido e, acima de tudo, sabedoria ou conhecimento do Todo”. (YOGANANDA, 1996, p.23/04).

A idéia da “escola de como viver”, implantada de forma institucional por Paramahansa Yogananda em 1917, explora todo o potencial educativo da ioga, holística em sua essência, e traz a possibilidade de contribuir na preparação do ser humano para uma vida de contínuo equilíbrio interno e externo, uma vez que busca sua formação desde a infância, preparando o cultivo de toda a sabedoria desde a plantação das sementes dos bons hábitos na mentalidade infantil, que

vão formar o adolescente, o jovem e o adulto para uma vida produtivamente positiva em todos os aspectos da existência, abrangendo o corpo, a mente e o espírito.

Mestres, como Paramahansa Yogananda, asseguram ter alcançado o estado ideal máximo de consciência e domínio sobre todos os processos físicos, mentais e espirituais da natureza humana, podendo, desse modo, conceber e transmitir uma pedagogia que oriente qualquer outra pessoa aos mesmos patamares. Sua “escola de como viver”, que exige em seus princípios a força do exemplo para transmitir segurança e horizonte de possibilidades para os educandos, baseia-se na própria realização do Fundador como indicação de viabilidade para aqueles interessados em aplicar os esforços concentrados na busca de um ideal superior.

Ao iniciarmos o presente trabalho, nossa expectativa era encontrar em Paramahansa Yogananda uma pedagogia capaz de contribuir nas questões relacionadas ao desafio de levar a Educação Holística ao âmbito das questões ambientais.

Após conhecer com mais detalhes os fundamentos de sua “escola de como viver”, organizada em bases acessíveis aos ocidentais; baseada na experiência da vida; fundada sobre alicerces espirituais não dogmáticos e abrangendo, sem sectarismo, os conceitos religiosos que cada indivíduo é capaz de manifestar, concluimos que seus ensinamentos são capazes de orientar a consciência contemporânea para atenuar muitos desastres que, tudo indica, se encontram em nossa direção, e, também, para contribuir na formação de uma nova consciência capaz de garantir a existência e a sustentabilidade das gerações do porvir.

## BIBLIOGRAFIA

**ADORNO**, Theodor & **HORKHEIMER**, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

**AGUIAR**, Leonel A. de. *Imaginário e Natureza: Discurso Biocêntrico: uma ética de retorno ao sagrado?* In *Semiosfera - revista de comunicação e cultura*. Ano 3 números 4 e 5. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da UFRJ, 2003.

**ALMEIDA**, Custódio Luis S. de. *Hermenêutica e dialética: dos estudos platônicos ao encontro com Hegel*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

**ALVES**, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus, 2001.

**AMORA**, Kleber Carneiro & **CHAGAS**, Eduardo Ferreira. *Temas da filosofia contemporânea*. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

**ARANHA**, Maria Lúcia de Arruda & **MARTINS**, Maria Helena Pires. *Filosofando – Introdução à Filosofia*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

**ARORA**, Harbans Lal. *A ciência moderna à luz do yoga milenar*. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

**BACON**, Francis. *Novum Organum*. (Coleção os pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 2000.

**BARBOUR**, Ian G. *Quando a ciência encontra a religião*. São Paulo: Cultrix, 2004.

**BERNARDI**, Frei Orlando. *Francisco de Assis – Um caminho para a educação*. Curitiba: Editora Universitária São Francisco, 2003.

**BÍBLIA SAGRADA**, Edição Claretiana. São Paulo: Editora Ave Maria, 1979.

**BOFF**, Leonardo. *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Ática, 1995.

**BRANDÃO**, D.M.S. & **CREMA**, R (orgs.). *O novo paradigma holístico – Ciência, filosofia, arte e mística*. São Paulo: Summus, 1991.

**BURBANK**, Luther. *The Training of the Human Plant*. Los Angeles: Fredonia Books.

- CAPRA**, Fritjof. *O Tao da Física*, 20 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.
- \_\_\_\_\_. *As conexões ocultas – ciência para uma vida sustentável*, 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2002.
- \_\_\_\_\_. *A teia da vida*, 9 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O ponto de mutação*, 25 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2005.
- CHAUÍ**, Marilena – *Convite à Filosofia*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- CREMA**, Roberto. *Introdução á visão holística*. São Paulo: Summus, 1989.
- CREMA**, Roberto & **ARAÚJO**, Washington. *Liderança em tempo de transformação*. Brasília: Letra Ativa, 2001.
- D’AMBROSIO**, U. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Atenas, 1997.
- DESCARTES**, René. *Discurso do Método*, 3 ed. Portugal: Publicações Europa-América Ltda, 1981
- DEWEY**, John. *El Habito y El Impulso En La Conducta*. San Bernardo, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Reconstrução em Filosofia*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Fundo de cultura*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Experiência e Educação*, 2 ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- \_\_\_\_\_. *Vida e Educação*, 10 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1978.
- DIAS**, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*, 5 ed. São Paulo: Editora Gaia, 1998.
- DURKHEIM**, Émile. *Educação e Sociologia*, 11 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- ECO**, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- EDITORA ABRIL**. *Revista veja*, edição 1937 . São Paulo, 2005.
- EINSTEIN**, Albert. *Como vejo o mundo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1981.
- EMERSON**, Ralph Waldo. *Ensaios*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.
- FIGUEIREDO**, João Batista Albuquerque. *O tao ecocêntrico – em busca de uma práxis ecológica*. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 1999. Dissertação (mestrado).
- \_\_\_\_\_. *Educação ambiental dialógica e representações sociais da água em cultura sertaneja nordestina: uma contribuição à consciência ambiental em Irauçuba – CE (Brasil)*. São Carlos: UFSCar, 2003. Tese (doutorado).

- FRANKL**, Viktor E. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Editora Vozes, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Um sentido para a vida*. Aparecida: Idéias & Letras, 2005.
- FREIRE**, Paulo. *Pedagogia do oprimido*, 30 ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.
- FREUD**, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1974.
- GADAMER**, H.G., *Verdade e Método I*, 5 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- GANDHI**, Mohandas K. *Autobiografia - Minha vida e minhas experiências com a verdade*, 3 ed. São Paulo: Palas Atenas, 2003.
- GORBACHEV**, Mikhail. *Meu manifesto pela terra*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- GOSWAMI**, Amit. *O universo autoconsciente*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2003.
- HUME**, David. *Investigação acerca do entendimento humano* (Coleção os pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- \_\_\_\_\_. *História natural da religião*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- IBAMA**. Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. *Educação para um futuro sustentável – uma visão transdisciplinar para uma ação compartilhada*. Brasília: Programa de Educação Ambiental e Divulgação Científica, 1999.
- KANT**, Immanuel. *Crítica da razão pura* (Coleção os pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- KLUGE**, Manfred. *A Sabedoria da Índia*. Editora Tecnoprint S.A., 1984.
- KUHN**, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*, 4 ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- LEITE**, Deodato Ferreira. *Francisco – cantor da paz e da alegria*, 8 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1964.
- LINHARES**, Ângela. *O tortuoso e doce caminho da sensibilidade: um estudo sobre a arte e educação*, 2 ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.
- LOUREIRO**, Carlos Frederico B.. *Trajetória e fundamentos da educação ambiental*, 2 ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- LOVELOCK**, James. *A vingança de Gaia*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2006.

- MARCONDES**, Danilo. *Iniciação à História da Filosofia*, 8 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- MATURANA**, R. Humberto.  *Emoções e linguagem na educação e na política*. Trad. José Fernandes C. Forte, Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 1998
- MATURANA**, H.R. & VARELA, F.J., *A árvore do conhecimento*. Campinas: Psy, 1987.
- MORIN**, E. *Ciência como consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A cabeça bem feita – pensar a reforma, reformar o pensamento*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- MORIN**, E. e LE MOIGNE, J.L. *A inteligência da complexidade*. Petrópolis:Vozes, 2000.
- MÜLLER**, Marcos Lutz. “Vittorio Hösle – uma filosofia da crise ecológica”. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência. Série 3*, v. 6, jul.- dez. Campinas, SP.: Unicamp,1996.
- ODUM**, Eugene P.,*Ecologia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- OLIVEIRA**, Elísio Márcio. *Educação ambiental - uma possível abordagem*, 2 ed. Brasília: Ed.IBAMA, 2000.
- OLIVEIRA**, Manfredo. *Ética e racionalidade moderna*.São Paulo:Loyola, 1993.
- \_\_\_\_\_.*Tópicos sobre dialética*.Porto Alegre, RGS: EDIPUCRS, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Diálogos entre razão e fé*. São Paulo: Paulinas, 2000b.
- OLIVEIRA**, Manfredo & ALMEIDA, Custódio. *O Deus dos filósofos contemporâneos*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- PAIS**, Abraham. *Einstein lived here*. New York: Oxford University Press, 1994.
- PLATÃO**. *Apologia de Sócrates* (Coleção os pensadores). São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.
- POPPER** , Karl. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Editora Cultrix, 2003.
- REES**, Martin. *Hora Final – Alerta de um cientista – O desastre ambiental ameaça o futuro da humanidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ROHDEN**, Huberto. *Bhagavad Gita*, 11 ed. São Paulo: Martin Claret, 1981.
- \_\_\_\_\_. *A filosofia contemporânea*, 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Ídolos ou ideais*, 2 ed. São Paulo: Martin Claret, 1983.

- ROHDEN**, Huberto. *Maravilhas do Universo – uma viagem pelo mundo dos astros, das plantas e dos insetos*, 7 ed. São Paulo: Martin Claret, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Educação do Homem Integral*, 6 ed. São Paulo: Martin Claret, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Tao Te King*, 13 ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O Drama milenar do Cristo e do anti-Cristo*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A metafísica do cristianismo*, 4 ed. São Paulo: Martin Claret, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Einstein – O enigma do Universo*, 8 ed. São Paulo: Martin Claret, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O espírito da Filosofia Oriental*. São Paulo: Editora Martin Claret, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O pensamento Filosófico da Antigüidade*, 5 ed. São Paulo: Editora Martin Claret, 1997.
- \_\_\_\_\_. *De alma para alma*, 18 ed. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- ROHDEN**, Luiz. *Hermenêutica Filosófica*. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.
- RUSCHEINSKY**, Aloísio et al. *Educação ambiental – abordagens múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- SAGAN**, Carl. *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SALVADOR**, Arlete e SQUARISI, Dad. *A arte de escrever bem*. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- SARIEGO**, José Carlos. *Educação ambiental – as ameaças ao planeta azul*. São Paulo: Editora Scipione, 1994.
- SATO**, Michèle; CARVALHO, Isabel et al. *Educação Ambiental - pesquisa e desafios*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- SILVA**, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade - uma introdução às teorias do currículo*, 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- TAGORE**, Rabindranath. *Sadhana - o caminho da realização*. São Paulo: Paulus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O coração de Deus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- TEIXEIRA**, Anísio. *Pequena Introdução à Filosofia da Educação*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.
- TIPLER**, Paul A.. *Física Moderna*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Dois S.A., 1981.

**TOZONI-REIS**, Marília Freitas de Campos. *Educação ambiental – natureza, razão e história*. Campinas: Autores Associados, 2004.

**TZE**, LAO & TZE, CHUANG. *A essência do taoísmo*. Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A., 1985.

**UNGER**, Nancy Mangabeira. *O encantamento do humano – ecologia e espiritualidade*, 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

**WEIL**, Pierre. *Holística: uma nova visão e abordagem do real*. São Paulo, SP.: Palas Atenas, 1990.

**YOGANANDA**, Paramahansa. *The science of religion*, 3<sup>rd</sup> ed. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1994.

\_\_\_\_\_. *Spiritual Diary*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1996.

\_\_\_\_\_. *The Bhagavad Gita - royal science of God-realization; the Imortal dialogues between soul and Spirit – a new translation and commentary*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1996b.

\_\_\_\_\_. *Journey to Self-Realization*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1997.

\_\_\_\_\_. *Onde Existe Luz*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1997b.

\_\_\_\_\_. *A World in transition – finding spiritual security in times of change*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1999.

\_\_\_\_\_. *No Santuário da Alma*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1999b.

\_\_\_\_\_. *The divine romance*, 2<sup>nd</sup> edition. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2000.

\_\_\_\_\_. *A Eterna Busca do Homem*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2001.

\_\_\_\_\_. *Autobiografia de um logue*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2001b.

\_\_\_\_\_. *The second coming of Christ - The resurrection of the Christ within you - a revelatory commentary on the original teachings of Jesus*. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 2004.

**YUKTESWAR**, Swami Sri. *The Holy Science*, 8<sup>th</sup> ed. Los Angeles: Self-Realization Fellowship, 1990.

**YUS**, Rafael. *Educação Integral: uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

**VASCONCELOS**, Eduardo Mourão. *Complexidade e pesquisa interdisciplinar – Epistemologia e metodologia operativa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

**WILBER**, Ken. *A consciência sem fronteiras* 2 ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1998.

## **ARTIGOS DE PERIÓDICOS EM MEIO ELETRÔNICO**

TRATADO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA SOCIEDADES SUSTENTÁVEIS  
E RESPONSABILIDADE GLOBAL:

[http://www.pr.gov.br/meioambiente/educ\\_tratado.shtml](http://www.pr.gov.br/meioambiente/educ_tratado.shtml). Acesso em 16/05/2007